

ELSA BARKER

CARTAS DE UM MORTO VIVO

(letters from a dead
living man)



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.

 **ebook Espírita** 

www.ebookespírita.org



Num circulo vicioso, homem,
Todos os teus esforços se consomem!
O Homem que quer ser Rei;
O Rei que quer ser Deus,
E Deus que se fez Homem!

Guilherme de Almeida

ELSA BARKER

CARTAS DE UM MORTO VIVO

NÚCLEO ESPÍRITA CAMINHEIROS DO BEM

Departamento Editorial:

Lake — Livraria Allan Kardec Editora
Rua Monsenhor Anacleto, 199 — Brás
Fones: 228-2844 — 229-1227 — 229-0526
Cep 03003 — Cx. Postal 15.190 — São Paulo — Brasil

1.^a edição 1978

Impresso no Brasil

Tradução do original norte-americano (Letters from a dead living man), por Ellen.

Capa: Joaquim Alves

Os proventos advindos da venda da primeira edição desta obra foram doados à Casa da Criança de S. João Batista do Glória, orfanato do Núcleo Espírita Caminheiros do Bem, sito à R. Curitiba, 98 — fone 36 — S. João Batista do Glória (MG).

BIBLIOTECA ESPIRITA
IRMÃ CLARA LUZ DIVINAL

CARTAS DE UM MORTO VIVO

(Letters from a dead living man)

ditadas à ELSA BARKER, mal traduzidas por Ellen, revistas por MONTEIRO LOBATO e MARIA JOSÉ SETTE RIBAS, autora do livro: «Monteiro Lobato e o Espiritismo» (Sessões Espíritas de Monteiro Lobato).

Homenagem à memória do queridíssimo Padrinho JÚLIO CESAR DA SILVA, Poeta Parnasiano, autor da sublime «A ARTE DE AMAR» e «SIFONIA EM AZUL MAIOR» e à de BORÍS meu querido e dedicado companheiro de lutas...

Se choras porque perdeste o sol, que pena!
Um dia as tuas lágrimas não te deixarão ver o brilho das estrelas!

Rabindranath Tagore.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA:

Este livro, um dos prediletos de Monteiro Lobato, foi por ele revisto há muitos anos.

Uma velha brochura pertencente à revisora, amiga e colaboradora de Monteiro Lobato, com notas desse autor, à margem, agora encontrada por sua possuidora em sua biblioteca, e em vista do grande e veemente sucesso do seu livro: "Monteiro Lobato e o Espiritismo", lançado em 30 de janeiro de 1972, sugeriu à revisora o propósito de dá-lo, novamente, à publicidade, para que com esses esclarecimentos de que está repleto, das coisas do Além, possa levar ao leitor, (o quanto possível), luzes, explicações e diretrizes para o seu procedimento na sua atual encarnação.

São os votos da revisora, pois esse livro já muito antigo e traduzido por Ellen, (que suscitou várias observações drásticas, em suas margens, de Monteiro Lobato), mereceria vir, novamente, à luz, para cumprir a sua sagrada missão de esclarecimentos aos nossos irmãos da Terra.

Maria José Sette Ribas

Í N D I C E

	PGS.
Prefácio	11
Introdução	13
I — A Volta	19
II — Guarde Segredo	19
III — Vigilância	20
IV — Uma Nuvem no Espelho	21
V — Promessa de Coisas Desconhecidas	22
VI — A Varinha de Condão da Vontade	22
VII — Uma Luz Sob o Véu	23
VIII — A Garra de Ferro da Matéria	24
IX — Onde as Almas Vagueiam	26
X — Um Rendez-vous na Quarta Dimensão	27
XI — Leonel	29
XII — O Mundo dos Modelos	32
XIII — Formas Reais e Ilusórias	34
XIV — Um In-folio de Paracelso	36
XV — Uma Toga Romana	38
XVI — O que se Deve Esquecer	41
XVII — O Encontro da Primeira Esposa	45
XVIII — Infernos Individuais	49
XIX — Um Pequeno Lar no Céu	49
XX — O Homem que Encontrou Deus	54
XXI — O Ócio da Alma	57
XXII — A Serpente da Eternidade	61
XXIII — Para ser Lida Pela Defensora	65
XXIV — Ciência Proibida	67
Mais Tarde	68
XXV — Um Mundo sem Sombras	69
XXVI — Círculos na Areia	72
XXVII — O Círculo Mágico	76
XXVIII — Força do Pensamento	79
XXIX — Um Aviso Inesperado	82
XXX — A Sílabe e o Mágico	85
XXXI — Um Problema de Matemática Celestial	90
XXXII — Uma Transferência de Foco	94
XXXIII — Cinco Resoluções	97
XXXIV — O Regresso de Leonel	99
XXXV — A Alma Misteriosa e Bela	104
O Canto da Alma Misteriosa e Bela	106
XXXVI — A Esfera Oca	108
XXXVII — Uma Chávena de Porcelana Vazia	111

	PGS.
XXXVIII — Onde o Tempo não Existe	116
XXXIX — A Doutrina da Morte	120
XL — A Hierarquia Celeste	126
XLI — A Favorita do Invisível	129
XLII — Uma Vítima do Não-Existente	134
XLIII — Nunca se Está só	139
XLIV — O Reino Íntimo	142
XLV — O Jogo da Ilusão	143
XLVI — Herdeiros de Hermes	145
XLVII — Somente uma Canção	149
XLVIII — As Dádivas Invisíveis Pelo Natal	151
XLIX — O Grande País do Sonho	155
L — Um Sermão e uma Promessa	159
Depois	163
LI — A Primavera do Mundo	163
LII — UM Viúvo Feliz	165
LIII — Os Arquivos da Alma	169
LIV — Uma Fórmula Para Atingir a Dignidade de Mestre	171

CARTAS DE UM MORTO VIVO

(Do original norte-americano: Letters
from a daed living mam)
Ditadas à ELSA BARKER
Traduzidas por Ellen
(Revistas por MONTEIRO LOBATO
e MARIA JOSÉ SETTE RIBAS)

PREFÁCIO

Durante estes últimos anos têm aparecido, de tempos a tempos, várias obras que nos afirmam ser comunicações do outro mundo. Estes livros atraíram num ou dois casos a atenção geral. O presente volume, embora se assemelhe ostensivamente aos livros anteriores neste gênero, faz parte, na realidade, duma categoria muito especial. O nosso interlocutor invisível ocupava em vida uma alta posição na magistratura e a sua atitude para com tudo o que dizia respeito ao outro mundo era muito imparcial. Segundo o que ele próprio diz, penetra nesse mundo com a curiosidade dum explorador que busca novos campos de ciência, e o que ele comunica acerca das suas experiências, dá-nos uma sensação refrigerante de imparcialidade absoluta e de originalidade isenta de insinuações dúbias.

Quanto à autenticidade do documento, dizia a autora, cujo nome como romancista foi muito conhecido, em ambos os lados do Atlântico, que acreditava na verdade genuína que aquelas comunicações encerram, não exigindo, contudo, que todos sejam da mesma opinião. «Cada indivíduo, observava ela, “deve aceitar ou rejeitar, segundo o seu temperamento, experiência e convicção íntima, a veracidade desta prova da sobrevivência da alma após a morte do corpo». Congratulava-se pelo efeito extraordinário que estas cartas lhe produziram, pois fizeram desvanecer por completo o medo da morte que antes a subjugava.

INTRODUÇÃO

Estava em Paris o ano passado, quando, uma noite, me senti fortemente impulsionada a pegar num lápis e a escrever, nem eu sabia o quê. Obedecendo àquela estranha força, a minha mão pos-se em movimento, atuando sob uma força exterior, e em breve surgiu uma invulgar mensagem assinada por «X», cuja origem pessoal era indubitável.

O conteúdo da mensagem era claro, mas a assinatura intrigava-me.

No dia seguinte mostrei o manuscrito a uma amiga e perguntei-lhe se podia dizer quem era aquele “X”.

— “Pois quê”? replicou ela, “ignora que assim chamamos o Sr. “X”...?”

Eu ignorava, com efeito.

Ora o Sr. ... estava a seis milhas de Paris, e, supunhamos nós, ainda entre os vivos. Porém, dali a dois dias recebi uma carta da América, participando-me sua morte, na parte ocidental dos Estados Unidos, uns dias antes de eu receber em Paris a mensagem automática assinada por “X”.

Se não me engano, fui eu a primeira pessoa na Europa, informada da sua morte, e apressei-me a ir comunicar essa notícia à minha amiga. Não ficou surpreendida e até me disse que ao ver a carta de “X” alguns dias antes, ficara logo intimamente convencida do sucedido, embora não mo mostrasse naquela ocasião.

Fiquei, é claro, bastante impressionada por este incidente tão extraordinário.

«X» não era espírita. Eu, de resto, também não sou, nem nunca fui espírita e, se não estou desmemoriada, só duas outras entidades etéreas, isto é, separadas do invólucro terrestre, escreveram automaticamente pela minha mão. Isto

aconteceu em presença dum *médium*; porém as mensagens eram curtas e pouca importância liguei a esses fenômenos.

Durante a minha infância coloquei, várias vezes, a mão sobre uma *prancheta*, com a mão de outra pessoa, e a *prancheta* escreveu as banalidades do costume. Noutra ocasião, alguns meses antes da primeira carta de "X", coloquei a mão sobre uma *prancheta* com a mão dum médium que não era profissional, e foi-me feita a profecia dum fogo na minha casa num determinado mês do ano seguinte, escrita, supusemos nós, por um amigo já falecido; a profecia realizou-se, embora o fogo não fosse causado por mim, nem ocorresse nos meus aposentos.

Amigos meus persuadiram-me, várias vezes, em anos anteriores, a acompanhá-los a sessões espíritas, onde vi as chamadas materializações. Independentemente disso assisti a algumas aparições que, forçoso me foi convencer-me disso, talvez fossem aparições de mortos.

Continuava, porém, a sentir a mais absoluta indiferença por tudo o que diz respeito às comunicações entre os dois mundos. Nunca senti o menor entusiasmo, nem mesmo a mais pequena curiosidade pelo Espiritismo, e tal era o meu desinteresse que nem ao menos tinha lido as mais vulgares obras clássicas sobre o assunto.

E não obstante tive, quase diariamente, durante alguns anos «visões fantásticas», muitas vezes de caráter acentuadamente profético; é possível que as explicações dadas mais tarde por "X" a esse respeito, sejam verdadeiras.

Pouco tempo depois de ter recebido a participação da morte de "X", estava uma noite em companhia da amiga que me tinha informado sobre a identidade de meu estranho correspondente, quando de súbito ela me perguntou se não me importava de o deixar escrever-me, novamente, — caso ele pudesse.

Consenti, não por interesse pessoal, mas sim para satisfazer o desejo de minha amiga e logo se nos deparou, reduzida à escrita pela minha mão, a mensagem seguinte: "Estou aqui, não se engane". As frases eram, às vezes, truncadas, as letras grandes e mal formadas, tudo perfeitamente automático, como da primeira vez. Era tal a força despendida por mim para escrever, que o braço e a mão pareciam paralisados no dia seguinte.

Durante as semanas que se seguiram escrevi, automaticamente, várias cartas assinadas por "X"; porém eu não

sentia entusiasmo nenhum, pelo contrário, este sistema de escrever desagradava-me sobremodo e só a muitas instâncias de minha amiga decidi continuar, vencida pelos argumentos que me apresentava. Com efeito, se "X" desejava comunicar-se com o mundo devia-me considerar altamente privilegiada por poder ajudá-lo.

"X" não era uma pessoa vulgar. Era um magistrado muito conhecido e afamado, de setenta anos, aproximadamente; tinha escrito vários livros, estudando fervorosamente filosofia, um homem, enfim, cujos ideais e aspirações serviam de inspiração a todos quantos o conheciam e com ele lidavam. Nós vivíamos em sítios muito diferentes, de modo que eu só o via de tempos a tempos, com grandes intervalos. Se bem me recordo nunca abordamos o assunto da consciência post-mortem.

Pouco a pouco fui vencendo a minha forte relutância por esse sistema automático de correspondência e por fim já me interessava sobremaneira pelas coisas que "X" me dizia a respeito da vida de além-túmulo. Não tinha, por assim dizer, lido nada sobre esse assunto, nem mesmo as tão populares "Cartas de Júlia"; não tinha, por conseguinte, nenhuma idéia preconcebida.

As mensagens continuavam a ser transmitidas pela minha mão. Em pouco tempo cessou aquela sensação penosa de paralisia no braço e na mão, e a maneira de escrever tornou-se mais regular, embora nunca muito legível.

Durante algum tempo as cartas eram escritas na presença da minha amiga; por fim "X" vinha sempre quando eu estava sozinha.

Tão depressa me fazia escrever em Paris como em Londres, segundo as minhas viagens entre estas duas cidades. Acontecia vir várias vezes durante a semana; mas muitas vezes passava-se quase um mês sem que eu sentisse a sua presença. Nunca o chamei, nem pensava muito nele, nos intervalos das suas visitas. A minha pena, e os meus pensamentos estavam, em geral, ocupados com outros assuntos.

Só posso citar uma única vez em que eu sabia de antemão o conteúdo da carta. Uma noite, ao sentir-me forçada a pegar na pena, previ o que "X" ia escrever; porém, é curioso que me recorde nitidamente deste incidente, e não me lembre nada da mensagem em questão.

Em geral achava-me num estado de semi-inconsciência quando escrevia as cartas, vendo-me obrigada a lê-las mais tarde, a fim de me inteirar do seu conteúdo, visto ser de-

masiado vaga a recordação que delas me ficava. Houve mesmo ocasiões em que o meu estado se aproximava tanto da inconsciência absoluta que ao largar o lápis nem por sombras me recordava do que tinha escrito; isto, porém, raras vezes aconteceu.

Quando primeiro me sugeriram que publicasse estas cartas, com uma introdução minha, não me entusiasmou nada essa idéia.

A vaidadezinha de ser autora de alguns livros levava-me a recear que perigasse a estabilidade da minha reputação literária. Não desejava, de modo nenhum adquirir a reputação de excêntrica, de «visionária extravagante». Contudo, consenti em escrever uma introdução, em que declarava que as cartas tinham sido escritas, automaticamente, na minha presença, o que se aproximava bastante da verdade, mas não completamente. Isto satisfiz à minha amiga; porém, com o decorrer do tempo e depois de muito matutar resolvi-me a alterar o plano, pois não era sincero.

Debati intimamente a questão. Se eu publicasse as cartas sem uma introdução pessoal, seriam consideradas como uma obra de ficção, de pura imaginação, e deste modo as notáveis declarações que elas encerram perderiam inevitavelmente toda a sua força como argumentos convincentes para provar a verdade duma vida imortal. Se eu escrevesse uma introdução declarando que tinham sido escritas, automaticamente, segundo as minhas suposições, na minha presença, tratariam logo, é claro, de perguntar qual tinha sido a mão transmissora, vendo-me eu então forçada a responder evasivamente. Ao passo que, se eu confessasse com toda a franqueza que era eu quem as tinha escrito, estranhamente impulsionada, se contasse tudo exatamente como se tinha passado, só podiam surgir duas hipóteses: ou acreditavam que eram comunicações genuínas duma entidade desencarnada, etérea; ou se persuadiam que se tratava de lucubrações do meu próprio espírito subconsciente. Mas esta última hipótese não justificava a primeira carta assinada por «X», que foi escrita antes de eu estar ao fato da morte do meu amigo; não a justificava, a não ser que se presuma que o espírito subconsciente de cada um seja onisciente. E, neste caso, por que razão teria o meu espírito subconsciente encetado a longa e árdua tarefa de me iludir relativamente a um fato que *não lhe tinha sido sugerido* nem pelo meu próprio espírito objetivo, nem pelo de qualquer pessoa?

Não era, nem é provável que alguém me acuse de fantasiar e enganar, deliberadamente, num assunto tão sério, pois a exuberância da minha imaginação tem na poesia e na ficção bastos terrenos onde se espriar.

Havia já uns dois terços de cartas escritas antes de se resolver esta questão; decidi que se as publicasse acompanhá-las-ia duma introdução franca, declarando as circunstâncias exatas em que as tinha escrito.

Só o processo material de as escrever se prolongou durante um período de mais de onze meses. Depois sobreveio a questão da edição. O que deveria ser omitido? O que deveria ser incluído? Resolvi-me a omitir somente as referências pessoais aos negócios particulares de «X», aos meus e aos dos seus amigos. Não acrescentei coisa alguma. Por vezes, quando o estilo literário de «X» se ressentia demasiadamente de clareza, reconstruí aqui e acolá uma frase, ou evitei repetições; contudo não tomei tantas liberdades, como era meu costume, ao corrigir os manuscritos vulgares que submetiam ao meu veredictum de editora.

«X» é, às vezes, muito conservador, empregando fraseologia legal, ou gíria americana. Salta freqüentemente dum assunto para outro, como é uso fazer-se na correspondência familiar, e de repente volta ao assunto primitivo aparentemente sem uma ligação lógica.

Fez várias comunicações com respeito à vida futura que são diretamente contrárias às opiniões que eu tenho sempre sustentado. Estas comunicações permanecem tal qual foram escritas. Muitos dos seus pontos de vista filosóficos eram completamente novos para mim. Quantas vezes não alcancei a profundidade das suas asserções senão muito mais tarde, meses depois!

Não preciso me justificar acerca da publicação destas cartas. Seja qual for a sua origem, constituem, provavelmente, um documento interessante e apresento-as ao mundo com a mesma confiança com que cedi a minha mão a «X», para lhe servir de transmissora dos seus pensamentos.

Se alguém perguntar o que eu própria penso acerca disto tudo, se realmente julgo que se trata de comunicações genuínas procedendo do mundo invisível, responderei afirmativamente. Nas referências pessoais que suprimi, mencionam-se muitas vezes fatos e questões de propriedade, que eu de todo em todo ignorava e essas referências foram verificadas. Isto deixa intacta a teoria favorita da telepatia dos psicólogos. Mas se estas cartas me foram inspiradas por

meio de telepatia, quem as inspirou? Não foi a minha amiga em cuja presença muitas delas foram escritas, visto o seu conteúdo a surpreender do mesmo modo que a mim.

Desejo, porém, declarar que não quero ter a pretensão de apresentar este livro, como livro de ciência, porque a ciência exige experiências e provas. Exceptuando a primeira carta assinada por "X", antes de eu saber que o Sr. . . . tinha morrido, e quem «X» era realmente, o livro não foi escrito, aguardando uma verificação experimental, segundo os termos vulgarmente empregados, pelos psicólogos. Cada indivíduo, segundo o seu temperamento, experiência e convicção íntima acerca da veracidade do conteúdo do livro, deve rejeitar ou aceitar esta prova da sobrevivência da alma após a morte do corpo.

Na ausência de "X" e não tendo qualquer outra entidade no lado invisível da Natureza, na qual pudesse depositar igual confiança, ser-me-ia impossível produzir outro documento deste gênero.

Continuo a ter uma profunda aversão contra a arte confusa de certos *médiuns*, porque reconheço os seus perigos, tanto de obsessão como de decepção. Se não fosse a minha fé em "X" e na minha amiga, nunca teria escrito este livro. Se tivesse havido dúvidas do lado do autor invisível ou do *médium* visível era isso o suficiente para os paralisar a ambos, relativamente às cartas.

Quanto a mim congratulo-me pelo efeito soberano que estas cartas em mim produziram, pois libertaram-me, inteiramente, do temor da morte, fortaleceram a minha crença na imortalidade, tornando a vida de além túmulo tão real e verdadeira como a vida aqui neste mundo banhado de sol. E sentir-me-ei bem recompensada pelo meu trabalho se elas conseguirem dar, nem que seja a um único ser, a mesma sensação de imortalidade exultante que me deram a mim.

E àqueles que porventura se sintam dispostos a censurar-me por publicar um livro semelhante, direi apenas que me tenho sempre esforçado por dar ao mundo o que de melhor possuo e que talvez estas cartas sejam precisamente o que de melhor tenho para dar.

Londres, 1913

(a) Elsa Barker

CARTA I

A VOLTA

Estou aqui, não se engane.

Fui eu que falei da outra vez e sou eu que falo novamente.

Esta experiência tem sido maravilhosa. Recordo-me agora de muitas coisas que tinha esquecido. O que aconteceu tinha de acontecer. Foi melhor assim. Era inevitável.

Posso vê-la, embora indistintamente.

Aqui quase não encontrei trevas. A luz é sublime, muito mais intensa e luminosa que a claridade do sol.

Não, ainda me custa a reconhecer o meu caminho nos arredores de Paris; tudo é tão diferente. É sem dúvida a sua grande vitalidade que me ajuda a vê-la neste momento.

CARTA II

GUARDE SEGREDO!

Encontro-me no espaço, mesmo em frente a você, isto é, estou reclinado sobre qualquer coisa que me parece um sofá ou um divã.

É mais fácil visitá-la depois de anoitecer.

Lembrei-me, ao encetar a minha jornada, que talvez pudesse exprimir os meus pensamentos por meio da sua mão.

Já me sinto mais forte. Esta mudança de estado não deve atemorizar ninguém.

Ainda não lhe posso dizer quanto tempo estive silencioso. Não me pareceu muito.

Fui eu que assinei "X". O Mestre ajudou-me a estabelecer a ligação.

É melhor não confiar isto a ninguém por enquanto, a não ser a ..., porque não quero que surjam obstáculos que não me deixem vir quando e onde eu quiser. Emprésteme a sua mão, de vez em quando, para escrever; prometo não abusar.

Permanecerei agora algum tempo no meu mundo até me achar munido de poder suficiente para tornar a voltar. Espere-me, mas só daqui a algum tempo.

Tudo me parece mais fácil agora do que antes. Sinto-me muito mais leve. Podia ter continuado a estar preso ao corpo, mas não achei que o esforço valesse a pena.

Vi o Mestre. Está perto. Conforta-me muito a sua atitude para comigo.

Agora gostaria de ir embora. Boa noite.

CARTA III

VIGILÂNCIA!

Deve tomar certas precauções a fim de se precaver contra os que se aglomeram em roda de mim.

Basta dominar-se de noite e de dia. Nada poderá penetrar através dessa muralha — basta tornar a sua alma inacessível.

Não permita que estas larvas do mundo astral lhe suguem a energia. A mim, não me incomodam, porque já me habituei a elas. Não tem absolutamente nada que receiar, se se defender.

CARTA IV

UMA NUVEM NO ESPELHO

(Ao principiar a escrever deixou uma frase em meio, interrompeu-se e só mais tarde continuou).

Quando responde à minha chamada deve limpar o seu espírito como uma criança limpa a ardósia antes de apontar uma nova observação ou um novo exemplo, ditado pelo mestre. O mais ligeiro pensamento pessoal o mais insignificante capricho da imaginação é suficiente para lançar uma nuvem sobre o espelho, que mancha e torna menos nítido o que lá se reflete.

Pode continuar a receber cartas por este meio, mas é necessário que não deixe o seu espírito trabalhar independentemente, nem deve fazer perguntas ociosas, quando estou me comunicando com você.

Desta vez não foi a aglomeração de entes etéreos em volta de mim, que me obrigou a interromper-me, mas sim a sua curiosidade com respeito ao final duma frase desusada. De súbito tornou-se positiva, em vez de negativa, tal e qual como se o instrumento receptor duma estação de telégrafo principiasse a transmitir uma mensagem da sua lavra.

Aprendi aqui a razão de ser de muitas coisas psíquicas, que antigamente me intrigavam e, se me for possível, estou firmemente resolvido a protegê-la durante este trabalho, contra o perigo das correntes contrárias.

Houve uma noite em que eu a quiz visitar, sem contudo ser admitido à sua presença. Acha que foi uma ação generosa da sua parte?

Mas não julgue que a censuro. Voltarei tantas vezes quantas for preciso para que o meu trabalho chegue ao seu termo.

Aparecer-lhe-ei em breve em sonhos e então prepare-se para ver muitas coisas interessantes que me proponho mostrar.

CARTA V

PROMESSA DE COISAS DESCONHECIDAS

Daqui a algum tempo partilharei com você certa ciência que adquiri desde que vim para aqui. O passado é para mim um livro aberto. Vejo a estrada por onde tenho vindo e posso traçar a estrada que tenciono trilhar.

Agora tudo me parece fácil e leve. Sinto-me com forças para executar o dobro do trabalho.

Por enquanto ainda não me estabeleci em lugar fixo, tenho vagado aqui e acolá, onde a imaginação me leva; foi esse o meu ideal em vida, ideal que nunca consegui por em prática.

Não receie a morte; mas conserve-se na Terra tanto tempo quanto lhe for possível. Apesar das companhias de que aqui gozo, sinto às vezes, remorsos da minha fraqueza em continuar tão ligado à Terra. Mas os remorsos, bem como os nossos corpos, pesam muito menos aqui.

Sinto-me perfeitamente bem.

Dir-lhe-ei coisas que, até hoje, nunca ninguém disse.

CARTA VI

A VARINHA DE CONDÃO DA VONTADE

A minha amiga ainda não apanhou bem o grande mistério que envolve a *vontade*.

A vontade possui o condão de fazer da minha amiga tudo o que deseja ser, dentro dos limites da energia-unidade que em si encerra, pois na unidade de força, que é o homem, tudo é ou ativo ou poderoso.

A diferença que existe entre um pintor e um músico, ou entre um poeta e um romancista não é uma diferença de qualidades na própria entidade; pois cada unidade contém tudo, *excepto a quantidade*, tendo portanto todas as possibilidades de se desenvolver em qualquer terreno escolhido pela sua vontade. A escolha pode ter sido efetuada há muitos

anos. Leva muito tempo, por vezes, mesmo muitas vidas, para desenvolver uma arte ou uma faculdade que diga respeito a um gênero especial de trabalho de preferência aos outros todos. Nisto, como em tudo, o segredo do poder está na concentração.

Quanto ao uso da sua vontade nos problemas que se lhe apresentam, diariamente, há dois modos de a empregar. Ou nos concentramos num plano definido e conseguimos ou não conseguimos efetuá-lo, segundo a força que temos à nossa disposição; ou então exercemos a nossa vontade desejando que o plano melhor, mais nobre, mais sensato seja demonstrado pelas forças subconscientes que existem em nós próprios e em outras personalidades. Esta última experiência significa pôr em ação tudo o que nos rodeia para obter a realização dum desígnio especial, em vez de por em ação, ou tentar por em ação, só uma parte dessas forças universais.

Quando se trata desta comunhão entre os dois mundos físico e astral, quem se encontra no mundo físico julga que nós, cá no nosso mundo, sabemos tudo quanto se passa. Esperam que façamos profecias e que os informemos de tudo quanto acontece neste plano da vida. Umás vezes podemos fazê-lo; mas em geral, não podemos.

Dentro em pouco poderei penetrar no seu espírito como um Mestre, e inteirar-me-ei de todos os pensamentos e planos passados que nele se encontram; por enquanto nem sempre o posso fazer.

Por exemplo, houve uma noite em que eu a procurei — por toda a parte, sem conseguir encontrá-la.

É talvez necessário que a minha amiga pense em nós mais concentradamente, a fim de tornar o caminho mais fácil.

Continuo sempre a adquirir conhecimentos. O Mestre ajuda-me ativamente.

Quando tiver a absoluta certeza de dominar a sua mão, contar-lhe-ei muitas coisas acerca da vida neste mundo.

CARTA VII

UMA LUZ SOB O VÉU

Ficar-lhe-ia muito grato se, às vezes, rasgasse uma ponta do véu de espessa matéria que a torna inacessível ao

meu olhar. Afigura-se-me muitas vezes vê-la como um ponto vivamente iluminado; sem dúvida é quando algum sentimento forte faz vibrar a sua alma, ou quando o seu espírito se ocupa com qualquer pensamento transcendente.

Há ocasiões em que consigo ler os seus pensamentos, mas nem sempre. Quantas vezes tento aproximar-me de você em vão! Por mais que a procure, não a encontro. Se viesse para cá, talvez também lhe fosse difícil, ou mesmo impossível, por vezes, encontrar-me.

Há ocasiões em que estou absolutamente só; outras vezes ando acompanhado.

É extraordinário! A princípio parecia-me que meus braços e pernas andavam espalhados em todas as direções, porém, agora já sinto o corpo mais consubstanciado.

Geralmente não ando como aí na Terra, mas também não posso dizer que vôo, pois nunca tive asas; contudo, consigo atravessar o espaço com uma rapidez incrível. Uma vez ou outra ando como o comum dos mortais.

Agora queria pedir-lhe um favor. Lembra-se das dificuldades com que eu, às vezes, lutava para seguir o meu caminho na vida, mas sempre as vencia, com uma persistência inabalável? Pois venho pedir-lhe que faça o mesmo. Não se desconsola, não perca a coragem acerca do material de que dispõe para o seu trabalho. Continue sempre a trabalhar como se tivesse grandes reservas, pois elas lhe aparecerão. Pode demonstrá-lo de várias maneiras. Não ceda à fraqueza ou à incerteza pois assim arrasta-me para aí, para a Terra, dominado pela compaixão. É tão nocivo o sentimento da compaixão como chorar pelos mortos.

CARTA VIII

A GARRA DE FERRO DA MATÉRIA

Acontece ao homem que habita no "invisível" lembrar-se de súbito da Terra. "— Oh!" diz ele, "o mundo continua sem mim. Que saudades tenho! Que se passará por lá?"

A ele quase lhe parece uma impertinência da parte do mundo, continuar assim a mesma vida de sempre sem ele.

Fica agitado. Tem a certeza que já ninguém se lembra dele, que passou de moda, que ficou ali para um canto inútil e esquecido.

Olha em volta e só vê os campos tranqüilos da quarta dimensão. É mais uma vez a garra de ferro da matéria que se faz sentir.

Esta crise passa, talvez, porém lá virá um dia em que se torna a repetir com muito mais violência. É forçoso que saia daquele ambiente tênue que o envolve, a fim de penetrar, novamente, no mundo resistente da matéria espessa. Mas como?

Ah! recorda-se finalmente! Toda a ação tem a sua origem na memória. Seria uma experiência temerária, se não o tivesse já feito.

Cerra os olhos em pleno invisível. Sente-se atraído pela vida humana, para os entes humanos na intensa vibração da união que a todos o liga. Aqui há simpatia — talvez seja somente a simpatia da experiência anterior com as almas daqueles, em contacto com os quais ele agora se encontra, ou talvez seja simplesmente simpatia de imaginação, de momento. Seja como for abandona a sua liberdade e perde-se triunfantemente entre as vidas dos entes humanos. Reencarna-se.

Dali a algum tempo desperta e olha vagamente espantado para os campos verdes e para os rostos redondos e sólidos de homens e mulheres. Por vezes chora e anseia por voltar ao invisível. Se realmente perde a coragem, é-lhe permitido regressar— mas unicamente para tornar a sucumbir de novo. Quer voltar à Terra.

Se for forte e persistente, permanece na Terra e vai-se desenvolvendo até se tornar um homem. Chega mesmo a persuadir-se que a vida anterior na substância sutil não passou dum sonho, visto aparecer-lhe agora em sonhos, mas este sonho persegue-o e perturba-lhe o prazer da matéria.

Depois de bastantes anos, principia a sentir-se cansado, saciado de tanta luta material: a sua energia que foi diminuindo progressivamente acha-se agora exausta.

Abre os braços ao desconhecido e os homens murmuram mais uma vez: Morreu.

Mas não morreu. Voltou unicamente para a região de onde tinha emigrado.

CARTA IX

ONDE AS ALMAS VAGUEIAM

Minha amiga, não deve receiar a morte. Não é mais difícil do que uma viagem de recreio a um país estrangeiro; é como a primeira viagem que uma pessoa de certa idade, habituada aos costumes de seu cantinho neste mundo, vai fazer ao estrangeiro.

Quando um homem aqui entra, tem uma impressão muito semelhante àquela que sentiria à chegada num país estrangeiro. Encontra pessoas desconhecidas que nem sempre compreende; exatamente o mesmo que acontece quando se nos deparam pessoas estrangeiras. Em breve principia a travar conhecimento com algumas almas, sorrindo-lhes com o olhar. Trocam as perguntas habituais: "De onde vem?" Uma é da Califórnia, outra de Boston, ainda outra de Londres. Esses encontros dão-se nas estradas de viagem; pois aqui também há caminhos de comunicação entre vários sítios, e as almas percorrem-nos em todas as direções como na Terra. Em geral essas estradas constituem a linha mais reta entre dois centros importantes, porém nunca seguem a linha férrea, porque causaria demasiado ruído. Conseguimos ouvir sons que provêm da Terra. Causam um certo abalo ao ouvido etéreo que assim nos transmite a vibração do som.

As vezes fixamos residência num lugar durante muito tempo. Visitei uma velha casa no Estado do Maine onde encontrei um homem que fazia parte do nosso mundo invisível e que se tinha deixado ficar ali durante muitos anos, nem sei quantos; esteve a contar-me que as crianças eram já homens e mulheres e que um potro ao qual se tinha afeiçoado desde o princípio já morrera de velhice.

Aqui também há almas indolentes e insípidas como na Terra. Porém igualmente se encontram pessoas animadas, dotadas de um poder magnético, cuja presença, por si só rejuvenesce.

Parecer-lhe-á absurdo se eu lhe disser que usamos roupa, tal qual como na Terra, mas em menor quantidade. Ainda não vi malas; porém, é preciso que se note que ainda estou cá há pouco tempo.

Agora pouco me importo com o calor ou o frio, mas à minha chegada, recordo-me de ter sofrido bastante com o frio. Tudo isso passou.

CARTA X

UM RENDEZ-VOUS NA QUARTA DIMENSÃO

Não calcula quanto me ajuda, cedendo-me a sua mão, de vez em quando. Por que se arrepende, às vezes, de o fazer?

A Doutrina Espírita continuará a ser ensinada no mundo e por todo mundo. Só poucos, talvez, atingirão nesta vida as verdades profundas que ela encerra; porém uma semente lançada à terra hoje, pode dar fruto daqui a muito tempo. Li algures que experimentaram semear grãos de trigo, que tinham jazido enterrados com múmias, durante dois a três mil anos, e, oh! milagre! esses grãos haviam germinado onde a terra era boa. O mesmo acontece com a semente da Doutrina Espírita.

Há quem diga que é louco quem trabalha em prol da Doutrina Espírita, em vez de deixar a doutrina trabalhar para ele; mas basta que um homem dê no mundo uma pequena parcela da Doutrina Espírita, verdadeira, para que logo tire disso amplos proveitos para si próprio. Conhecem a citação da Bíblia que acaba assim: "e vida eterna no mundo futuro". Para receber, é preciso dar. Tal é a Lei.

Posso informá-la acerca de muitas coisas da vida neste mundo, informações que talvez sejam úteis aos outros, quando sobrevier a grande mudança de estado, que se chama morte. Quase todos trazem a memória consigo. Os homens e as mulheres que tenho encontrado e com os quais travei relações, possuem, geralmente, recordações mais ou menos nítidas de sua vida terrestre.

Há porém exceções. Encontrei um homem que se recusava, terminantemente a falar da Terra; a sua divisa era: continuar, continuar para a frente, sem descanso. Lembrei-lhe que se realmente continuasse e percorresse uma grande distância, voltaria de novo ao ponto de partida.

Uma das coisas que talvez mais a interessam é a nossa alimentação. Certamente comemos e bebemos; absorvemos água em grande quantidade. A minha amiga também devia beber muita água. É um ótimo alimento para o corpo astral. Afigura-se-me que um corpo muito seco nunca possuiria vitalidade astral suficiente para servir de transmissor a uma alma, que, como eu, se achasse nesse plano da vida. Aqui, os nossos corpos acham-se impregnados de umidade. Talvez seja essa uma das razões porque as pessoas com sangue quente têm uma sensação desagradável de frio e se arrepiam ao contacto dum espírito.

Careço dum certo esforço para escrever assim, mas parece que vale a pena.

Venho para o lugar onde sinto que a minha amiga se encontra. Distingo-a melhor do que as outras pessoas. Então, em vez de entrar, como antigamente fazia, entro, movido por um impulso extremamente violento, em sua direção.

Às vezes, interrompo-me subitamente no meio duma frase. É quando não estou bem focado. Deve ter notado que, quando se concentra e se isola, por completo, do mundo exterior, um ruído inesperado, um pensamento vagabundo bastam para interromper esse estado de meditação profunda. O mesmo acontece aqui.

Agora, tratemos deste elemento, onde nós vivemos. Ocupa indubitavelmente um lugar no espaço, pois se acha em volta da Terra. Sim, cada árvore visível tem a sua imagem equivalente invisível. Quando a minha amiga, antes de adormecer, penetra neste mundo com plena consciência do que está fazendo, (isto refere-se indubitavelmente, às minhas visões astrais — diz a autora), vê coisas que existem ou que existiram também no mundo material. Não vê nada neste mundo que não tenha uma imagem física equivalente no outro mundo. Existem, é claro, imagens criadas pelo pensamento, pela imaginação; mas não pense que ver imaginariamente seja a mesma coisa que ver no plano astral; não, de modo nenhum. As coisas que vê antes de adormecer têm uma existência real. Quando a minha amiga muda o grau da sua vibração, vem cá fora para este mundo, ou antes volta para cá, pois para sair tem de entrar primeiro.

A imaginação tem um grande poder. Quando se forma uma imagem no espírito, basta que a vontade preste o seu auxílio para logo as vibrações do corpo corresponderem à imagem, como acontece com os pensamentos de saúde ou de doença.

Quando quiser vir a este mundo, escolha um símbolo e fixe nele os olhos. É uma experiência que talvez dê bom resultado. Não afianço que isto cause uma mudança de vibração, mas não faz mal tentar.

Se a minha amiga, antes de adormecer, viesse a este mundo com o espírito absolutamente dominado pelo desejo imperioso de me ver, talvez o conseguisse. Gostaria que experimentasse.

Hoje sinto-me forte, porque estive largo tempo com alguém que é mais forte que eu; portanto, se quiser tentar a experiência esta noite, talvez consiga encontrar-me, visto poder auxiliá-la melhor do que noutra ocasião.

Tenho tanto, tanto que lhe dizer e contudo são tão raras as vezes em que lhe falo! Se estivesse numa situação diferente, completamente livre de outros pensamentos, talvez pudesse visitá-la mais frequentemente. Estou sempre a aprender coisas, que gostaria de lhe comunicar.

Por exemplo, vou mostrar-lhe a maneira de vir até este mundo, quando lhe apetecer, como os Mestres fazem a cada passo.

Primeiro, só me servi do seu braço para escrever, mas agora já posso dominar melhor o organismo psíquico. Percebi que não dirigia o meu trabalho da melhor maneira, senti que ocasionava algures um desperdício, e pedi ao Mestre que me desse as suas sábias instruções a esse respeito. Vai ver como se sentirá menos fatigada depois do trabalho, quando seguirmos o novo método.

Agora vou-me embora mas tentarei encontrá-la novamente, dentro de alguns minutos. Não desanime, se a experiência falhar; tornaremos a experimentar noutro dia. Se me vir, conhecer-me-á imediatamente.

CARTA XI

LEONEL

Sabe de uma coisa interessante? Aqui também há pessoas, como na Terra, que se dedicam ao bem-estar do próximo. Formaram mesmo uma grande e importante sociedade.

de de almas denominada "Liga". O trabalho que as ocupa em especial é auxiliar as que acabam de chegar, facilitando-lhes o princípio da sua nova vida, ajudando-as, por assim dizer, a aclimatar-se. Nesta Liga há tantos homens como mulheres. Têm prestado muito bons serviços. Não direi que trabalham num plano mais elevado do que o "Exército de Salvação", mas sim num plano mais intelectual. Auxiliam não só as crianças, mas também adultos.

As crianças são interessantes. Ainda não tive tempo de observar tudo isto detalhadamente; mas um dos da Liga disse-me que as crianças se adaptam com muito mais facilidade à nova vida, do que os adultos. As pessoas de idade avançada têm sempre mais ou menos sono, ao passo que as crianças chegam, munidas de grande energia e dotadas da mesma curiosidade que as distingue na vida terrestre. Não sofrem alterações violentas. Os pequeninos crescem do mesmo modo gradual e imperceptível como cresceriam na Terra. A tendência é satisfazer, seguir o ritmo normal, embora haja exemplos de almas que tornam logo a voltar à Terra, após breve repouso. Essas almas são as que albergam uma curiosidade insaciável e desejos veementes.

Também se vêm aqui horrores — mil vezes piores do que os da Terra. A decadência causada pelo vício e pelos excessos é muito pior aqui do que lá. Tenho visto fisionomias e figuras terríveis, rostos em que se estampava o mais atroz desbragamento, rostos hediondos, rostos roídos pela lepra dos desejos baixos e vis, figuras dantescas que aqui e além se arrastam penosamente. Estes são os casos desesperados, que mesmo a própria Liga teve de abandonar ao seu destino. A sorte destes desgraçados é incerta; ignoro se eles tornam a ser reencarnados neste ciclo.

As crianças são tão encantadoras! Há um rapazinho que anda muito comigo; chama-me Pai e parece que gosta da minha companhia. Calculo que teria agora uns treze anos e cá já está há algum tempo. Não me pôde dizer ao certo quanto; mas perguntar-lhe-ei se se recorda do ano do calendário em que veio para cá.

Há quem diga que não conseguimos guardar os nossos pensamentos, mas não é verdade, pois tendo cuidado é perfeitamente possível. Podemos guardar os nossos segredos, se soubermos como devemos fazê-lo. Obtem-se o nosso desideratum pela sugestão ou pelo domínio de nós mesmos. Em todo caso aqui é muito mais fácil ler nos espíritos dos outros; a Terra oferece mais dificuldade.

Parece-me que nos comunicamos uns com os outros, pouco mais ou menos, da mesma maneira como aí; contudo, com o decorrer do tempo descubro que para conversar me sirvo mais de pensamentos poderosos e impulsivos do que de movimentos dos lábios. Ao princípio sempre abria a boca quando tinha qualquer coisa que dizer; e agora acho muito mais simples não me servir dela, embora a força do hábito me obrigue ainda por vezes a fazê-lo.

Quando um homem acaba de chegar não compreende os outros a não ser falando; calculo que assim aconteça por ainda não ter aprendido que se pode falar sem usar tanto rôlego.

Mas deixe-me contar-lhe mais coisas acerca do rapaz. Não imagina o interesse com que ele me escuta quando lhe descrevo tudo quanto há na Terra. Os aeroplanos, sobretudo, despertam-lhe, particularmente, a curiosidade, pois quando ele veio para cá ainda eram pouco conhecidos. O seu desejo é voltar à Terra a fim de voar num aeroplano. Eu digo-lhe que mesmo aqui pode voar, sem aparelho algum, mas parece que esta idéia não lhe causa o mesmo entusiasmo. Está ansioso por lidar com maquinismos.

Não me canso de lhe aconselhar que não tenha pressa em voltar à Terra.

O que acho mais curioso é ele lembrar-se de algumas das suas vidas anteriores na Terra. Muitos dos que cá andam não se recordam absolutamente nada do passado, embora na qualidade de espíritos pudessem ser videntes. Mas não julgue que neste mundo todos são oniscientes — pelo contrário. A maior parte das almas acha-se quase no mesmo estado de cegueira em que vivia na Terra.

O rapaz tinha sido um inventor numa das suas encarnações. Diz que veio para cá em resultado dum acidente. Parece-me que devia conservar-se por aqui durante mais algum tempo a fim de obter um ritmo mais forte para a volta. Isto, é claro, é idéia minha, porque me despertou um tal interesse que gostaria de não me separar dele, e talvez esse sentimento influencie a minha maneira de pensar.

Como se vê, ainda somos humanos.

Formulou algumas perguntas, não é verdade? Queira dizê-las alto. Eu posso ouvir.

Sim, sinto-me consideravelmente mais novo há um tempo para cá, muito mais do que ultimamente na Terra, e sinto-me bem. Primeiro continuava adoentado, com fases

em que me achava melhor ou pior, deprimido ou mais satisfeito; porém agora ando perfeitamente bem. O meu corpo pouco me incomoda.

As pessoas de idade principiam a rejuvenescer até atingir a primavera da sua vida, podendo então conservar-se assim durante muito tempo. É o que me parece.

Como vê, não me tornei onisciente. Tenho porém conseguido readquirir uma boa soma de conhecimentos, há muito esquecidos; mas ainda tenho muito que aprender acerca de todos os detalhes desta vida.

A sua curiosidade auxiliar-me-á a estudar condições e a fazer pesquisas que, doutro modo, não teria feito tão depressa, ou talvez mesmo nunca fizesse. A maior parte das pessoas que aqui estão pouco aprendem, além da maneira melhor e mais fácil de avançar, como faziam na vida terrestre.

Sim, há escolas aqui onde todos os que estejam aptos e que se queiram instruir são admitidos. Porém há poucos grandes Professores.

Aqui, como na Terra, o professor vulgar de colégio, não é um ente que possui a sabedoria suprema.

CARTA XII

O MUNDO DOS MODELOS

Devo modificar uma das minhas últimas asserções, pois convenço-me agora que não é verdadeira. Dizia eu que tudo quanto aqui há tinha existido na Terra. Sou porém obrigado a desdizer-me, pois notei recentemente a existência de estratos. Ainda creio que tudo ou quase tudo o que existe nos estratos inferiores junto à Terra, tenha existido na Terra entretanto em matéria espessa. Suba um pouco mais alto, vá um pouco mais longe, não posso dizer a distância ao certo, pois não a posso medir; mas uma noite destas, quando andava em exploração, penetrei no mundo dos modelos, das amostras, dos paradigmas — permita-me a expressão — das coisas que não de existir na Terra. Vi formas de coisas que penso,

ainda nunca existiram no seu planeta — invenções, por exemplo. Vi asas que qualquer homem pudesse adaptar a si próprio. Também vi novas formas de aparelhos de aviação. Vi modelos de cidades e torres com umas saliências no gênero de asas, que muito me intrigaram. É evidente que a invenção mecânica ainda se acha muito atrasada.

Para a próxima vez tenciono penetrar nos recintos mais afastados deste mundo dos modelos. Que surpresas me reservarão eles? É extraordinariamente interessante!

Não se esqueça de que tudo o que lhe digo é o resultado de impressões daquilo que vejo, exatamente como um viajante descreve os países que percorre. A minha interpretação pode, às vezes, ser errada.

Quando estive na tal região, que doravante chamaremos o mundo dos modelos, quase não vi ninguém — só um ou outro viajante solitário como eu. Calculo portanto que poucos daqueles que deixam a Terra se aventuram nestas paragens. Depreendo mesmo de várias conversas que tenho tido com almas de homens e mulheres, que a maior parte deles embora aqui estejam, não se afastam muito da Terra.

Qual foi o meu espanto quando vi muitas almas vestidas de branco imaculado, de corôa na cabeça e harpa na mão, cantando, como se estivessem no autêntico Céu ortodoxo. Há uma região denominada “a Terra do Céu”.

Também há, dizem-me, um inferno rubro, chamejante com um cheiro horrível de enxofre; mas por enquanto não me apeteceu visitá-lo. Qualquer dia, quando me sentir forte, espreitarei lá para dentro e se me deixarem, talvez entre, contanto que o espetáculo me não horrorize.

No entanto vou percorrendo isto em todas as direções e encontro muita coisa que me prende a atenção; ainda não estudei detidamente nenhuma região.

Ontem saí e levei na minha companhia o tal rapaz, que se chama Leonel. Devia ter dito ontem à noite, porque o seu dia é a nossa noite, quando estamos no seu lado desta grande esfera oca. Você e a Terra sólida estão no centro da nossa esfera.

Levei portanto o rapaz e fomos dar um passeio.

Fomos primeiro ao velho bairro de Paris, onde em tempos vivi, noutra encarnação; mas Leonel não conseguia ver nada e quando lhe mostrava certos edifícios, ele perguntava-me sinceramente se eu não estaria a sonhar. Certamente possuo alguma faculdade que em geral não se desenvolve entre os meus companheiros da Terra astral. Como via que

o rapaz persistia na sua idéia, julgando que Paris só existia na minha imaginação — ele era de Boston — resolvi levá-lo ao Céu. Assim que chegamos, observou logo: «Espere, isto deve ser o sítio de que a minha avó tanto me falava. Mas onde está Deus?»

Isto é que eu não lhe pude dizer; mas reparando melhor, vimos que quase todos olhavam numa direção. Volve-mos para lá os olhos e vimos uma grande luz, como um sol, porém mais suave, menos ofuscante que o sol material.

“Aquilo”, disse eu ao rapaz, “é o que eles vêem quando vêem Deus”.

E então aconteceu uma coisa extraordinária; enquanto contemplávamos aquela luz, vimos formar-se, lentamente, uma figura, que se erguia entre a luz maravilhosa e o nosso olhar; aquela figura assemelhava-se em tudo àquela que estamos habituados a ver representar o Cristo. Sorria docemente e estendia as Suas mãos para as pessoas.

Nisto a cena mudou e Ele tornou a aparecer com um cordeiro sob o braço esquerdo; depois vim-o transfigurado sobre a montanha; em seguida falou e explicou a Sua doutrina. Ouvimos perfeitamente a Sua voz. Pouco a pouco a figura divina foi-se desvanecendo, deixando-nos estranhamente comovidos.

CARTA XIII

FORMAS REAIS E ILUSÓRIAS

Logo ao princípio da minha estada aqui era tudo tão novo para mim, tudo me interessava a tal ponto que não me cansava de olhar, de observar com avidez tudo quanto me rodeava, sem contudo dar importância ao que me devia ocupar em primeiro lugar: a maneira de ver. Mas ultimamente — sobretudo desde as últimas duas cartas que escrevi — principiei a notar uma diferença entre objetos que, olhados superficialmente parecem ser da mesma substância. Por exemplo, distingo, às vezes, uma diferença entre as coisas que existiram inquestionavelmente na Terra, como sejam as figuras dos homens e das mulheres e outras coisas que em-

bora tornadas visíveis e aparentemente palpáveis, podem ser, e provavelmente são, somente criações do pensamento.

Ocorreu-me isto ao assistir aos dramas que se passam no País do Céu, e fiquei ainda mais fortemente impressionado no decurso de outras explorações mais recentes no já mencionado mundo dos modelos.

Mais tarde bastar-me-á um simples olhar para logo distinguir a qual destas duas classes os objetos pertencem. Por exemplo, se encontrar aqui um ente, ou o que parece ser um ente, e me disserem que se trata duma personagem célebre de ficção, tal como, digamos, Jean Veljean, nos «Miséráveis» de Vitor Hugo, terei toda a razão para supor que vi uma figura criada pelo pensamento, com vitalidade suficiente para se mover isoladamente, como uma quase-entidade, neste mundo de matéria tênue. Por enquanto não encontrei personagens dessa qualidade.

É claro que não posso declarar, positivamente, que um ente, ou uma figura, tem uma existência essencial, sem primeiro conversar com esse ser, ou pelo menos ver outros falar com ele.

Daqui por diante, farei experiências com os seres que encontrar. Se conseguir falar com o que me parece ser uma entidade e se ela me responder, acho-me com todo o direito de a considerar uma realidade. Uma personagem de ficção, ou qualquer outra criação mental, por muito vívida que fosse a sua imagem, nem teria alma, nem unidade de força, nem ego verdadeiro. Tenciono submeter a esta experiência toda a aparição que se me afigura ser unicamente uma imagem.

Se vejo uma forma especial de árvore ou de animal, se lhe posso tocar, senti-la — pois os sentidos são tão agudos aqui como na Terra — sei imediatamente que essa árvore, ou esse animal existem na matéria sutil deste plano.

Creio firmemente que todos os seres que até agora aqui tenho visto, são verdadeiros, reais; mas se conseguir encontrar um que o não seja — um ser que não me dê sensação alguma quando lhe toque e que não possa responder às minhas perguntas — fornecer-me-á isso um dado para a minha hipótese de que as figuras de seres e de coisas criadas pelo pensamento, conseguem ser dotadas de coesão suficiente para parecer verdadeiras.

É indubitável que não há espírito sem substância, nem substância sem espírito, latente ou declarado; porém a imagem dum homem pode parecer um homem à distância.

Poderão existir formas de pensamentos, cuja criação obedecesse a um objetivo? Creio que sim. Tais figuras criadas pelo pensamento teriam provavelmente de ser muito intensas para poderem ser persistentes.

Acho melhor não tocarmos mais neste assunto, enquanto não conseguir explicá-lo mais satisfatoriamente.

CARTA XIV

UM IN-FOLIO DE PARACELSO

Há dias pedi ao meu Mestre que me mostrasse os arquivos onde se achavam coligidas as observações feitas pelos que aqui tinham vivido, se porventura tais apontamentos existiam. E respondeu-me:

«O meu discípulo era um grande apreciador de livros quando habitava a Terra. Venha».

Penetramos num vasto edifício semelhante a uma biblioteca; foi tal o espetáculo que se me deparou, que a minha admiração não teve limites. Não era propriamente a arquitetura do edifício que assim me surpreendia, mas sim a abundância incalculável de livros e arquivos. Havia certamente milhões e milhões.

Perguntei ao Mestre se todos os livros estavam ali.

“Não acha bastante? Pode escolher à vontade”.

Inquiri se os volumes se achavam respectivamente divididos segundo os assuntos.

“Estão sim”, respondeu. “O que deseja?”

Disse que gostaria de ver os livros em que outros homens tinham assentado os relatórios das explorações efetuadas neste país, para mim ainda tão desconhecido.

Sorri e foi buscar à prateleira um volume muito grosso. Estava impresso em tipo grande preto. (Espero que ninguém me vá perguntar a razão por que um livro semelhante parecia estar impresso em tipo grande preto, visto eu o ignorar tão completamente como o leitor — Nota da autora).

“Quem escreveu este livro?” perguntei.

“Procure a assinatura”, respondeu.

Olhei para a última página e vi a assinatura: era a que Paracelso usava.

“Quando foi que ele escreveu isto?”

“Pouco tempo depois de vir para cá. Foi escrito no intervalo entre a sua vida de Paracelso e a que se lhe seguiu na Terra”.

O livro era um tratado sobre espíritos humanos, angélicos e elementais. Principiava pela definição do espírito humano que dizia ser um espírito que teve a experiência da vida sob a forma humana; definia o espírito elemental como sendo um espírito que possui uma consciência própria mais ou menos desenvolvida, e que ainda não foi submetido a essa experiência.

O autor definia em seguida um anjo como sendo um espírito de ordem superior que ainda não fora e provavelmente nunca será submetido a essa experiência na matéria.

Sustentava em seguida que os espíritos angélicos eram divididos em dois grupos bem definidos, o grupo celestial e o grupo infernal; os que pertencem ao primeiro são os anjos, que trabalham em prol da harmonia com as leis de Deus e os segundos fazem todos os seus esforços no sentido inverso. Porém acrescenta, que ambas estas ordens de anjos são necessárias entre si, para a sua existência recíproca; pois se todos fossem bons, o Universo cessava de existir; o próprio bem não teria razão de ser, devido à falta do seu oponente — o mal.

Dizia que havia apontamentos nos arquivos, relativos a uns casos de anjos bons que se tinham tornado maus e vice-versa, porém estes casos aconteciam muito raramente.

Depois aconselhava às almas irmãs, que se encontrassem nesse reino, donde ele escrevia, isto é, onde eu agora também vivo, a evitar o convívio dos espíritos malignos. Observava que havia mais tentações nestas formas mais sutis da vida, do que na vida terrestre; que ele próprio tinha sido assaltado freqüentemente por anjos malévolos; esses anjos insistiam para que ele se unisse a eles e empregavam, para o convencer, argumentos extremamente plausíveis.

Dizia que tinha tido muitas vezes conversas com espíritos bons e maus, quando ainda vivia na Terra; mas não se recordava de ter conversado com anjos de espécie tão maligna, como estes.

Indicava aos seus leitores a melhor maneira de discernir se um ser do mundo mais sutil era um anjo, ou, simplesmente, um espírito humano ou elemental; constava a dife-

rença no maior brilho da luz que envolve o anjo. Dizia que tanto os anjos bons como os maus são extremamente brilhantes; mas que existe uma diferença entre ambos, um não sei quê no rosto, que se percebe logo à primeira vista; nos olhos dos anjos celestiais brilha o amor e a inteligência, ao passo que os olhos dos anjos maus têm uma expressão desagradável e hostil.

Dizia que um anjo infernal conseguia disfarçar-se, a fim de passar por um anjo de luz aos olhos d'um mortal; mas por mais esforços que fizesse não lhe seria possível esconder a sua verdadeira natureza às almas que vivem nos corpos de matéria mais sutil.

Para a outra vez talvez desenvolva mais este assunto. Agora tenho de descansar.

CARTA XV

UMA TOGA ROMANA

Uma das coisas que tornam este país muito interessante, é a falta de Convenções. Não há duas pessoas vestidas da mesma maneira — não é bem isto que eu pretendia dizer; muitos andam vestidos dum modo tão excêntrico, que constituem um conjunto extremamente variado.

O meu traje é em geral semelhante ao que usava na Terra, porém, quando me transporto pelo pensamento a uma das minhas vidas anteriores, tenho feito a experiência de envergar os trajes daquela época.

Aqui facilmente se arranja a roupa de que se precisa. Não sei como tomei posse do fato que tinha quando para aqui vim; ao cabo de algum tempo reparei que andava vestido como costumava andar na Terra. Ainda não tenho a certeza se trouxe o fato comigo.

Há aqui muitas pessoas trajadas à antiga. Contudo não depreendo disso que elas tenham vagado nestas paragens desde essas idades remotas. Penso que usam essas roupas porque gostam.

Em geral, a maior parte das pessoas permanece perto do lugar que habitava na Terra; mas eu tenho viajado constantemente. Transporto-me rapidamente dum país para o outro. Uma noite, (que equivale ao seu dia), descanso na América; na noite seguinte, talvez, descanse em Paris. Quantas horas tenho passado estendido no seu divã da sala, sem que a minha amiga o suspeitasse. Contudo duvido que pudesse permanecer muitas horas em sua casa sem que pressentisse a minha presença, caso eu estivesse acordado. Não vá porém julgar, pelo que lhe disse, que me é necessário descansar sobre a matéria sólida desse seu mundo. Longe disso. Nós podemos descansar, perfeitamente, sobre a substância tênue do nosso mundo.

Um dia, pouco tempo depois de ter chegado, vi uma mulher vestida à grega e perguntei-lhe onde tinha arranjado aquele traje. Respondeu-me que o tinha feito ela mesma. Perguntei-lhe de que maneira e ela disse:

“Ora essa, basta idealizar o modelo no meu espírito para logo o ter à minha disposição”.

“E coseu tudo, ponto por ponto?”

«Não procedi da mesma maneira como teria feito na Terra”.

Examinei mais detidamente, e então vi que o vestido parecia constar duma única peça, sendo preso nos ombros por alfinetes constelados de pedras preciosas. Perguntei-lhe de onde lhe vinham os alfinetes e ela disse que lhos tinha dado um amigo. Tornei a inquirir onde o amigo os tinha arranjado. Declarou-me que ignorava, mas que lhe perguntaria. Pouco depois foi-se embora e, como nunca mais a vi, ainda não sei qual seria a resposta.

Principiei a experimentar a minha habilidade, também quiz fazer coisas. Lembrei-me, então, de usar uma toga romana; o pior é que não havia meio de idealizar a toga porque me tinha esquecido absolutamente do feito.

Quando tornei a encontrar o Mestre, mencionei-lhe o meu desejo de usar uma toga feita por mim, e ele esteve a mostrar-me cuidadosamente a maneira de criar trajes, segundo o meu desejo: devia fixar o modelo e formá-lo nitidamente no meu espírito, vê-lo no meu íntimo e em seguida atrair pelo poder do desejo a matéria sutil do mundo do pensamento em torno do modelo, formando assim a toga.

“Então”, disse eu, “o que chama matéria do mundo do pensamento não é da mesma qualidade da matéria que constitui o meu corpo, por exemplo?”

«Em última análise há só uma única qualidade de matéria em ambos os mundos», respondeu. «mas existe uma grande diferença entre a rapidez das suas vibrações e o seu grau de sutileza».

Ora a substância do pensamento de que se compõe os nossos vestidos parece ser uma forma extremamente sutil de matéria, ao passo que os nossos corpos se me afiguram bastante sólidos. Não pense que nos sentimos quais anjos transparentes, pousados em nuvens. Se não fosse a velocidade com que transponho as distâncias, chegaria a supor que o meu corpo tinha conservado a sua solidez terrestre.

Consigo vê-la freqüentemente e a mim, *a minha amiga* parece-me tênue. Calculo que seja simplesmente por me adaptar ao meio. Ao princípio era-me impossível e custou-me bastante a aprender a adaptar a quantidade suficiente de energia para cada ação em especial. É tal a diferença de condições aqui, que me deixava enganar nos primeiros tempos. É extraordinária a pouca energia que empregamos para nos movermos! Habituação aos esforços que fazia na Terra, quantas vezes me achava transportado a uma légua de distância quando só queria dar alguns passos, tudo isto ocasionado por um dispêndio exagerado de energia. Agora já me adaptei sensivelmente.

Tenciono acumular energia para uma boa vida cheia de trabalho quando voltar à Terra de novo. O trabalho mais difícil agora é visitá-la e escrever auxiliado por você, felizmente a sua resistência é cada vez menor. Das primeiras vezes necessitava toda a minha força, agora basta-me um esforço, relativamente, pequeno. Não posso contudo ser extenso sem ser à custa da sua vitalidade, o que quero evitar a todo o transe.

Deve ter notado que já não se cansa nada, depois de escrever, como acontecia ao princípio.

Mas, é verdade, eu estava falando acerca da ausência de convenções que aqui se nota. As almas não fazem cerimônias nenhuma, dirigem-se mutuamente a palavra, sem mais nem menos acercam-se das desconhecidas e entabulam uma conversação, sem necessitar apresentações. Tenho contudo visto algumas velhas que ainda se intimidam e não falam com um estranho, sem dúvida por estarem cá há pouco tempo e ainda se recordarem dos hábitos da Terra.

Mas não pense que esta sociedade tenha costumes demasiado livres e fáceis. Longe de mim tal pensamento!

Quero unicamente dizer que os homens e as mulheres não parecem receiar-se mutuamente, como na Terra.

CARTA XVI

O QUE SE DEVE ESQUECER

Vou dirigir agora umas palavras àqueles que estão prestes a morrer. Quero pedir-lhes que esqueçam os seus corpos o mais depressa possível, depois da mudança a que chamam morte.

Que terrível curiosidade nos assalta e nos persegue! Como ansiamos por voltar atrás a fim de examinar aquela *coisa* que em tempos julgamos ser nós mesmos! O pensamento faz-se sentir de vez em quando tão imperiosamente, que atua contra a nossa vontade e nos arrasta, mau grado nosso, ao passado. Para alguns torna-se uma obsessão mórbida e há muitos que não conseguem se libertar dela, enquanto resta um farrapo da carne sobre os ossos que lhes pertenceram.

Diga-lhes que esqueçam tudo que afugentem os pensamentos, que entrem completamente livres na outra vida.

É bom recordar o passado, às vezes, mas nunca nos devemos demorar sobre esta relíquia do passado.

É tão fácil ver o conteúdo do caixão, porque o corpo que agora usamos derrama luz nas trevas e pode penetrar através da matéria mais espessa. Eu próprio já sucumbi várias vezes a essa tentação, mas estou seriamente resolvido a não reincidir. Contudo, é possível que o pensamento volte um dia a tentar-me, com insistência, teimando comigo para que vá ver o estado em que essa tal *coisa* se encontra.

Não quero causar-lhe um abalo, nem uma dor — desejo somente avisá-la. O espetáculo que, inevitavelmente, se nos depara no túmulo é muito triste. É essa, sem dúvida, uma das razões da melancolia que persegue as almas recente-

mente chegadas. Estão constantemente a visitar o lugar que deviam evitar primeiro que tudo.

Uma das facilidades que se nos oferecem aqui é acharmo-nos, imediatamente, transportados para o sítio que o nosso pensamento imaginou. Basta pensarmos atentamente durante alguns segundos e logo, com o nosso corpo tão leve, podemos seguir o pensamento, quase sem esforço. Diga-lhes, porém, que não o façam.

Um dia, ao passar por uma avenida de árvores frondosas — pois também temos árvores — encontrei uma mulher, de estatura elevada, envergando um amplo vestido negro. Estava lavada em lágrimas — também por aqui há lágrimas. — Perguntei-lhe porque chorava e ela voltou para mim os olhos infinitamente tristes.

«Tornei a ir vê-lo» disse. (O corpo).

Confrangeu-me o seu desgosto, pois sabia por experiência própria o que ela sofria. O choque de cada visita ao corpo abandonado repete-se com igual violência sempre que lá se volta, à vista da decadência cada vez mais sensível daquilo que tanto nos orgulhávamos de ser.

Lembro-me inúmeras vezes daquela mulher com porte de rainha, vestida de negro, passeando pela avenida, a chorar amarguradamente. O que nos atrai de novo ao túmulo é tanto curiosidade como a atração magnética; mas só faz mal. O melhor é esquecer.

Várias vezes me tem ocorrido perguntar, obedecendo a um movimento de interesse científico, se o meu Leonel tinha ido visitar alguma vez o seu corpo; porém o receio de lhe lembrar semelhante coisa, punha-me um freio na curiosidade. Tem uma tal avidez de saber! Talvez os que para cá vêm em crianças, não sucumbam tão facilmente a esse mórbido instinto.

Se nos pudessemos lembrar em vida, que esse corpo a que tanto valor damos não constitui o nosso verdadeiro Ego imortal, não lhe ligaríamos a importância exagerada, que nos faz chorar ao ver depois os estragos a que é sujeito; não quero dizer com isto, é claro, que o votariamos ao desprezo, mas tratá-lo-íamos segundo o seu justo valor.

Em geral, os que dizem que já aqui estão há muito tempo, não parecem velhos. Perguntei ao Mestre a razão disto e ele explicou-me que uma pessoa de idade esquece ao cabo de certo tempo que é velha, porque a tendência geral é tornarmo-nos novos em pensamentos, portanto novos na aparência; o corpo tende a tomar a forma que dele conservamos no

espírito, seguindo a lei do ritmo que atua aqui como em toda a parte.

As crianças aqui crescem e podem mesmo chegar a uma idade avançada, se tal é o desejo do seu espírito; mas a tendência é conservarmo-nos na idade mais florescente, avançar ou recuar para atingir o melhor período, e permanecer aí até que a atração irresistível da Terra se faça sentir de novo.

A maior parte dos homens e das mulheres que aqui andam ignoram que já tiveram várias vidas materiais. Recordam-se com mais ou menos nitidez da sua última vida; quanto ao que se passou anteriormente parece-lhes um sonho. Porém o nosso dever é rememorarmos sempre o passado, pois isso ajuda-nos a construir o futuro.

Que desapontadas ficariam as pessoas que crêem na onisciência dos seus queridos mortos, se soubessem que a vida deste lado da esfera é somente uma extensão da vida terrestre! Se os pensamentos e desejos que na Terra germinam e se desenvolvem constantemente têm só por objetivo o prazer material, continuarão a ser idênticos aqui.

Desde que para cá vim, encontrei verdadeiros Santos. Mas que eram eles na Terra? Unicamente homens e mulheres com aspirações a uma vida santa, aspirações que aqui lhes é dado concretizar.

Que liberdade ideal que aqui se goza! Nem sombras do maquinismo de vida que transforma as pessoas na Terra em verdadeiros escravos. No nosso mundo são os pensamentos que prendem o homem. Se os pensamentos são livres, o homem é igualmente livre.

Há, contudo, poucos com o meu espírito folosófico. Existem relativamente, muito mais santos do que filósofos; entre os ideais nobres mais intensamente ativos predominam sempre o ideal religioso sobre o ideal filosófico.

Acho que os pintores são as pessoas mais felizes que aqui se encontram. A nossa matéria é tão sutil, tão leve, tão maleável, que facilmente se adapta às formas criadas pela imaginação. Há lindos quadros aqui. Alguns dos nossos artistas tentam imprimir os seus quadros nos olhos mentais dos artistas da Terra e às vezes conseguem-no realmente.

Os artistas de cá exultam quando os seus irmãos da Terra se inspiram nas suas idéias e as executam. Nem sempre atingem os da Terra logo, toda a amplitude da concepção, que o primeiro autor idealizou, porque necessitam dum dom especial, dum treino especial para distinguir, para ver entre ambas as formas de matéria; porém o espírito que

inspira adivinha o pensamento que impera na mente do artista inspirado, e fica logo sabendo que uma concepção sua aparecerá em breve, executada sobre a Terra.

Dá-se o mesmo caso com os poetas. Quantos poemas encantadores são compostos aqui e gravados, em seguida, nos espíritos receptores dos poetas terrestres.

Disse-me uma vez um poeta, que é mais fácil inspirar um poema lírico do que um poema épico ou um drama, pois nestes últimos é necessário um esforço contínuo.

Os músicos, também, são inspirados da mesma forma. Quando nos achamos num concerto, arrebatados por melodias divinas, há certamente em torno de nós um auditório invisível, mas igualmente entusiástico, de espíritos amantes de música, escutando, deliciosamente comovidos, aquelas ondas de harmonia. A música da Terra é muito apreciada pelos habitantes deste mundo. Ouvem-na perfeitamente. É claro que nenhum destes espíritos sensíveis se aproxima dum sítio onde se faz má música. Preferimos música produzida por instrumentos de corda. O som é uma das coisas terrestres que mais diretamente atingem este plano de vida. Diga isto aos músicos.

Se eles pudessem ouvir a nossa música! Quando eu vivia na Terra não entendia a música, porém agora, já os meus ouvidos se adaptaram. Parece-nos, às vezes, que vocês, certamente, devem ouvir a nossa música na Terra, assim como nós ouvimos a sua.

Talvez gostasse de saber como passo o tempo e por onde costume dar os meus passeios. Há um lindo sítio no campo que nunca me canso de visitar. Está situado numa encosta, perto da minha cidade. Segue-se por uma estradazinha que vai zigzagueando pela montanha acima; a meia encosta há uma cabana, com uma espécie de telheiro feito de tábuas toscamente alinhadas. Às vezes deixo-me estar ali horas e horas, escutando extasiado o murmúrio do regato que corre ao lado. As árvores esguias, esbeltas, parecem-me minhas irmãs. Logo à primeira vista não posso distinguir muito bem as árvores materiais; mas então entro na cabanazinha, cujas tábuas são tão limpas e cheiram tão bem, deito-me sobre o banco que há em volta da parede; fecho os olhos e com um esforço, ou melhor, por meio duma espécie de impulso consigo ver este lindo sítio. Mas é necessário que compreenda que isto tudo se passa de noite e que eu vejo à luz que dimana de mim mesmo. É por isso que escolhemos a noite para viajar, pois à luz ofuscante do sol não vemos absolutamente

nada. A nossa luz extingue-se, vencida pela luz mais violenta do sol.

Uma noite levei Leonel ao tal lugar aprazível na montanha e deixei-o na cabana, enquanto eu me afastava um pouco. Ao olhar para trás, vi a cabana inundada pelos raios duma luz encantadora e suave, a luz que dimanava de Leonel. A cabana, que tem o telhado em bico, assemelhava-se a uma pérola, iluminada interiormente. Foi uma experiência lindíssima.

Fui então ter com o Leonel e disse-lhe que se afastasse por sua vez, enquanto eu me deixava ficar na cabana. Sentia uma curiosidade imensa de saber se também lhe seria dado ver e admirar o mesmo fenômeno, se eu também teria o poder de produzir uma luz tão intensa a ponto de atravessar a matéria espessa, de que eram compostas as tábuas. Quando depois o chamei e lhe perguntei se tinha visto alguma coisa de extraordinário, disse-me:

«O Pai é um homem admirável! Como conseguiu dar-me a ilusão de que a cabana estava a arder?»

Então percebi que ele também tinha visto a mesma coisa.

Agora estou fatigado, já não posso escrever mais. Boa noite, desejo-lhe sonhos agradáveis.

CARTA XVII

O ENCONTRO DA PRIMEIRA ESPOSA

Eu aqui sou muito procurado para resolver questões particulares. Em geral, chamam-me simplesmente o "Juiz"; mas o costume deste mundo é usarmos os nomes por que ultimamente eramos conhecidos na Terra.

Homens e mulheres vêm ter comigo para decidir toda a espécie de questões, questões de ética, questões de propriedade, mesmo dissensões íntimas. A minha amiga pensava talvez que aqui nunca se discutia, que reinava uma paz e concordia absolutas. Mas afinal como vê, também para cá

trazemos os defeitos da Terra. Há mesmo casos de pendercias antigas, que ameaçam eternizar-se.

Os que têm opiniões diferentes em religião discutem acaloradamente, tentando todos apresentar os argumentos mais convincentes. Vêm para aqui com as mesmas creanças que tinham na Terra, e como agora conseguem abranger com a visão do espírito os seus ideais, e até mesmo experimentar as coisas que esperam e em que crêem firmemente, é claro que se tornam ainda mais intolerantes. Os defensores de duas creanças diferentes são aqui, por todas essas razões ainda muito mais intransigentes do que antigamente. Cada um dos adversários está intimamente convencido da sem razão do outro. Quanto mais recentemente chegados, tanto mais forte é a obstinação com que defendem as suas opiniões. Pouco a pouco tornam-se mais tolerantes, habituam-se a viver uma vida diferente, e apreciam o mundo de experiências e realidades que cada alma forma para si.

Agora quero dar-lhe um exemplo da espécie de questões em que pedem a minha decisão.

Há aqui duas mulheres que em vida foram casadas com o mesmo homem, em épocas diferentes, é claro. A primeira mulher morreu, o homem tornou a casar, e, pouco tempo depois, dali a um ou dois anos, o homem e a segunda mulher vieram também para cá. A primeira mulher considera-se a única verdadeira e anda constantemente atrás dele. Diz ela que ele lhe tinha prometido encontrá-la no Céu. Ele sente uma atração maior pela segunda mulher, embora também seja amigo da mulher n.º 1. Sente uma certa impaciência pelo que ele chama o despropósito desta. Uma vez disse-me que até sentiria muito prazer em se ver livre de ambas, a fim de poder continuar em paz certos estudos, que muito o interessavam. Encontrei estas pessoas pouco depois da época em que principiei a sentir-me mais forte aqui — não há muito tempo; como as mulheres não abandonam o homem e ele aprecia a minha companhia, temos andado todos quatro sempre juntos.

Um dia vieram os três ao meu encontro e apresentaram a questão ao meu arbítrio — isto é, a mulher n.º 1. é que tomou a palavra. Disse assim:

“Este homem é meu marido. Não acha, portanto, que esta mulher m’o devia ceder inteiramente, a mim, e seguir o seu caminho por outro lado?”

Perguntei à mulher n.º 2 se tinha alguma coisa a dizer. Respondeu que se não fosse o marido, sentir-se-ia, completa-

mente, abandonada aqui e como ele tinha casado com ela ultimamente, achava que lhe pertencia mais a ela do que à outra.

De repente lembrei-me dos Saduceus que também fizeram uma pergunta semelhante ao Cristo, e achei que a melhor maneira de resolver a questão era citar a resposta que Ele lhes tinha dado: «quando ressuscitarem de entre os mortos, não casarão, nem serão pedidos em casamento; devem ser como anjos do Céu”.

A minha resposta impressionou-os tanto quanto a pergunta deles me impressionara a mim. Separaram-se de mim pensativos; embaraçou-os deveras a minha decisão.

Quando me vi sozinho, principiei também por minha vez a ponderar a questão. Já tinha tido ocasião de observar que muito embora aqui fossem anjos, (isto é, sem sexo), não deixava de haver a fatal atração entre generos diferentes; os que tinham sido companheiros na vida juntavam-se aqui novamente. A distinção dos sexos existe aqui tal e qual na Terra; a expressão, é claro, é que diverge um bocado. As perplexidades deste interessante trio deram motivo a que no meu espírito se formulassem perguntas, que, se não fosse isto, certamente nunca me teriam sido sugeridas. Lembrei-me, pois achava o meu caso semelhante, do homem que só ficava conhecendo a sua opinião quando tentava exprimi-la a alguém.

Dali a bocado fui procurado, novamente, pelos três, cujo conciliábulo à maneira dos anjos, tinha dado o resultado seguinte: a mulher n.º 1 decidiu *permitir* ao seu marido que passasse parte do tempo com a outra mulher, caso ele assim o desejasse.

Ora o homem tinha tido uma namorada antes de casar com qualquer das mulheres. A sua jovem apaixonada, também, aqui se encontra e como ele sabe disso, deseja ardentemente vê-la, pois ignora o seu paradeiro. Porém o caso agora muda de figura; não vejo, realmente, como o pobre homem terá ocasião de procurar a noiva, com o tempo sempre ocupado ora por uma mulher, ora pela outra. Tenho pena dele, pois calculo o seu aborrecimento. Já custa suportar a companhia constante duma pessoa, quanto mais de duas, como lhe acontece a ele. E parece-me que há muitos casos semelhantes. A única maneira de fugir à insistência das duas companheiras é, talvez voltando à Terra.

Conheço, contudo, mais outro modo de nos libertarmos de companhias importunas e de vivermos na mais completa

solidão; talvez lh'ó diga um dia, pois ele ignora isso em absoluto. Todo homem se pode isolar tanto aqui como na Terra; a questão é saber o que deve fazer; pode elevar uma muralha em volta de si próprio através da qual só o olhar dum grande iniciado consegue penetrar. Ainda não o intei-rei deste segredo pois acho que talvez derive mais conhecimentos da sua presente situação, vendo-se obrigado a adaptar-se às circunstâncias, que estas duplas reivindicações lhe impõem e tratando de descobrir a verdade que elas encerram. Talvez venha a compreender que não "pertence" realmente, essencialmente, fundamentalmente, a nenhuma das mulheres. As almas aqui parece que se pertencem a si mesmas, e depois de alguns anos adquirem um amor tão intenso pela liberdade, que se prontificam a ceder um pouco das suas pretensões sobre outrem. Contudo se este homem necessitar, realmente, de solidão para auxiliar o seu desenvolvimento espiritual, não hesitarei em lhe confiar o meu segredo.

Este mundo é o sítio mais apropriado para nos desenvolvermos, depende somente da vontade de cada um; infelizmente são raros os que se aproveitam desta possibilidade de se tornarem maiores e melhores. Em geral contentam-se em assimilar as experiências que tiveram na Terra. Se não soubessemos que a vontade é livre, causar-nos-ia uma tristeza profunda a indiferença com que as almas deixam passar as oportunidades, tal qual como faziam, no planeta cuja companheira fiel é a Lua.

Não faltam aqui mestres, sempre prontos a ajudar todos aqueles que carecem do seu auxílio, para os estudos profundos que são necessários, a fim de desvendar os mistérios da vida — da vida aqui, da vida da Terra e do passado remoto, imerso na noite dos tempos.

Se um homem perceber que a sua estada recente na Terra foi simplesmente a última, das muitas vidas, de uma longa série de vidas, e se concentrar o seu espírito com o firme propósito de se recordar do passado distante e enigmático conseguiu-lo-á, embora talvez com alguma dificuldade. Há certamente pessoas, que pensam erradamente que basta uma alma ter-se, libertado do véu da matéria, para logo o seu espírito se libertar igualmente das trevas que o envolvem; porém aqui, como na Terra, "as coisas não são assim porque o deviam ser, mas sim porque o são."

Nós atraímos as experiências que reclamamos e para as quais nos achamos prontos; a maior parte das almas não reclamam bastante, são inativas como já eram em vida. Diga-lhes que reclamem mais fervorosamente, e o seu pedido será atendido.

CARTA XVIII

INFERNOS INDIVIDUAIS

Comuniquei-lhe há tempo a minha resolução de visitar o inferno; porém, quando principiiei as minhas investigações a esse respeito, percebi que há vários infernos.

Há para todos os gostos; quem não se contentar com o inferno ortodoxo de fogo e enxofre, pode criar pela sua imaginação um que lhe convenha mais. Segundo a minha opinião não é Deus que coloca os homens no inferno; eles próprios é que lá vão ter. Comecei a procurar um inferno de fogo e enxofre e encontrei-o. Dante viu certamente as mesmas coisas que eu.

Porém há outros infernos individuais.

(De repente deixou de escrever, sem razão aparente e nessa noite não tornou a visitar-me. — Nota da autora).

CARTA XIX

UM PEQUENO LAR NO CÉU

Desde a última vez que escrevi, tive ocasião de travar conhecimento com um homem muito interessante. É um rapaz que aguarda há dez anos a vinda da sua noiva.

Na Terra disseram à rapariga que ele tinha morrido e insistiram para que se interessasse por outro rapaz; mas

ela não o podia esquecer, porque todas as noites a sua alma se encontrava com ele em sonhos, todas as noites vinha cá visitá-lo, e às vezes, depois de despertar, recordava-se ainda de tudo quanto ele tinha dito. Ela prometera-lhe que não se demoraria muito no mundo iluminado pelo Sol, que em breve iria viver com ele no mundo inundado pela sua própria luz divina. Há pouco tempo cumpriu a promessa e veio para cá. Ele já tinha feito os preparativos para a receber; não se ocupava mesmo em outra coisa desde que cá estava. Tinha construído com a substância deste mundo a casinha que ainda em vida idealizara.

Contou-me que, uma noite, tinha ela vindo como de costume, e lhe dissera que no dia seguinte tencionava abandonar o mundo dos vivos e começar, finalmente, uma existência idealmente feliz ao lado do seu noivo. Ele primeiro impressionou-se muito e pensou em demovê-la do seu intuito, pois recordava-se da sua morte, repentina e dolorosa, e receiava que ela também sofresse. Esse rapaz tinha sido, por assim dizer, o anjo da guarda da rapariga, sempre vigilante e pronto a avisá-la quando corria perigo; porém desta vez, depois de passado o abalo causado pela mensagem inesperada, sentiu que a sua noiva devia realmente vir, e entregou-se à alegria inefável que a notícia lhe causou. Como seriam felizes aqui neste mundo de sensações sutis! Oh! iam finalmente viver!

O rapaz não se tinha apaixonado por ninguém aqui, porque, quando se deixa a Terra com uma grande, uma incomensurável afeição entranhada no peito, e quando o ente querido, que ficou na Terra não esquece, os laços que nos prendiam continuam a conservar-se fortes durante anos e anos. Vocês que estão na Terra não se lembram de tudo quanto aprenderam aqui, senão compreenderiam certamente quanto os seus pensamentos fiéis nos podem tornar felizes, ao passo que se nos votam ao esquecimento absoluto, nos causam uma sensação de abandono e tristeza desoladores.

Os que aqui atingem um maior grau de espiritualidade são justamente aqueles cuja recordação não perdurou na Terra; mas em todo o caso é bem triste ser-se esquecido.

Mal sabem que amargo e sombrio poder nos concedem, ao abandonar-nos assim a nós mesmos; nem todas as almas são bastante fortes, ou se acham animadas por aspirações bastante elevadas, para aproveitar o ímpeto solitário que as

poderia auxiliar a galgar os degraus do conhecimento espiritual.

Mas voltemos aos nossos noivos. Durante o dia solene, ele permaneceu sempre ao lado da noiva. Não quis descansar; como já disse à minha amiga, nós, geralmente, descansamos um pouco, enquanto o sol brilha sobre a Terra. Ele, porém, não a deixou durante todo o dia. Não conseguiu discernir o corpo dela, porque os raios do sol o ofuscavam. Porém, ao cabo de algumas horas, sentiu uma mão apertar a sua, e logo compreendeu, embora ela continuasse invisível, que já tinha vindo para junto dele. Então falou-lhe, usando da palavra, como teria feito na Terra; pareceu-lhe que ela não o percebia. Tornou a falar-lhe sem, contudo, obter resposta; mas pela maneira como ela lhe apertava a mão, entendeu que a sua presença lhe não passava despercebida. Conservaram-se portanto assim, de mãos dadas, nas trevas da luz solar, ele falando por já ter uma longa experiência deste mundo de sons sutis, ela confusa e calada, mas sempre agarrada convulsamente à mão do noivo.

Quando o sol desapareceu, ele pode finalmente distinguir-lhe o rosto e reparou, com imensa dó que os seus olhos exprimiam um pavor indescritível; parecia que continuava presa ao quarto onde o corpo jazia. Era verão, e as janelas estavam abertas de par em par. Ele tentou arrastá-la para fora, para a noite perfumada, que para ele era dia, mas ela resistia, agarrando-o sempre e não o deixando sair. Por fim conseguiu transportá-la a alguma distância e tornou a falar-lhe. Agora já ela o ouvia e pôde responder-lhe.

“Meu adorado”, disse ela, “qual sou eu? Pois me vejo a mim mesma, sinto-me a mim mesma ali no quarto também. Parece que me encontro ao mesmo tempo em dois lugares diferentes. Qual sou realmente eu?”

Ele consolou-a com palavras afetuosas. Ainda não ousava acariciá-la porque, como o tato das almas é extremamente penetrante e sutil receiava que ela regressasse à forma de que a tanto custo se desprendera, correndo o perigo de a perder assim novamente. Contudo sentia intimamente que não havia receio de a ver desaparecer, porque, quando ela o visitara em sonhos, nunca tinha sentido tão intensamente a sua presença como agora; era indubitável que se tinha produzido a grande mudança.

Ela continuava a segurar-lhe a mão, mas parecia receiosa de o acompanhar, de se ir embora e de deixar o corpo. E

ele deixou-se ficar ali com ela toda aquela noite, e todo o dia seguinte; novamente se tornou invisível aos seus olhos, por causa do brilho do sol.

Veio o momento em que os amigos dela, embora com as melhores intenções, lhe causaram uma perturbação intensa, porque as cerimônias sagradas que os vivos julgam tão necessárias, só servem para atormentar os mortos.

O noivo permaneceu junto dela na segunda noite e no dia que se seguiu. Ouviam distintamente os pais dando largas ao seu profundo desgosto; afligiam-se, consternadíssimos, pela perda da filha adorada; é claro que estes nem por sombras suspeitavam da presença invisível das duas almas; porém, na segunda noite, o cãozinho dela entrou no quarto onde o corpo jazia, e onde as duas almas ainda se encontravam; estacou, e olhando para eles, principiou a ganir lamentavelmente. Tanto um como outro ouviram.

De resto, ela agora já ouvia muito melhor quando ele lhe falava.

«Para onde vão levar isso, que foi meu corpo?» perguntou.

Ele entendia perfeitamente o estado de incerteza e desolação em que a noiva se encontrava e para lhe minorar o sofrimento queria persuadi-la a abandonar aquele lugar tão triste, acompanhá-lo ao outro mundo tão belo; mas ela não podia, ou pelo menos assim julgava. Ele também tinha passado pela mesma dura provação; recordava-se perfeitamente de se sentir preso, como por encanto, ao corpo sem vida, sobre o qual a noiva derramava lágrimas amargas e se expandia em queixumes dolorosos.

No terceiro dia deduziu, pela agitação da noiva, que iam encerrar o corpo no caixão. Pouco tempo depois sentiu, embora não pudesse ver, a presença de muitas pessoas no quarto e ouviu música plangente. Como já disse, a música penetra, facilmente, através de todas as camadas até este mundo, ao passo que a voz humana só se pode ouvir com muito esforço e por quem tenha o ouvido exercitado.

Pouco a pouco a agitação da noiva ia aumentando de intensidade e ele, movido pela sua imensa simpatia, também, se sentia profundamente impressionado; agora tinha a sensação dum movimento vagaroso e monótono. Ele disse-lhe:

“Não te aflijas. Levam-no para o cemitério; mas tu estás aqui ao pé de mim e não corres perigo”. Percebia, perfeitamente, a angústia infinda que a dominava.

Na casa onde passou a morte paira sempre qualquer coisa estranha no ar, que obriga os vivos a baixar a voz, qual-

quer coisa que insensivelmente os impressiona e cuja causa não é somente a perda do ente querido. Os vivos sentem, embora não a possam ver, a alma daquele que partiu; as almas deles acham-se em estreita comunhão com ela e comunicam-lhe toda a sua simpatia pelo desnorteamento em que a vêem.

Nada daquilo causaria tanta impressão, se se lembrassem de que não é a primeira vez que passam por aquela mudança; mas tudo se esquece tão depressa. Razão há pois, para que se chame à Terra o Vale do Esquecimento.

Passaram-se dias e semanas sem que o rapaz se afastasse do lado da noiva, tentando à força de persistência arrastá-la para longe da Terra e do corpo, a cuja fascinação ela não se podia arrancar; acontecia-lhe o que eu já tentei descrever numa carta e que sucede a quase todas as almas.

Dizem que as almas daqueles que viveram muito tempo na Terra resistem mais facilmente à subjugadora atração, mas esta rapariga ainda era nova, tinha só uns trinta anos e, mesmo com o auxílio do noivo, levou algum tempo primeiro que se afastasse do lugar onde os seus restos jaziam.

Porém um dia, (ou antes noite para vocês na Terra), ele mostrou-lhe a casa que construira para ela e que era realmente um ninho adorável no Céu. Entrou, admirou tudo docemente sensibilizada, testemunhou-lhe o seu grande reconhecimento por ter pensado constantemente nela e começou então para ambos uma vida repleta de felicidade.

De vez em quando ele ausenta-se por algum tempo ou ela também faz a sua pequena viagem; porque, aqui, como na Terra, as separações ocasionais aumentam o prazer da vida em comum; é claro que ele só a deixou quando todos os vestígios de desgosto tinham desaparecido para sempre e ela já se achava aclimatada neste mundo.

Durante os primeiros dias sentia-se ainda subjugada pelos hábitos da Terra e queixava-se continuamente de fome; ele tentava satisfazê-la dando-lhe a substância tênue que nós usamos. Mas pouco a pouco foi-se libertando de todos os seus costumes antigos; por fim a única coisa que ainda a prendia à Terra eram os pais, a quem visitava, de vez em quando, em sonhos.

Nunca deixem de ligar importância aos sonhos que se relacionam com os mortos. Sempre significam qualquer coisa. Nem sempre interpretamos bem a significação que eles têm, porque a porta de comunicação entre os dois mundos é muito estreita e os pensamentos são freqüentemente

desalojados dos seus respectivos lugares, ao passar por ela. Mas podem ter a certeza que sonhar com os mortos significa qualquer coisa. É assim que nos comunicamos com vocês.

Uma noite destas visitei-a em sonho. A minha amiga estava encerrada num jardim e eu encontrava-me do lado de fóra da grade e, sorrindo, fazia-lhe sinal para vir ter comigo; o meu desejo não era que ficasse cá sempre; só queria que o seu espírito viesse de vez em quando, pois desse modo ser-me-ia mais fácil ir ao seu mundo.

Boa noite.

CARTA XX

O HOMEM QUE ENCONTROU DEUS

Parece-me que a melhor maneira de a inteirar dos mistérios desta vida, e de lhe ensinar coisas absolutamente desconhecidas para você, é contar as minhas conversas com os homens e as mulheres daqui, assim como vários fatos sucedidos por aqui.

Se bem me recordo, disse-lhe uma noite destas que tinha encontrado maior número de santos do que de filósofos. Vou agora contar-lhe coisas interessantes acerca dum homem, que me parece ser um santo verdadeiro, genuíno. Sim, há santos pequenos e grandes, como há pecadores pequenos e grandes.

Um dia andava eu a passear no cume duma montanha. Digo "passear", pois passeamos realmente, embora o dispêndio de energia seja diminuto.

Sobre o cume da montanha deparou-se-me um homem sozinho, profundamente imerso na contemplação de qualquer coisa longínqua que eu não distinguia. Estava absorto, em estreita comunhão consigo mesmo ou com alguém, cuja presença não me era dado ver.

Esprei silencioso. Finalmente o homem respirou profundamente — nós aqui também respiramos — voltou-se para mim e perguntou-me com um sorriso:

"Posso ser-lhe útil em qualquer coisa, meu irmão?"

Pensando que talvez tivesse interrompido uma doce comunhão misteriosa, não me pude esquivar a uma certa confusão.

"Queira perdoar a minha ousadia. O meu desejo era saber em que pensava quando assim contemplava o espaço", disse eu.

Eu tinha plena consciência da minha indiscreção, porém, a minha avidez de saber, de obter mais conhecimentos, não tem limites e, quando tomo assim a liberdade de interrogar as pessoas que me interessam, é sempre com a esperança que me perdoem ao ver a minha seriedade e o meu objetivo.

Este homem era imberbe e extraordinariamente belo. Nos seus olhos brilhava a mocidade e a pureza; porém a simplicidade do traje indicava, claramente, a pouca importância que ligava a si mesmo. As vezes esta absoluta indiferença pela aparência exterior imprime justamente uma certa majestade à figura. Era o que acontecia a este homem.

Olhou para mim um momento, sem pronunciar uma palavra; em seguida disse:

«Estava a tentar aproximar-me de Deus».

"O que é Deus? perguntei; "onde está Deus?"

Sorriu. Nunca vi um sorriso assim, e respondeu:

"Deus está em toda a parte. Deus existe".

"Mas o que é Ele?" insistí; e ele tornou a repetir, mudando a ênfase:

"Deus existe".

"O que quer dizer com isso?" inquiri.

"Deus existe. Deus existe", repetiu.

Não sei como consegui perceber a intenção dele, talvez por simpatia, o que é certo é que percebi; de súbito fez-se luz no meu espírito e compreendi que, quando ele afirmava que, "Deus existe", queria exprimir com estas simples palavras a afirmação mais requintadamente sutil da existência de Deus, que é dado ao espírito conceber; quando dizia, "Deus existe", queria dar-me a entender que não há nenhum ser, nada que exista, a não ser Deus.

O meu rosto certamente traduziu os meus pensamentos, pois o santo disse-me:

"Não sabe também que Ele existe, e que tudo o que há é Ele?"

«Principio a sentir o que isso quer dizer», respondi, «mas não há dúvida que ainda vejo tudo muito vagamente».

Sorriu e não disse nada; mas as perguntas aglomeravam-se no meu espírito.

“Pensava muito em Deus, quando vivia na Terra?” inquiri.

“Sempre. Era raro pensar noutra coisa. Procurava-O por toda a parte, mas só uma vez ou outra é que o meu espírito obtinha conhecimento do que Ele realmente era, em momentos rápidos de consciência superior. Às vezes, durante as minhas orações, pois eu rezava muito, sobrevinha-me de repente a pergunta:

“A quem diriges as tuas orações?” E eu respondia em voz alta: “A Deus, a Deus”. Mas embora eu orasse todos os dias, com fervor, durante anos seguidos, só muito raramente tive, por um rápido momento, essa verdadeira consciência da existência de Deus. Um dia, finalmente, quando me achava sozinho numa floresta, deu-se a revelação suprema. Não foi sob a forma de palavras, foi um milagre sem forma, sem palavras, tão vasto que ultrapassa os limites do pensamento. Caí no chão e perdi certamente os sentidos, porque dali a algum tempo — não sei quanto — despertei, ergui-me e olhei em redor. Então fui-me lembrando gradualmente da experiência, tão violenta, que nem lhe tinha resistido.

“Achei maneira de exprimir em palavras a revelação que a minha mortalidade não tinha suportado, e essas palavras eram: “Tudo o que existe é Deus”. Parecia muito simples, contudo era extraordinariamente intrincado. Tudo se acha incluído nessa expressão, eu e todos os seres, humanos e animais; mesmo as árvores, os pássaros e os rios deviam fazer parte de Deus, se Deus fosse tudo o que existe.

Doravante via a vida sob um novo prisma. Não podia ver um rosto humano sem me lembrar logo da revelação — aquele ente humano era uma parte de Deus. Quando o meu cão olhava para mim, eu dizia-lhe em voz alta. «És uma parte de Deus”. Quando me achava perto dum rio e escutava o murmúrio da água corrente, pensava: «Estou escutando a voz de Deus”. Quando um companheiro se irritava comigo eu perguntava a mim mesmo: “Em que ofendi Deus?” Quando alguém me falava com agrado, eu dizia: “Deus agora gosta de mim”, e, quando me convencia disso, ficava ofegante de alegria. A vida tornou-se infinitamente bela.

Até então tinha sempre andado tão absorvido com o pensamento de Deus, tão completamente dominado pelo desejo de O encontrar, que perdera todo o interesse pelos seres meus irmãos, votando ao esquecimento mesmo aqueles que viviam perto de mim; porém, desse dia em diante tornei a conviver com os meus irmãos humanos. Descobri que quanto mais

procurava neles Deus, mais Deus me respondia por intermédio deles. E a vida tornou-se então ainda mais maravilhosa.

“Por vezes, tentava explicar isto tudo às outras pessoas, mas nem sempre me compreendiam. Percebi então que Deus, por qualquer razão só Dele conhecida, se esconde de propósito sob um véu impenetrável. Será para depois ter o prazer de o rasgar? Se assim fosse, eu ajudá-Lo-ia fervorosamente. Tratei, portanto, de fazer com que os outros homens assimilassem o conhecimento de Deus, como eu o tinha assimilado. Durante anos e anos ensinei aos homens. Ao princípio, queria ensinar a toda a gente; mas em breve vi que assim era impossível e escolhi, portanto, alguns poucos que se denominavam meus discípulos. Nem sempre diziam ao mundo que eram meus discípulos, porque eu lhes pedia que não o fizessem. Porém, insistia com cada um para que comunicasse a alguém a maior soma de conhecimento possível. E penso, que desta maneira, consegui que muitos sentissem uma pequena parcela do milagre, que me foi revelado divinamente naquele dia em que vagueava sozinho na floresta, e em que despertei com uma alma nova toda impregnada do conhecimento que Deus **existe, Deus existe!**”

Ao pronunciar estas palavras, o santo deixou-me, sem responder a nenhuma das minhas perguntas. Ainda lhe queria perguntar quando e como ele tinha deixado a Terra, com que genero de trabalho se ocupava aqui — mas debalde, já desaparecera!

Talvez o torne a ver qualquer dia. Porém, quer o veja ou não, já tirei proveito desta conversa, proveito que por minha vez comunico à minha amiga, do mesmo modo como ele desejava comunicá-lo ao mundo.

Esta noite fico por aqui.

CARTA XXI

O ÓCIO DA ALMA

Uma das alegrias que aqui nos aguardam, é o repouso concedido à alma para sonhar e para adquirir um conhecimento mais profundo de nós mesmos.

Há sempre muito que fazer, é claro; mas embora tentione voltar ao mundo dos vivos daqui a alguns anos, sinto que tenho tempo de me estudar a mim mesmo. Já na Terra tentei fazê-lo com maior ou menor resultado; mas aqui é mais fácil, pois não há tanta coisa que nos tome o tempo. Por exemplo o trabalho de me despir e vestir, que na Terra ocupa tanto tempo, faz-se aqui com muito mais rapidez; além disso agora não preciso de ganhar a vida, nem trabalhar para sustentar a família.

A minha amiga também podia arranjar tempo para descansar e conhecer-se a si própria, se quizesse. Não há, por assim dizer, nada que se não possa fazer, se pensarmos que está nas nossas mãos fazê-lo.

Eu, por exemplo, nestes anos mais próximos, tenciono adquirir um conhecimento geral das condições deste mundo da quarta dimensão, e além disso fazer uma repetição das minhas outras vidas e assimilar tudo quanto nelas aprendi. Quero fazer uma síntese das experiências completas do meu Ego até esta data, e resolver, em seguida, a minha linha de conduta para o futuro, segundo essa síntese, a fim de empregar menor resistência. Tenho quase a certeza de ir munido com uma grande parte deste conhecimento, quando tornar a nascer.

Vou tentar dizer-lhe quando e onde me deve procurar novamente. Oh! não se sobressalte! Não será por enquanto. Não me quero apressar, que isso alterar-me-ia os planos. É provável que pudesse regressar à Terra por minha própria vontade e antes do tempo, mas reconheço que isso seria imprudente, pois não teria tempo de adquirir todo o poder de que necessito para o regresso. Visto que a ação e a reação são opostas e iguais, e que a unidade ou Ego, só consegue dar origem a uma certa porção de energia em certo tempo, é preferível continuar nesta condição de matéria leve, até que tenha acumulado energia bastante para voltar à Terra com poder. Contudo, não farei como a maior parte das almas fazem; permanecem aqui até se cansarem deste mundo, como se cansaram da Terra, e finalmente para lá são impelidas de novo, quase inconscientemente, pela força irresistível da maré do ritmo. Eu, porém, quero dirigir esse ritmo e não ser dirigido por ele.

Desde que para aqui vim, já voltou à Terra um homem meu conhecido. Quando eu o encontrei, pela primeira vez, já estava quase pronto para partir. O que eu achava mais extraordinário era ele não compreender o seu próprio estado.

Queixava-se duma fadiga intensa, sentia uma grande necessidade de repouso. Tratava-se, sem dúvida, do instinto natural do descanso, da preparação prévia necessária para o esforço supremo de abrir, novamente, as portas da matéria. É fácil entrar cá, porém sair e penetrar, novamente, no primeiro mundo já necessita mais esforço.

Sei onde essa alma se encontra, porque o Mestre mo disse. Falei ao Mestre a respeito dele, mas com grande espanto meu ele já o conhecia, sabia da sua existência. Digo com grande espanto meu, porque francamente não julgava que esse homem fosse digno de interesse do Mestre. Isto vem provar mais uma vez que nos enganamos constantemente. Talvez esteja destinado a principiar a estudar na sua próxima vida, a filosofia que eles ensinam.

Mas estava eu falando na ociosidade que aqui é permitida à alma. Gostava que a minha amiga arranjasse as suas coisas, de modo a obter mais alguns momentos de ociosidade. Note-se, não quero que se torne preguiçosa, mas o estado passivo do espírito tem absolutamente o mesmo valor que o estado ativo. Só quando nos achamos no estado passivo é que podemos nos comunicar com vocês. É difícil transmitir-lhe qualquer mensagem da alma, quando o seu corpo e a sua alma se acham constantemente ocupados. Experimente arranjar todos os dias mais um bocadinho de tempo em que esteja inteiramente ociosa. As vezes, é bom não nos ocuparmos com coisa nenhuma; porque durante esses momentos de repouso aparente, são as partes semi-conscientes do espírito que trabalham. Lembrar-lhe-ão que existe uma vida íntima; pois a vida íntima de que somos capazes na Terra constitui realmente, o ponto de contato com o mundo em que vivemos.

Eu disse que os dois mundos estão em contato, e isso obtem-se por intermédio do mundo íntimo. Entra-se para se sair. É um paradoxo, e os paradoxos encerram grandes verdades. As contradições não são verdades, porém o paradoxo não é uma contradição.

Nem todas as pessoas permanecem aqui pelo mesmo espaço de tempo. É costume queixarem-se aí de saudades da outra vida. Aqui há almas que têm saudades da Terra. Às vezes, cometem o erro de regressar quase imediatamente a esse mundo. A não ser que se seja novo e que se tenha ainda uma boa reserva de energia acumulada durante a última vida, não vale a pena ter tanta pressa de voltar, pois faltarmos-á a força necessária para um impulso forte.

É esquisito ver um homem aqui, devorado pelas saudades da Terra, absolutamente como certos poetas e sonhadores da Terra se sentem saudosos da vida íntima.

Este emprego dos termos exterior e íntimo podem, talvez, dar lugar a confusões; porém basta lembrarem-se que para vir para aqui é preciso recolherem-se e virem-se intimamente, ao passo que nós exteriorizamos-nos, saímos, por assim dizer, para ir ter com vocês. Quando vivemos normalmente aqui, levamos quase uma existência subjetiva. Ao contacto do seu mundo tornamo-nos cada vez mais objetivos e vocês se tornam mais e mais subjetivos ao contacto do nosso. Se soubessem isto, far-nos-iam pequenas visitas, quando lhes apetecesse, pois depende só da sua vontade — isto é, concentrar-se profundamente.

Se a minha amiga quer tentar a experiência e promete não se assustar, posso transportá-la para este mundo, sem que perca totalmente a consciência do seu corpo, — quer dizer, sem estar imersa em sono profundo. Quando quiser tentar a experiência, chame-me. Não se desconsolle, se eu não aparecer logo. Talvez me seja impossível nessa ocasião, mas logo que puder lembrar-me-ei do seu apelo.

Não tenha pressa; é preciso que se convença disto. Tenha sempre a esperança de conseguir no ano seguinte aquilo que não pode fazer este ano. Este gênero especial de trabalho demanda serenidade. Temos toda a Eternidade para desenvolvermos o nosso Ego até ao seu apogeu. Parece que a Eternidade foi criada para esse fim. Conheço uma máxima que contém uma sabedoria profunda: “O objetivo da vida é a vida”. Tive ocasião de apreciar ainda melhor quando me foi dado estudar a Eternidade sob um novo ponto de vista. É um belo ponto de vista, para observar não só a Eternidade como o tempo. Obtive assim um conhecimento que antes ignorava em absoluto; eu próprio não desperdicei tempo algum. Mesmo aquilo em que julgava ter falhado ocupa um lugar de valor na minha experiência. Perdemos a fim de tornarmos a ganhar. Saímos do poder, às vezes, e entramos, novamente, como saímos da vida e nela tornamos a entrar, a fim de conhecermos tanto o que há dentro como fora dela. Nisto, como em todas as coisas, o objetivo da vida é a vida.

Não se apressem. Dá-se, às vezes, o caso dum homem adquirir gradualmente poder e conhecimento, mas também se pode apossar de tudo isso pela força. A vontade é livre. Contudo o desenvolvimento gradual tem uma reação menos poderosa.

CARTA XXII

A SERPENTE DA ETERNIDADE

Esta noite quero falar-lhe acerca da Eternidade. Antes de vir para este mundo tentei de balde dar uma solução a esse problema. Só pensava em prazos de meses, anos e séculos; agora antevejo toda a vastidão do círculo. As entradas e saídas que se dão na matéria constituem simplesmente o sistema de sístole e diástole do coração do Ego, e se as examinarmos do ponto de vista da Eternidade têm, relativamente, a mesma brevidade. O período duma vida ocupa, parece a vocês, um largo espaço de tempo. Também tive essa ilusão, porém agora vejo tudo doutro modo.

Há pessoas que estão constantemente a dizer: “Se pudesse reviver a minha vida faria isto, aquilo e aquilo outro”. Ora, como se sabe, ninguém pode reviver a sua vida, assim como tão pouco o coração pode voltar atrás e repetir as mesmas pulsações outra vez; agora o que o homem pode e deve é preparar-se para a sua próxima vida.

Suponha que a sua vida falhou, por completo. É o que acontece à maior parte dos homens, se examinarmos a vida deles sob o ponto de vista do ideal nobre e elevado que haviam formado; porém, todo o homem que pensa, deve ter assimilado alguma experiência que levará consigo para o outro mundo. É possível que se não recorde, ao regressar novamente à luz doutra vida na Terra, dos detalhes da sua existência precedente, das experiências nela contidas, embora haja homens que conseguem avivar essas recordações, à força de treino e de vontade concentrada; porém as tendências duma certa vida, os impulsos e os desejos inexplicáveis acompanham-nos geralmente sempre.

Deve-se desabituar, mentalmente, de considerar a vida presente a única que existe, deve-se libertar da opinião preconcebida erradamente acerca da existência que a espera neste mundo, depois da morte, existência que julga ser infinita, num único estado permanente. Uma existência infinita, ilimitada, na matéria sutil deste mundo íntimo tornar-se-lhe-ia tão insuportável como uma vida eterna na matéria grosseira que agora a envolve. Enfastiar-se-ia. Não poderia suportar semelhante estado de coisas.

Faça o possível por compreender e adotar esta idéia do ritmo. Todos os seres estão sujeitos à lei do ritmo, mesmo os deuses — porém estes sentem a sua sujeição duma maneira mais vasta, com períodos mais longos de fluxo e refluxo.

Eu não queria deixar a Terra, lutei desesperadamente, até à última; mas agora reconheço que a minha partida da Terra era inevitável por causa das condições em que me achava. Quem sabe, se eu tivesse principiado mais cedo a abastecer o meu batel, talvez a viagem fosse mais longa; assim, fui obrigado a procurar o porto de salvação, quando já não tinha carvão nem água.

É perfeitamente possível abastecer mesmo um pequeno batel que seja, para uma viagem mais longa do que os setenta anos vulgarmente concedidos; mas para se obter esse desideratum é necessário economizar o carvão e não desperdiçar a água. Há quem diga que a água constitui o fluido da vida.

Muitas pessoas protestam contra a idéia de que a vida, depois da morte, não é eterna; idealizaram uma espécie de encadeamento infinito nos reinos espirituais e sofrem uma decepção quando lhes dizem que não é assim. Contudo entre esses que protestam, poucos sabem, mesmo vagamente, a significação dos reinos espirituais de que tanto falam.

Todas as almas podem aspirar à vida eterna, não há dúvida nenhuma a esse respeito; o que não é possível é continuar a andar sempre na mesma direção. A evolução forma uma curva. A Eternidade é um círculo, uma serpente que devora a própria cauda. Enquanto não condescenderem em entrar na matéria grosseira e sair dela de bom grado, não aprenderão a passar além da matéria. Há pessoas que, de motu-próprio, podem permanecer cá dentro ou ficar lá fora tanto tempo quanto desejam, é claro, falando dum modo relativo; porém esses nunca evitam qualquer das formas de vida.

Eu costumava evitar o fenômeno a que chamo morte. Ha almas aqui que fogem ao fenômeno que eles chamam morte. Sabe o que elas denominam morte? O renascimento no mundo. É assim mesmo.

Também aqui há muita gente que vive na mais absoluta ignorância do ritmo, como acontece à maior parte dos habitantes da Terra. Tenho encontrado homens e mulheres que nem ao menos sabiam que teriam de voltar, novamente, à Terra e que falavam da “grande mudança” como os homens

na Terra falam de morrer, dizendo, para cúmulo de ignorância, que “não existem provas do que há além-túmulo e que nunca existirão”. Seria trágico se não fosse absurdo.

Quando percebi que ia morrer, resolvi ir acompanhado da memória, da filosofia e da razão.

Vou agora dizer-lhe uma coisa que vai talvez surpreendê-la. Há um homem que escreveu um livro denominado: **A Lei dos Fenômenos Psíquicos**; neste livro vêm várias considerações acerca dessas duas partes do espírito a que ele chamou a parte objetiva. Dizia ele que o espírito subjetivo é incapaz de raciocínio indutivo, que o espírito subjetivo aceitaria qualquer premissa apresentada pelo espírito objetivo e, com essa premissa por base, raciocinaria com uma lógica inigualável; não poderia, porém, deduzir nada anterior a essa premissa e ser-lhe-ia impossível raciocinar.

Lembrar-lhe-ei agora que os homens, nesta forma de matéria, em que me encontro, vivem sobretudo uma existência subjetiva, ao passo que os homens na Terra vivem objetivamente. Os que aqui levam uma vida subjetiva raciocinam tomando para ponto de partida as premissas que lhes foram apresentadas durante a sua existência objetiva na Terra. Aí está a razão por que a maior parte das pessoas que viveram nas terras ocidentais, onde a idéia do ritmo ou renascimento não goza popularidade, vieram para aqui dominadas pela idéia fixa de que não voltariam à Terra. Por esse motivo muitos continuam a raciocinar fundados nessa premissa.

Não compreende que a sua futura existência aqui, depende muito da sua maneira de pensar a esse respeito? É claro que aqueles que não acreditam na teoria do renascimento não escapam eternamente ao ritmo do renascimento; mas conservam obstinadamente a sua opinião errada, até que um belo dia se sentem arrastados pelo ritmo, que os obriga a penetrar, novamente, na matéria grosseira; para lá vão, sem preparação alguma prévia, quase sem recordações da vida aqui passada. E isto é lamentável. Trouxeram para cá a memória da vida terrestre, porque já contavam fazê-lo.

Muitos orientais que sempre acreditaram no renascimento, recordam-se das suas vidas anteriores, porque já faziam intenção de se lembrarem delas.

Sim, quando percebi que tinha de deixar a Terra, impus um certo domínio a mim mesmo. Decidi conservar a memó-

pio, nem fim. O homem que sabe que é rico é mais opulento do que o homem que diz ter uma certa porção de dinheiro, seja ela avultada ou não. Repousem, portanto, confortados pela consciência da existência da Eternidade e trabalhem dominados sempre pela idéia de que a presentem.

E por hoje basta.

CARTA XXIII

PARA SER LIDA PELA DEFENSORA

A inquietação da sua amiga a seu respeito é infundada. Diga-lhe que a nossa correspondência não a pode molestar, porque antes de me decidir a iniciá-la, debati o assunto seriamente com o Mestre. Ser médium é muito diferente. Os médiuns são pessoas mais ou menos saudáveis, cujo organismo oferece um terreno apropriado para a entrada natural de qualquer espírito bom ou mau, que ande à espreita de ocasião. Como vê, o seu caso é muito diferente. Eu sou um seu antigo amigo da Terra, que, tendo deixado o mundo dos vivos me lembrei de visitá-la de vez em quando, a fim de lhe comunicar uma parte da grande ciência que me foi dado adquirir neste mundo.

Longe de mim alguma intenção malévola de forçar alguma entrada no seu sistema nervoso, pelo qual forças irresponsáveis e nocivas possam penetrar no seu íntimo e tomar posse de você. Pode ter a certeza que, se algum espírito, bom ou mau, fizesse uma tentativa dessas, teria primeiro de se haver comigo, e felizmente tenho bastante poder. Estou ao fato de certos segredos, em resultado de recordações e do que tenho aprendido, que me permitem protegê-la contra o perigo que correm os médiuns. Aconselho-a portanto a que *nunca* se preste a servir de médium, resista mesmo aos pedidos insistentes daqueles que perderam entes queridos. Os que andam pelo mundo a que chamamos invisível não têm absolutamente nenhum direito a solicitar entrada no seu organismo, somente pela razão de ter uma constituição que lhes permita entrar; do mesmo modo o povo não pode ter a pre-

ria de tudo, tanto quando viesse para aqui, como quando voltasse de novo à Terra. Não vou agora jurar, é claro, que me lembrarei fielmente de tudo, quando penetrar outra vez na matéria pesada; mas estou resolvido a fazê-lo, se me for possível; e espero ser bem sucedido, até um certo ponto, se não se enganarem na escolha da minha mãe. Tenciono proceder a essa escolha com o máximo cuidado, pois desejo que a minha mãe já esteja familiarizada com a idéia do renascimento. Se me for possível, quero escolher uma mãe que já me conheceu na minha última vida, — pois tenho a certeza que essa respeitaria as minhas opiniões, não me censuraria, não me obrigaria pelas suas dúvidas a procurar um refúgio em mim mesmo, quando eu lhe dissesse, nas minhas conversas infantis, que era o mesmo — que ela tinha conhecido em rapariga.

Creio firmemente que muitas crianças levam para a vida terrestre recordações da existência passada aqui, mas essas recordações perdem-se depois nas trevas do esquecimento, aniquiladas inexoravelmente pela idéia da criação que sugerem à criança a todo o momento. «Foste criada agora pela mão de Deus», dizem-lhe, e assim se desvanece a memória do passado.

A Eternidade é realmente vasta; existem muitas coisas na Terra e no Céu que a filosofia da vulgaridade dos educadores ignora totalmente.

Se quisessem compenetrar-se da idéia da vida imortal e nunca mais a abandonassem, como tudo mudaria de figura! Se se considerassem como entes sem princípio, nem fim, poderiam finalmente começar a trabalhar, no verdadeiro sentido da palavra. Esse presentimento sutil, essa consciência da Eternidade é maravilhosa. Quão mesquinhas devem ser as contrariedades deste mundo para aquele que não conhece limites à sua existência, para aquele que conta os anos de vida aos milhões ou bilhões! Nenhum homem pode conceber a idéia dum milhão de anos, ou dum milhão de dólares, ou enfim dum milhão de seja o que for; estes algarismos constituem simplesmente o símbolo duma grande quantidade, quer seja de anos ou de dinheiro. Não é uma idéia restrita, há sempre qualquer coisa que escapa. Um milionário não pode saber a todo o momento quanto vale; pois é preciso contar sempre com os juro, de modo que o valor varia constantemente. Dá-se o mesmo caso com a imortalidade. Não pensem que viveram um milhão de anos ou um trilhão de anos, pensem sim, que são imortais, sem princí-

tensão de lhe invadir a casa, pelo simples motivo de ter curiosidade, fome ou frio. Não o permita. Sim, bem sei, já uma vez se prestou a isso, porém o caso era excepcional e não se baseava na sua curiosidade ou no seu desejo, nem tão pouco no de qualquer outra pessoa. Duvido que isso torne a acontecer.

Desde que comecei a escrever por seu intermédio têm sobrevindo muitas mudanças. Ao princípio, recorda-se, fazia mover o seu braço e a sua mão cá de fóra, — às vezes com tal força, que os seus membros ficavam paralisados no dia seguinte. Pouco a pouco familiarizei-me com os meios que tinha à minha disposição, e experimentei um novo método, que introduziu imediatamente uma mudança no caráter das cartas. Principiava a escrever pessimamente, com as letras muito mal formadas, mas não tardou que me aperfeiçoasse, à medida que o instrumento que usava se me tornava mais conhecido e por conseguinte mais fácil de manejar.

Ultimamente tenho empregado um terceiro método. Penetro no seu espírito, entro em comunicação perfeitamente telepática com o seu espírito, e imprimo no seu próprio espírito as coisas que quero dizer. A fim de obter um resultado satisfatório e escrever desta maneira, a minha amiga deve tornar-se absolutamente passiva, tendo o cuidado de reprimir todo e qualquer pensamento a fim de ceder inteiramente ao meu pensamento; mas afinal não é uma grande coisa que lhe peço, pois acontece exatamente o mesmo quando está a ler um livro interessante, daqueles livros que, por assim dizer, nos fascinam. Nessas ocasiões entrega o seu espírito ao autor, que a guia a seu bel-prazer, extasiada e passiva, simplesmente por meio da página impressa.

Não imagina como me tenho interessado por todas as experiências que me permitam aperfeiçoar o modo de me comunicar com você.

Diga à sua amiga que não sou uma criança nem um experimentador negligente. Estudei a ciência superior não só na minha última vida, como em outras anteriores, e sempre me dediquei em absoluto à verdade e à busca da verdade. Nunca abusei de nenhum ser humano, nem nunca causei mal a ninguém de propósito e certamente não o iria fazer agora a você, minha verdadeira amiga, tão estudiosa e ávida de saber.

Nem mesmo tenciono intrometer-me de modo nenhum nos seus estudos, na sua vida e no seu trabalho. Quando andava no mundo nunca fui considerado um homem perigoso.

O fato de eu ter mudado de roupa, e ter envergado um traje mais leve não autoriza ninguém a supor que também tenha alterado o meu caráter.

Quero comunicar certas coisas ao mundo. A minha amiga é, por enquanto, a única pessoa que me pode servir de amanuense. A culpa nem é minha, nem sua. Não se trata de saber se eu quero que me escreva as cartas, ou se a minha amiga as quer escrever, mas sim se serão benéficas para o mundo. Creio que sim, A — minha amiga pensa que talvez o sejam. B — acha-as não só extraordinariamente valiosas, como também únicas no seu gênero. Fulano e Sicrano têm as suas dúvidas e receios. A isso não podemos dar remédio.

Valha-nos Deus! Para que se apressam eles a aferrolhar as portas? Certamente que não vou tratar-lhes dos negócios daqui, deste mundo. Devem estar à altura do seu trabalho, senão não o continuavam. Mas o trabalho com que me ocupo é muito diferente e a minha amiga teve a bondade de consentir em auxiliar-me.

Não conte com uma grande recompensa pela sua obra; provavelmente os sabichões abanarão a cabeça, com um sorriso superior, e os mais científicos insinuarão que eu sou o seu “espírito sub-consciente”, ou coisa parecida. Nem eu, nem a minha amiga precisamos de nos ofender com essa hipótese.

Como posso continuar a escrever, percebo que não está contrariada nem aflita. Se quer que eu continue, deve conservar sempre o seu espírito plácido, sereno como um lago em noite de calmaria.

Dê-lhes saudades minhas.

CARTA XXIV

CIÊNCIA PROIBIDA

Tenho feito muitas coisas ultimamente. Por mais que pense, nunca adivinhará onde eu fui o outro dia — calcule que fui assistir ao grande funeral do Imperador do Japão. Com certeza não lhe seria possível ir de Paris ao Japão e voltar de novo em tão pouco tempo, não é verdade? Pois eu consegui.

Uma hora antes de partir, ignorava que o Imperador do Japão tinha morrido. O Mestre procurou-me e convidou-me a acompanhá-lo. Disse-me que ia presenciar um espetáculo impressionante.

A sua profecia realizou-se. Vi uma alma, uma grande alma, despedir-se da Terra, cometendo o suicídio. Que triste e terrível acontecimento!

O Mestre aproximou-se de mim e aconselhou-me a não dissertar mais sobre o assunto. Obedeço-lhe.

Vemos aqui coisas horríveis, mas também se nos deparam, de vez em quando, coisas lindas que nos vêm consolar. Com respeito ao suicídio direi ainda, que se os homens que o cometem, soubessem o que os espera além-túmulo, prefeririam certamente suportar o sofrimento na Terra e não apressar indevidamente a morte, para ir para o desconhecido mil vezes mais horrendo do que todas as torturas a que são sujeitos na Terra. Tenho pena de não me ser permitido alongar-me mais sobre este assunto, pois estou certo que a interessaria sobremaneira. O depoimento duma testemunha ocular sempre é mais convincente do que a mera repetição duma teoria. A aparição repentina do Mestre e o seu conselho fizeram desaparecer do meu espírito o desejo de escrever. Mas voltarei em breve.

MAIS TARDE

Depois de inúmeras pesquisas consegui o que a minha amiga desejava — encontrei o rapaz que veio para cá, por se ter afogado acidentalmente.

Quando a minha amiga olhou para a fotografia dele, eu vi-a também pelos seus olhos, e imprimir aquele rosto na minha memória. Descobri-o vagando sem destino, extremamente embaraçado. Quando lhe falei a seu respeito e lhe disse que a minha amiga me tinha pedido para o ajudar, pareceu ficar surpreso.

Consegui ajudá-lo um pouco, embora ele tenha aqui um amigo — um velho que se acha mais estreitamente relacionado com ele do que eu. Ele adaptar-se-á gradualmente ao seu novo estado.

É melhor não tentar falar com ele. Encontra-se num atalho diferente e tem quem olhe por ele, pois possui aqui amigos. O auxílio que lhe prestei resumia-se numas infor-

mações. Precisava de se distrair a fim de se libertar dum pensamento importuno e pertinaz e eu sugeri-lhe então um ou dois passatempos agradáveis e instrutivos.

Admira-se da expressão “passatempo?” Mas olhe que aqui também existe o tempo. É possível que ainda venhamos a ter um “tempo” em que todas as coisas existam simultaneamente, o passado, o presente e — não sei se diga, o futuro. Mas enquanto o passado, o presente e o futuro se distinguem mais ou menos uns dos outros, podemos afirmar que existe o tempo. É simplesmente o princípio de sequências. Julgava que era outra coisa?

Intimamente isto é, se procurarmos no mais íntimo do nosso ser, achamos um lugar silencioso onde todas as coisas *parecem* existir em unísono; mas basta a alma fazer uma tentativa para examinar as coisas separadamente, e logo a sequência principia.

Agora a união com o Todo é diferente. Isso não depende, ou parece não depender do tempo; porém se queremos uni-lo a alguma coisa ou fazê-lo depender de qualquer coisa, logo o tempo se manifesta.

CARTA XXV

UM MUNDO SEM SOMBRAS

Já aqui me encontrava há algum tempo, sem reparar numa das particularidades mais notáveis deste mundo.

Uma noite, andava eu a passear vagarosamente, quando vejo um grupo de pessoas aproximar-se. Dimanava muita claridade delas, porque era um grande grupo. Ao ver essa luz, lembrei-me de repente duma máxima que tinha lido num dos livros Herméticos: “As sombras são mais densas, onde a luz é mais forte”. Porém, ao olhar para esses homens e essas mulheres, notei com grande espanto que **não davam** sombra nenhuma.

Chamei o homem que estava mais perto — é preciso que se lembre que isto se passou logo após a minha chegada, quando ainda era mais ignorante do que sou agora —

e fiz-lhe notar este fenomeno tão extraordinário dum mundo resplendente de luz e contudo sem sombras. Ele sorriu-se ao ver a minha admiração e disse:

“Não está cá há muito tempo, pois não?”

“Não”.

“Então ainda não percebeu que nós iluminamos o lugar onde nos encontramos? A substância de que os nossos corpos se compõe é luminosa, como poderíamos pois dar sombra, se a luz irradia de nós em todas as direções?”

“E quando estão à luz do sol?” perguntei.

“Ah! mas bem sabe que quando estamos à luz do sol não vemos nada”, respondeu. “A luz do sol é forte e clara, extingue a luz dos espíritos”.

Acha extraordinário que eu sinta neste momento o calor do lume de lenha perto do qual está sentada? O lume de lenha possui um encanto especial. A combustão do carvão produz um efeito muito diferente na atmosfera psíquica. Se uma pessoa que nunca teve visões, que se tem conservado insensível às sensações mais sutis, às advertências do mundo invisível, tentasse meditar profundamente diante dum lume de lenha ardente e crepitante, durante uma hora ou duas todos os dias ou todas as noites, talvez os seus olhos e os sentidos mais sutis então se entreabrissem para as coisas de que até ali nem sequer tenha sonhado. Esses Orientais que adoram o seu Deus por meio do fogo são sábios e acham-se repletos de visões. A luz da cera a arder também possui um efeito mágico, diferente todavia do lume de lenha. Experimente sentar-se à noite num quarto iluminado por uma vela solitária e repare nas visões que surgem, vindas do “Vácuo”.

Já há muito tempo que não lhe falo do meu Leonel. Agora anda muito interessado com a idéa de escolher uma família de engenheiros para tornar a nascer. Este pensamento preocupa-o constantemente.

“Por que tem tanta pressa em me deixar?” perguntei-lhe, quando ele tocou nesse assunto pela primeira vez.

“Mas eu não tenho a sensação de o deixar por completo”, respondeu ele. “Podia voltar cá em sonhos para o ver”.

“Logo ao princípio não pode”, disse-lhe eu; “durante muito tempo estará preso, e sentir-se-á cego e surdo. Talvez eu também já tenha voltado à Terra, quando o Leonel finalmente conseguir desprender-se e vir até cá”.

“Então, por que não vamos juntos?” perguntou. “Diga-me, meu Pai, por que não havemos de nascer como irmãos gêmeos?”

Achei a idéa tão absurda que dei uma gargalhada; mas o Leonel tomava tudo muito a sério.

“Gêmeos é uma coisa que existe”, respondeu gravemente. “Conheci em tempos uns irmãos gêmeos que viviam em Boston”.

Porém, eu é que não tenciono ser irmão gêmeo de ninguém, quando regressar à Terra, isso não faz parte do meu projeto; portanto, disse ao Leonel que se desejar gozar da minha companhia durante mais algum tempo, não tem outro remédio senão conservar-se sossegadamente aqui.

“Mas, por que razão não podemos voltar juntos?” — repetiu, “já não digo que sejamos irmãos, mas, por exemplo, primos ou vizinhos, pelo menos?”

“Isso talvez se possa conseguir”, declarei eu, “se não estragar tudo com essas pressas”.

Acho este rapaz muito extraordinário. Embora tenha aqui oportunidades ilimitadas para trabalhar em matéria sutil, para inventar e experimentar, segundo a medida dos seus desejos, só pensa em voltar à Terra para poder manobrar com ferro e aço. É um caso extraordinário!

Uma noite destas tentarei levar o rapaz quando a for visitar, para a minha amiga o ver, antes de adormecer. São essas as verdadeiras visões. As visões que sobrevêm durante o sono, facilmente se transformam pelo contacto da matéria, através da qual têm de passar ao despertar. Não se esqueça do rapaz. Já lhe contei tudo acerca das nossas sessões e não calcula como ficou interessado.

“E eu, não poderia também arranjar um telégrafo desse gênero?» perguntou logo, ansioso; mas eu aconselhei-o a que não experimentasse. Podia interromper alguma mensagem da Terra que já tivesse sido expedida e paga.

De vez em quando levo-o ao mundo dos modelos. Enquanto eu examino o que por lá há de mais interessante para mim, entretém-se com um modelozinho de sua invenção. É uma roda que ele põe em movimento pela electricidade que dimana dos seus dedos. Não, não é de aço — pelo menos não é o aço que conhecem aí. Esse é muito pesado! Precipitar-se-ia para fora deste mundo com tal velocidade que nem um rasgão faria no nosso involucro.

Deve compreender que os dois mundos se compõem de matéria que se diferencia não só pelo grau de vibração, como também por outra espécie de magnetismo.

Dizem que dois objetos não podem ocupar o mesmo espaço, ao mesmo tempo; porém essa lei não se pode aplicar a dois objetos que pertençam respectivamente um ao nosso mundo, outro ao seu. Assim como a água pode estar quente e líquida ao mesmo tempo, também um metro quadrado de espaço pode conter um metro quadrado de matéria terrestre e um metro quadrado de matéria etérea.

Não, não empreguemos termos equívocos. Na Terra não há tempo para designar a matéria especial que aqui temos, porque lá existe a mais absoluta ignorância a esse respeito. Se o Leonel, com a sua roda elétrica se colocasse neste momento sobre o tapete defronte do seu lume, para a minha amiga seriam inteiramente invisíveis. Mesmo a magia do lume de lenha não os tornaria visíveis — pelo menos à luz do dia.

Uma noite destas — mais isso fica para outra vez. Agora devo ir-me embora.

CARTA XXVI

CÍRCULOS NA AREIA

Só agora princípio a apreciar o sentimentalismo desta vida. O meu temperamento foi certamente sempre sentimental, mas só agora, depois de deixar a vida atribulada da Terra é que tenho tido tempo e ocasiões para dar largas à essa feição da minha personalidade. Na Terra andava sempre tão ocupado, tinha tantos deveres a cumprir, tantas exigências a atender, que todo o tempo era pouco. Aqui, ac menos, estou completamente livre.

A minha amiga não tem a mínima idéia acerca da significação desta liberdade, a não ser que se lembre da sua última existência passada aqui, mas duvido que assim, seja, pois ache muito cedo ainda.

Quando falo em sentimentalismo, quero dizer o encanto da existência, a influência divina que nos faz ver o lado cinzento da vida por um prisma cor-de-rosa; tenho a certeza de que minha amiga me compreende.

Que mundo de sensações deliciosas aqui nos está reservado! Ter tempo de sonhar e para cúmulo de felicidade ver a realização do nosso sonho! Sim, minha amiga, tudo é maravilhoso aqui. As coisas são tão reais, a imaginação é tão poderosa a força para encadear essas coisas tão grande, — por assim dizer ilimitada, que tudo quanto a fantasia caprichosa nos ordena se torna possível.

Os sonhadores aqui na realidade não são ociosos, porque este nosso modo de sonhar é útil; sonhando, edificamos, construímos; mas mesmo que assim não fosse, podíamos sonhar à vontade, pois tudo nos é permitido aqui. Temos todo o direito a estas férias, pois foi à custa do nosso trabalho aí na carne que as obtivemos. Lá virá o tempo em que a engrenagem nos arrastará de novo para a labuta diária. Então tornaremos a envergar o nosso invólucro de matéria grosseira e retomaremos o fardo da vida terrestre.

Pois não sabe que na Terra é necessário mais energia para por um pé diante do outro e para impelir o corpo físico, o qual equivale a uns bons sessenta quilos, do que para dar aqui, a volta ao mundo? Esta comparação dar-lhe-á uma idéia da quantidade de energia supérflua que possuímos para nos divertirmos e para fantasiar sonhos.

Talvez trabalhem demasiado na Terra — mais do que é necessário. A quantidade de coisas inúteis que acumulam à roda de si, os pequenos nada artificiais que constantemente inventam, e que obtêm desperdiçando uma vida inteira, à força de nervosismo, tudo isso nos parece absurdo e nos inspira compaixão. A sua economia política é uma mera brincadeira de crianças, os seus governos são máquinas fastidiosas, importunas, para fazer o desnecessário a maior parte do seu trabalho é inútil e as suas vidas seriam quase fúteis se não fossem os sofrimentos que levam as suas almas a reconhecer, mesmo sem querer, a inutilidade dos seus esforços.

Como eu gemia e me esfalfava antigamente para fazer o meu pequeno círculo na areia, realizado com o suor do meu rosto! Agora é que reconheço o meu erro; se tivesse aproveitado melhor o tempo para pensar, talvez houvesse readquirido a minha ciência dos tempos passados, acumulada em vidas precedentes, e embora me sentisse obrigado a desenhar o meu círculo na areia, tê-lo-ia feito talvez com menos dificuldade e em menos tempo.

Aqui, posso passar horas intermináveis a observar os efeitos da luz nas nuvens, a admirar os delicados tons pra-

teados que as orlam, os cambiantes profusos e magnificentes que as tornam verdadeiras obras primas da natureza. Ou então deito-me de costas e chamo a mim as recordações. Não há prazer maior para mim. É perfeitamente maravilhoso podermos recordar coisas infinitamente longínquas, transportarmo-nos, pelo pensamento, de ano para ano, de vida para vida, de século para século, sempre mais longe, sempre para idades mais remotas até nos encontrarmos sob a forma duma rola: Ou, então, transportarmo-nos pelo pensamento para as idades futuras, avançarmos afoitamente, de vida em vida, de século em século, de oeon em oeon, até que nos encontramos transformados em arcanjos. A recordação de coisas passadas constitue a memória; a previsão do futuro, significa a criação. Somos nós, é claro, que criamos o nosso futuro. Senão, quem o poderia fazer? Somos, sem dúvida, influenciados, movidos, mudados, auxiliados ou retardados pelos outros; mas somos nós próprios que forjamos as correntes todas as vezes. Damos verdadeiros nós cegos que depois nos dão um trabalho insano a desfazer, enfim causamos a nós próprios uma série de calamidades sem fim.

Quando passo em revista as minhas vidas anteriores, compreendo, tornam-se-me inteligíveis os vários porquês da minha última vida. Vista dum certo modo foi uma das menos satisfatórias. Mas agora vejo o objetivo que eu já tinha em vista quando aqui estive da outra vez. Fiz os meus planos antes de ir para a Terra, e fui para lá numa época fixada de antemão, a fim de encontrar alguns amigos, cujo conhecimento eu tinha travado aqui.

Porém agora já dobrei a esquina e encetei, novamente, a marcha para as alturas. Já me entretenho a esboçar a minha próxima vida, mas não tenho pressa nenhuma. Nenhuma! Não volto sem ter gozado a meu contento da liberdade e do prazer que esta existência encerra.

Além disso tenho muito que estudar. Tenho que passar em revista tudo o que aprendi naquelas vidas até agora esquecidas, finalmente rememoradas.

Lembra-se dos tempos em que ia à escola e que de vez em quando lhe faziam repetir as lições das semanas e dos meses precedentes? Esse costume baseia-se num princípio muito são e lógico. Agora também eu ando a repetir as minhas lições. Mais tarde, pouco antes de regressar ao mundo, passarei em revista essas repetições, e empenhar-me-ei em fixar, à força de vontade, as recordações que especialmente

desejo me acompanhem à Terra. Seria praticamente impossível levar assim intacto o grande panorama de experiência que agora se desenrola ante os olhos da minha memória; mas há várias coisas fundamentais, alguns princípios filosóficos e exemplos que não devo esquecer. Também quero levar o conhecimento de certas fórmulas e o uso de certas práticas a que a minha amiga provavelmente chamaria ciência oculta; essa ciência permitir-me-á quando tiver atingido uma certa idade no meu corpo, permitir-me-á rememorar este espetáculo das minhas experiências passadas, de que agora me é dado gozar a todo o instante.

Não, não vou contar-lhe o seu passado. A minha amiga pode e deve recordar-se sozinha. A todos é possível, basta saberem diferenciar entre a memória e a imaginação. Sim, a diferença é sutil, mas tão verdadeira como a diferença entre ontem e amanhã.

Não quero de modo nenhum que tenha pressa de vir para aqui de vez. Deixe-se ficar onde está tanto tempo, quanto for possível. Mesmo encerrada no corpo, pode fazer muitas das coisas que nós fazemos. Tem de empregar mais energia, é claro, mas para isso justamente é que a energia existe — para ser empregada. Mesmo quando fazemos reserva dela, é para qualquer uso futuro. Não se esqueça disto.

Olhe, uma das razões porque agora descanso tanto, passando o tempo a sonhar e a divertir-me é porque quero acumular e reservar a maior quantidade de energia possível, a fim de voltar munido de poder.

Ora, ainda bem que aproveitou o meu conselho e se habituou a arranjar uns períodos de repouso a fim de conhecer a sua própria alma. Não calcula as surpresas que estão reservadas à pessoa que tomou a resolução de procurar a alma. A alma não é um fogo fátuo; é uma luz, um farol que nos alumia na nossa derrota e nos ajuda a evitar os escolhos do materialismo e do esquecimento.

As recordações das minhas encarnações gregas têm-me causado um vivo sentimento de gozo. Que concentração aqueles gregos tinham! Eram uns grandes sábios. Por exemplo, as águas de Lethe, — que concepção — transportada deste mundo por uma memória sublime.

Se o homem ao menos tentasse recordar-se, se ao menos aproveitasse algum tempo para refletir acerca do seu passado, já isso daria ensejo a ter mais esperança no futuro. Pois não sabe que o homem ainda pode vir a ser um deus — ou aquilo que comparado com a humanidade vul-

gar, possui toda a magnitude e grandeza dum deus? “Vos sois deuses”, não foi dito em sentido meramente figurado.

O Cristo fornece-me energias e estou satisfeito com Ele. Aí tem um que era homem — e deus. O mundo bem necessita Dele agora.

CARTA XXVII

O CÍRCULO MÁGICO

Ser-lhe-ia difícil atingir a diferença que existe entre a nossa vida e a sua, simplesmente pelas coisas que lhe digo. Princípie pela diferença na substância, não só na substância de que os nossos corpos se compõem, como também a substância dos objetos naturais que nos rodeiam.

Admira-se de que eu empregue o termo “objetos naturais”, relativamente às coisas deste mundo? Nunca pensou, certamente, que nós tínhamos escapado à Natureza? Ninguém escapa à Natureza — nem mesmo Deus. A natureza é.

Imagine a minha amiga, por exemplo, que tenha vivido sessenta ou setenta anos encerrada num pesado corpo terrestre, um corpo, cujo único ideal era engordar e cujos membros, de vez em quando, se enferrujavam e eram atacados pelo reumatismo, obrigando-a, várias vezes, a permanecer imóvel no leito em virtude de desarranjos importunos, que reclamavam tratamentos intermináveis. Depois suponha que esse corpo pesado é trocado por uma forma leve e elástica. Consegue fazer uma idéia do que acabei de lhe dizer? Confesso que eu próprio, mesmo há um ou dois anos, teria tido certa dificuldade em imaginar uma coisa dessas.

Agora suponha a minha amiga que revestiu essa nova forma, cujo brilho é tão intenso que chega a iluminar o lugar onde se encontra, caso não faça sol, pois, como já tive ocasião de dizer, a luz do sol é tão violenta que extingue totalmente a luz etérea. Mas repito, suponha a minha amiga que se vai transportando, assim revestida, de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, de idéia para idéia. O tempo passa e nós desabituaamo-nos gradualmente de comer. A fo-

me e a sede não nos incomodam; há contudo almas, eu, por exemplo, que sempre continuam a tomar uma porção minúscula de alimento; é, porém, uma quantidade tão infinitamente pequena, que até seria ridículo compará-la aos jantares qúiparos com que antigamente satisfazia a minha gula.

Aqui também não somos contrariados pelos mil deveres mesquinhos da Terra. Aqui temos mais confiança nos estados de espírito. Geralmente não há compromissos, isto é, combinações de cumprimento obrigatório. Habitualmente, embora haja exceções, o desejo é mútuo. Quero ver um amigo e comunicar-me com ele, justamente, no mesmo momento em que ele, também, formula o desejo de estar na minha companhia. Somos, naturalmente, impelidos um para o outro por este desejo mútuo e achamo-nos juntos. As amizades aqui são extremamente belas, todavia a solidão também possui o seu encanto.

Desde os dois ou três primeiros meses não me tenho sentido só. É claro, ao princípio parecia um peixe fora d'água. Quase todos têm essa sensação; há contudo exceções quando se trata de pessoas muito espirituais que não deixaram nenhuns laços ou ambições terrestres. Eu tinha combatido a idéia de morrer, com tanto desespero, que realmente o meu novo estado parecia indicar um completo malogro, e eu andava muito desanimado, muito convencido de que ia desperdiçar aqui um tempo precioso, quando na Terra o teria aproveitado na labuta incessante de que me recordava com saudade.

O Mestre, é claro, veio ter comigo; mas, sensato como é, não me tomou imediatamente sob a sua proteção. Lembrou-me alguns princípios, cuja aplicação deixou por minha conta e, ao passo que os ia aplicando, ia gradualmente tomando posse de mim mesmo. Do mesmo modo principiei a notar e a apreciar a beleza e as maravilhas do meu novo estado, e compreendi finalmente que em vez de desperdiçar o meu tempo estava adquirindo uma experiência formidável, que depois podia ser utilizada.

Tenho conversado com muitas pessoas, pessoas pertencendo a todos os estados do progresso intelectual e moral; pois, com grande pesar meu, devo declarar que é tão raro encontrar aqui uma pessoa que tenha uma concepção nítida da significação da vida e das suas possibilidades de desenvolvimento, como é raro encontrá-la na Terra. Já disse e

repito que não é só pela mudança de tecidos do corpo, que o homem se torna Onisciente.

É provável que o homem que foi vaidoso na Terra, também o seja aqui, embora a própria lei da reação determine que na sua próxima vida — se foi exageradamente vaidoso — volte à Terra sob o aspecto dum homem modesto ou mesmo tímido, qualidades que duram, enquanto a reação tiver poder. Quando um homem vem para aqui, traz sempre o seu caráter e as suas características.

Tenho lastimado muitas vezes os homens que em vida eram escravos da rotina do negócio. Muitos deles levam imenso tempo a libertar-se dessa escravidão; em vez de se distraírem aqui serenamente, andam num vai-e-vem constante entre os sítios onde antigamente elaboravam os seus negócios, continuando a ocupar os cérebros com a solução de algum problema de tática ou de finança, até que por fim se sentem quase tão extenuados, como quando “morreram”.

Como já sabe, aqui também há mestres. Alguns são da envergadura do meu Mestre; muitos dedicam-se a ajudar as almas dos recém-chegados. Nunca os abandonam de todo aos seus próprios recursos. Oferecem-lhes sempre auxílio, que nem todos aceitam. Nesse caso não desistem, renovam pacientemente os seus oferecimentos, pois quem assim se dedica ao bem dos outros, o faz sem esperança de recompensa ou de gratidão.

Se este livro fosse um tratado científico acerca da vida neste mundo, te-lo-ia começado duma maneira muito diferente. Antes de mais nada teria adiado a obra para daqui a uns dez anos, até que todos os fatos se achassem anotados e devidamente registrados; então teria principiado pelo princípio, e ditar-lhe-ia um livro tão aborrecido que a minha amiga não lograria resistir ao sono e lá ficava a obra interrompida, vendo-me eu obrigado a sacudi-la do seu torpor, a fim de pegar, novamente no lápis e continuar a maçadora tarefa.

Em vez disso comecei a escrever pouco tempo depois de ter chegado, de modo que estas cartas equivalem às cartas dum viajante recém-chegado a uma terra estranha. Nelas se acham relatadas as suas impressões, às vezes, os seus erros, outras vezes os seus preconceitos de provinciano; pelo menos têm o valor de ser inéditas; não são cópias doutros documentos.

É com prazer que vejo a minha fotografia sobre a sua chaminé; ajuda-me a ir ter com você. Uma fotografia tem um grande poder.

Últimamente tenho desenhado várias imagens na tela dos sonhos, a fim de lhe mostrar a futilidade e a vaidade de certas coisas. Não sabia que podíamos fazer isso? Não imagina o imenso poder que os mortos — como vocês lhes chamam — têm para influenciar os vivos, a questão é que exista o laço de simpatia. Já lhe ensinei a defender-se contra as influências de que não necessita, não se atemorize, creia. Terei sempre o cuidado de a avisar, se vir que corre o perigo de ser atacada deste lado. Já tracei um círculo mágico em volta de você, somente acessível aos espíritos mais avançados e poderosos — isto é, os mestres e eu é que o traçamos. A minha amiga está trabalhando em pról da nossa causa, tem portanto direito à nossa proteção. Guiamo-nos pelo axioma conhecido em ambos os mundos: o trabalhador é digno do seu salário.

Só a minha amiga pode agora dar acesso às inteligências espirituais irresponsáveis e malignas, que aproveitariam a menor ocasião de se precipitarem nos recessos mais íntimos do seu espírito; porém se assim acontecesse, nós trataríamos de salvaguardar os seus interesses, expelindo esses espíritos e aferrolhando outra vez as portas da sua mente. Nós aqui, temos uma certa autoridade. É verdade, ainda tão cedo e já me posso exprimir assim. Surpreende-a?

CARTA XXVIII

FORÇA DO PENSAMENTO

Ouvi uma vez um homem denominar este mundo, o “mundo das brincadeiras”, porque, dizia ele, “aqui todos somos crianças, tudo o que nos rodeia é criado segundo o nosso desejo”. Exatamente como a criança, que a brincar transforma uma cadeira numa torre ou num corcel feroso, assim nós, igualmente, podemos transformar em realidade tudo o que fantasiamos.

Nunca achou extraordinária a vivacidade inaudita da imaginação das crianças? Uma criança afirma com a mais absoluta convicção que: "Aquele tapete é um jardim, aquela tábua do sobrado um rio, aquela cadeira um castelo e eu sou o rei".

Por que diz ela estas coisas? Como *pode* ela dizer estas coisas? Porque — aqui é que bate o ponto — ainda se acha sob a impressão duma recordação sub-consciente da vida neste mundo, que tão recentemente deixou. Fez-se acompanhar na sua vida terrestre duma parte da sua liberdade perdida e do seu poder imaginativo.

Mas não vá agora pensar que todas as coisas deste mundo são somente imaginárias — pelo contrário. Os objetos que aqui existem em substância tênue são reais e, relativamente, tão substanciais como a minha amiga; o que há a mais aqui é a possibilidade de criar matéria mental, criar numa forma de matéria ainda mais sutil que denominamos substância do pensamento.

Quando aí na Terra, produzem qualquer coisa de matéria sólida, primeiro essa coisa toma forma na substância do pensamento; enquanto não vêem o seu modelo, que já existe no pensamento, concretizado em matéria sólida, não acreditam que esse modelo exista, realmente, senão na sua imaginação. Conosco o caso muda de figura. Nisso é que a diferença entre o nosso modo de criar e o seu se torna sensível. Nós aqui podemos ver as criações do nosso pensamento, e as dos outros também, se nô-lo permitem.

Digo-lhe, para consolá-la, que também vemos as criações dos seus pensamentos e se acrescentarmos a força da nossa vontade à sua, podemos auxiliá-la a obter a sua realização em forma substancial.

As vezes edificamos qualquer coisa a pouco e pouco, neste mundo da quarta dimensão, especialmente quando desejamos deixar uma obra para os outros verem e admirarem, quando queremos que essa obra seja de duração. Mas uma forma criada pelo pensamento torna-se visível a todos os espíritos altamente desenvolvidos.

Compreende, é claro, que nem todos os espíritos se acham altamente desenvolvidos. São mesmo raros os que progredem muito; porém o homem mais estúpido possui aqui uma coisa que em geral perdem na Terra, isto é — a fé nas criações do seu pensamento.

A alma que regressa à matéria grosseira não perde o poder de criar. A incredulidade dos homens e das mulheres

é que destrói gradualmente esse poder e faz desanimar a imaginação. Dominados pela ignorância dizem constantemente à criança: "Isto é brincadeira; não é a valer; é tudo imaginação".

Se imprimir estas cartas, desejava que inserisse aqui uns fragmentos do maravilhoso poema de Wordsworth. "Sugestões da Imortalidade pelas Recordações da Primeira Infância".

*"O nosso nascimento é só um sono e um esquecimento;
A alma que desponha conosco, a Estrela da nossa vida,
Tem o seu poente Além,*

E surge bem longe:

O esquecimento não é absoluto,

*A nossa nudez não é extrema. Somos acompanhados de
[nuvens resplendentes de glória,
Vimos de Deus, que é o nosso lar. O Céu rodeia-nos na
[nossa infância!*

*As sombras da prisão principiam a aglomerar-se
Sobre a cabeça da Criança em pleno desenvolvimento,
Mas Ela contempla a luz e sabe de onde ela dimana,
Contempla-a na sua alegria. O Jovem que cada vez se
[afasta mais do Oriente*

É ainda o Sacerdote da Natureza,

Continua a ser acompanhado

*Pela visão magnificente; finalmente o Homem a vê
[desvanecer-se, na luz de cada dia.".*

As possibilidades da imaginação são, por assim dizer, ilimitadas; mas é forçoso que acreditemos na nossa imaginação se queremos obter verdadeiro e absoluto poder. Se disser constantemente, como a mãe diz à criança, "Isto é só brincadeira, isto não é a valer", então nunca lhe será possível tornar reais as coisas que criou em pensamentos.

A própria imaginação deve ser considerada como uma criança, à qual é necessário dar coragem, na qual se deve acreditar, a fim de a auxiliar a desenvolver-se e a aperfeiçoar o seu trabalho.

A minha amiga e mais algumas pessoas podem-se felicitar de eu estar neste mundo. Assim ajudo-os muito mais do que se ainda me contassem entre os vivos, porque a minha fé na imaginação aumentou consideravelmente desde que aqui me encontro.

O tal homem que chamou a este mundo, o mundo das brincadeiras, tem procedido à várias experiências com o po-

der, nele encerrado. Não me permitiu contar tudo o que lhe tem acontecido, mas tenho a certeza de que se o fizesse, causaria verdadeiro espanto. Uma das coisas que conseguiu, foi ajudar a mulher, já depois de ter morrido, a realizar um plano que ambos tinham combinado, e que até ali lhes fora impossível por falta de fé verdadeira. Tratava-se da construção de um certo gênero de casa.

Mas não pense que o ideal das pessoas aqui é construir casas na Terra. Longe de mim tal pensamento. A maior parte dos meus companheiros trabalha de bom grado aqui mesmo, e não se ocupa com a Terra. Há, é claro, "sonhadores", como eu, que não se contentam com um mundo, que sentem necessidade de perscrutar o que se passa no outro também; mas estes são raros, tão raros como os poetas na Terra. Quase todos os homens acham suficiente o mundo em que se encontram.

Há uma coisa que eu gostaria de ajudar a realizar na Terra. Talvez ninguém dê pelo meu auxílio, mas dou eu. Não desejo incomodar ninguém com a sensação, nem mesmo com o pensamento de que me ando a meter em negócios que agora não me pertencem. Mas se conseguisse, sem ser visto, nem sentido, auxiliar com o poder de minha imaginação confiante, não molestaria ninguém e teria demonstrado alguma coisa.

CARTA XXIX

UM AVISO INESPERADO

Espero que a leitura destas minhas cartas não leve as pessoas levianas e insensatas a procurar os espíritos e a convidar os espíritos irresponsáveis e primitivos a penetrar na sua esfera humana. Isso penalizar-me-ia imenso. Diga-lhes que não façam semelhante coisa.

Estas nossas relações são muito especiais e diferentes das vulgares sessões de espiritismo. Se não tivesse estudado o método científico de proceder e se a minha amiga me interrompesse constantemente com desvios de pensamento e

com perguntas a propósito ou não, ser-me-ia impossível encetar esta obra de transmissão, em que por intermédio da sua mão os meus pensamentos e experiências são revelados ao mundo. Como se conserva sempre perfeitamente passiva, e nunca mostra a mais pequena curiosidade, deixando-me empregar a sua mão, como na Terra empregava a mão da minha taquígrafa, consigo escrever frases compridas e conexas.

A maior parte das comunicações de espíritos, mesmo as genuínas, têm pouco valor, porque, em geral, ressentem-se do espírito da pessoa que as transmite. Da sua essência.

Faz bem em não ler nada sobre este assunto, nem pensar acerca deste plano de vida onde me encontro, enquanto as imagens lhe forem transmitidas. Assim evita as idéias preconcebidas que viriam interromper a corrente das minhas idéias.

Talvez saiba que, quando vivia na Terra, fiz investigações acerca do Espiritismo e perscrutei muitas coisas de natureza oculta, sempre ávido por descobrir a verdade que nelas por ventura existisse; porém estava convencido de que, a não ser para demonstrar cientificamente que **essas coisas podem existir** — o que só têm valor como demonstração — o convívio com certos espíritos pode constituir um desperdício de tempo, como também pode prejudicar seriamente os que a isso se dedicam.

Uma asserção destas pode parecer extraordinária, emitida por um "espírito" em flagrante delito de comunicação com o mundo. Não posso dar nenhuma explicação plausível. Se pareço inconseqüente, pareço, pronto! Porém o que não abandono é a minha propaganda contra os médiuns irresponsáveis. Aprovaria a pessoa que serve de médium, se ela, ao prestar-se a isso, tivesse a certeza de que ia encontrar na outra extremidade do fio psíquico uma entidade que lhe fizesse comunicações sinceras e importantes e que realmente necessitasse do auxílio dela para esse fim; porém no Além enxameiam os vagabundos, tal e qual na Terra. Isso é fácil de entender; visto que o nosso mundo recebe os seus habitantes da Terra, é inevitável encontrarem-se aqui os mesmos seres, com os mesmos defeitos; poucas alterações sofrem, ao passar pelas portas da morte.

Diga-me, minha amiga, se era capaz de aconselhar a uma mulher delicada e sensível, a sentar-se no centro de Hyde Park e deixar os transeuntes falar por intermédio dela, permitir-lhes mesmo que lhe tocassem ou que confundissem o seu magnetismo com o dela? Esta idéia fá-la estremecer. Mais razão teria de estremecer se tivesse visto algumas coisas que eu vi.

Digo isto a fim de a prevenir de que a entidade que dá as pancadas na sua mesa, ou no seu armário nem sempre é o espírito do seu avô. Pode tratar-se simplesmente duma entidade cega e movida por um enorme desejo, uma consciência ansiosa que tenta servir-se de você para conseguir o seu objetivo, para apressar a sua própria evolução, que tenta aproximar-se da Terra, para gozar das suas vibrações mais grosseiras, por intermédio da minha amiga.

É possível que isto não lhe cause mal algum; mas também é provável que lhe cause um mal infinito. É melhor não encorajar semelhantes tentativas de romper o véu que a separa deles; pois o véu é mais tênue do que pensa e embora não possa ver, pode, perfeitamente, sentir através dele.

Prevenindo-a destes perigos, fiz o meu dever; para a próxima visita talvez lhe conte uma história, em vez de a aborrecer com um sermão.

Sinto-me, na verdade, como uma autêntica Scheherazade astral; mas desconfio que a minha boa amiga se cansaria de me ouvir antes de passarem as mil e uma noites. Mil e uma noites! Antes disso já eu terei continuado. Não quero dizer que terei "morrido" novamente e passado a outro mundo, porém, quando tiver acabado esta minha obra, quando lhe tiver transmitido tudo quanto desejo que saiba acerca desta vida, desejo investigar outras estrelas, se mo permitirem.

Sinto-me como um rapaz que tivesse herdado uma fortuna e que se achasse finalmente de posse de meios para viajar. Embora permanecesse perto de casa durante os primeiros meses, a fim de se adaptar à sua nova liberdade de ação, lá viria o tempo em que nele despertaria o desejo de experimentar as suas asas. Espero que isto não seja uma metáfora; se assim for pode publicar em todo o caso; não me sentirei ofendido.

A SÍLFIDE E O MÁGICO

Se os seus olhos pudessem penetrar através do véu de matéria, se pudesse presenciar o que se passa no mundo tênue que rodeia a cidade de Paris, ficaria estarelecida. Tenho passado ultimamente a maior parte do tempo em Paris. Quer que lhe conte algumas das coisas extraordinárias que presenciei?

Na margem esquerda do rio está situada a **Rue de Vaugirard**; nessa rua vive um homem de meia idade, e de hábitos sedentários, cuja particularidade é ser mágico. Tem a servi-lo constantemente um desses espíritos elementais, conhecidos sob o nome de sílfos e sílfides. Esta sílfide chama-se Meriline. Ignoro a que lingua ela foi buscar este nome, pois parece que conhece várias e que até fala hebreu. Tenho visto esta Meriline entrar e sair da casa do mágico. Não, não devo dizer-lhe onde é. Podiam identificar o homem, embora a sílfide escapasse às investigações.

Para os serviços caseiros há uma mulher paga por dia; é claro que Meriline não lhe ia fazer a cama, nem ferver o caldo; porém a sílfide faz-lhe recados e descobre coisas, para satisfazer os desejos do mágico. Coleciona livros velhos e manuscritos que coloca nos mostruários dos inúmeros livreros que se estendem em filas cerradas ao longo das margens do rio ou põe-nos em evidência nas livrarias mais importantes.

Este homem não é um adorador do demônio. Não passa dum entusiasta inofensivo, interessando-se ardentemente pelas coisas ocultas e esforçando-se por penetrar através do véu que separa o mundo elemental dos seus olhos. Se bebesse um pouco menos, talvez conseguisse ver claramente, pois é um estudante sincero. Mas o álcool subjuga-o e turva-lhe o espírito.

* — A crença nos sílfos e sílfides evidentemente se originou nas manifestações espíritas. São Espíritos de ordem inferior, levianos, porém benévolos. (Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, de Allan Kardec.)

Um dia encontrei Meriline fazendo as suas explorações; fiz-lhe sinais de longe e disse o meu nome alto. Atraí assim a atenção do espírito que se veio logo postar ao pé de mim.

“Onde vai?” perguntei; ela apontou para a margem oposta do rio.

Lembrei-me de que talvez não devesse inquirir desta maneira inquisitorial sobre o objetivo do passeio da sílfide, pois certamente dizia respeito a qualquer negócio do bom mágico, por conseguinte hesitei. Ela também hesitou; e depois disse:

“Mas ele interessa-se pelos espíritos dos homens”.

Isto simplificou as coisas e eu perguntei:

“Encarrega-se dos recados dele?”

“Sim, sempre”.

“E por quê?”

“Porque gosto de o servir”.

“E por que gosta de o servir?”

“Porque lhe pertença”.

“Julgava que as almas só pertenciam a si mesmas”.

“Mas eu não sou uma alma”.

“Então o que é?”

“Uma sílfide”.

“Espera ser alma um dia?”

“Certamente. Ele prometeu-me que seria, se o servisse fielmente”.

“Mas como consegue ele fazer de você uma alma?”

“Não sei; mas ele pode”.

“Como sabe que ele pode?”

“Porque confio nele”.

“Mas donde lhe vem essa confiança?”

“Da confiança que ele tem em mim”.

“E sempre lhe diz a verdade?”

“Sempre”.

“Quem lhe ensinou a distinguir a verdade?”

“Ele”.

“Como?”

Esta pergunta intrigou o ser e receei que fugisse; apressei-me portanto a dizer-lhe, a fim de o deter:

“Não quero importuná-la com perguntas a que não pode responder. Diga-me, como entrou ao serviço dele?”

* — Vide nota de esclarecimento ao pé da página anterior. Os sílfos tem evolução idêntica a de qualquer outro espírito.

“Devo dizê-lo?”

“Ah! então sempre tem uma consciência”.

“Foi ele quem me ensinou a tê-la”.

“Não me disse que ele se interessa pelos espíritos dos homens?”

“Disse; e eu também sei distinguir os espíritos bons dos espíritos malignos”.

“Foi ele que lhe ensinou?”

“Não”.

“Então como aprendeu?”

“Sempre soube”.

“Vive então há muito tempo?”

“Sim, há muito”.

“E quando espera ter ou tornar-se uma alma?”

“Quando ele vier para este mundo, onde nós nos encontramos”.

Esta afirmativa tão ousada fez-me positivamente cambalear. O bom mágico teria enganado propositadamente a sua sílfide, ou acreditaria ele próprio no que prometera?

“O que lhe disse ele a esse respeito?” perguntei-lhe.

“Disse-me que se eu o servisse agora, ele servir-me-ia mais tarde.”

“Como obterá ele isso?”

“Não sei”.

“Mas pergunte-lhe”.

“Nunca faça perguntas. Respondo unicamente”.

“A que perguntas responde, diga lá um exemplo?”

“Digo-lhe onde uma determinada pessoa se encontra e o que essa pessoa faz”.

“Pode também comunicar-lhe os pensamentos dessas pessoas?”

«Muitas vezes não; melhor, nem sempre. As vezes posso»

“Como percebe?”

“Pelas sensações que me causam. Se me sinto quente ao pé dessas pessoas, sei logo que nutrem sentimentos amigáveis pelo mágico; se sinto frio, compreendo que são inimigos. E se não sinto nada, então deduzo que não pensam nele, ou que lhe são indiferentes”.

“Que ia fazer esta noite?”

“Ver uma senhora”.

«Não tem ciúmes?»

«Que são ciúmes?»

“Se não se sente descontente porque ele se interessa por senhoras?”

“Por que me deveria sentir descontente?”

Aqui estava uma pergunta a que não podia responder, por ignorar a natureza das sílfides. Estava algo surpreendido, pois pensava que todos os seres femininos eram ciumentos. Porém, receando novamente que ela fugisse, apressei-me a perguntar-lhe de novo:

“Como travou conhecimento com ele?”

“Chamou-me”.

“Como?”

“Pela encantação”.

“Qual encantação?”

“A evocação das sílfides”.

“Ah!”, disse eu, “ele chamou as sílfides e a minha amiga apareceu!”

“Evidentemente. Gostei dele por causa da sua bondade e resolvi aparecer-lhe”.

“Como conseguiu que ele a visse?”

“Deslumbrei os seus olhos a tal ponto que se viu obrigado a cerrá-los, e nesse momento viu-me”.

“Continua a vê-la agora?”

“Não, mas sente a minha presença”.

“Consegue, contudo, vê-la freqüentemente?”

“Sim, muitas vezes”.

“E o que fez, quando a viu pela primeira vez?”

“Ficou encantado, disse-me coisas lindas, deu-me epítetos adoráveis e prometeu-me várias coisas”.

“Prometeu-lhe logo uma alma, dessa vez?”

“Sim”.

“Quer dizer que já tinha desejado ter uma alma?”

“Oh! sim!”

“Mas por quê?”

“Entre os sílfos, há muitos que desejam ser homens. Nós gostamos dos homens — isto é, quase todos”.

“Por que razão gostam dos homens?”

“Porque é segundo a nossa natureza”.

“Mas não é segundo a natureza de todos os sílfos?”

“Também há espíritos malignos do ar”.

“O que tenciona fazer quando tiver uma alma?”

“Incorporo-me num corpo e vou viver na Terra”.

“E abandona o amigo a quem agora serve?”

«Isso não. Desejo justamente um corpo para estar sempre ao pé dele!»

“Então julga que ele torna a voltar para a Terra com você?”

“Ele diz que sim”.

Fiquei novamente estarelecido. O mágico principiava a interessar-me; pelo menos possuía uma imaginação audaciosa.

“Será possível que um espírito do ar se possa tornar numa alma humana?” perguntei a mim mesmo. O homem estaria iludido? Ou estaria enganando à sua encantadora mensageira, de propósito?

Desta vez os pensamentos embeberam a minha atenção longamente e quando por fim me voltei para continuar a conversa com a sílfide, procurei-a em vão; tinha desaparecido. Ainda tentei segui-la, mas não consegui encontrá-la; se ela tornou a voltar, escolheu certamente outro caminho, pois conservou-se invisível.

Tenho a certeza de que o espírito da minha amiga vai agora formular a seguinte pergunta: de que língua me servi para falar com a serviçal aérea do mágico francês? Pareceu-me falar-lhe na minha língua e pareceu-me que ela respondera na mesma.

Que me diz a isto? Não posso dar certeza, mas afinal talvez empregássemos a linguagem sutil do próprio pensamento.

Tem-lhe certamente acontecido muitas vezes encontrar uma pessoa, cuja língua lhe é estranha, com a qual contudo procede a uma troca de idéias pelo olhar, pela expressão do rosto, pelos gestos. Imagine o mesmo processo cem vezes intensificado. Não chegaria para abranger as perguntas e respostas tão simples, trocadas entre mim e a sílfide? Não dou a certeza de que isso tenha acontecido, mas penso unicamente que podia dar-se esse caso; como já disse, parecia que eu e ela falávamos a minha língua.

São extraordinárias as coisas que aqui presenciemos e que nos acontecem! Chego a temer à idéia de voltar à Terra, onde um tão profundo aborrecimento me espera, durante tanto tempo. Que coragem é preciso para trocar esta liberdade, esta vida tão intensa por um grande período de sonolência, por outro período em que me devo entreter a mamar, por outro igualmente enfadonho em que terei de aprender a operação de multiplicar e os verbos gregos e latinos! Devo inclinar-me à vontade superior — mas ainda não.

Boa noite.

UM PROBLEMA DE MATEMÁTICA CELESTIAL

Pela acuidade com que às vezes sente a minha presença, pode avaliar da intensidade da vida que aqui levo. Não sou um fantasma pálido e sinistro, gotejante de orvalho das campas. Sou real e tão são — ou pelo menos assim me parece — como na época em que trilhava a Terra com um corpo mais ou menos saudável. Quando os espectros horríveis voltam, não falam como eu. Pergunte àqueles que os têm visto e ouvido.

Deve felicitar-se por ter evitado o mais possível as comunicações “do outro mundo”.

Se visse a minha amiga receosa com a minha presença, admirar-me-ia imenso, mas há, não obstante, pessoas cujo terror num caso semelhante seria verdadeiramente um profundo terror.

Uma noite, lembrei-me de bater à porta dum amigo, quase certo de ser bemvido. Qual não foi o meu espanto quando o vejo saltar da cama abaixo, sob o império duma grande aflição, depois tornar a enfiar-se na cama, tapando a cabeça com os cobertores! Estava perfeitamente aterrado pelo pensamento que talvez fosse eu! Portanto, como não desejava ficar responsável por uma síncope cardíaca, nem tão pouco tinha empenho em que os cabelos do meu amigo embranquecessem numa noite, decidi ir-me embora. Ao despertar no dia seguinte pensou provavelmente que tinham sido os ratos no forro da casa.

A minha amiga, como não é ignorante, não tem razão nenhuma para se atemorizar; creia que me teria penalizado deveras se se houvesse deixado invadir por receios infundados.

Sinto verdadeiro prazer em vir falar com você, de vez em quando. “Não há amigos como os amigos antigos”. A sociedade dos espíritos não seria suficiente para me satisfazer, e teria, por conseguinte, um grande desgosto se aqueles que eu conheci e estimei me voltassem as costas.

A propósito de sílfos deixe-me dizer-lhe que encontrei o Mestre ontem à noite e lhe perguntei se o tal mágico francês realmente tinha razão em fazer uma promessa daquelas à sua companheira aérea, se podia ajudá-la a adquirir a es-

pécie de alma essencial à encarnação na Terra como mulher. A resposta dele foi negativa. *

É claro que lhe perguntei a razão e ele respondeu que as criaturas elementais ou, segundo o termo próprio, as unidades de energia que habitam os elementos não podem, durante este ciclo de vida, substituir o seu elemento pelo elemento humano.

“Mas ser-lhes-á isso possível no futuro?”

“Não sei”, respondeu; mas creio que todas as unidades que vivem em volta da Terra, e cuja evolução é menos rápida, trabalham na direção do homem; a humanidade constitui um estado de progresso que elas se propõem atingir, porém não o conseguirão neste ciclo de vida”.

Perguntei ao Mestre se conhecia o tal mágico e ele respondeu que o conhecia há mil anos; numa das suas vidas anteriores o mágico principiara a trilhar o caminho que conduz ao poder; porém o desejo de prazeres egoístas desorientou-o e levou-o a errar sem destino durante largo tempo, primeiro que encontrasse de novo o caminho que conduz à verdade genuína e filosófica.

“Devemos lamentá-lo ou censurá-lo?” perguntei.

“A compaixão não altera o problema”, replicou o Mestre. “O homem procura aquilo que deseja”.

O Mestre retirou-se e eu principiei, segundo o meu costume a interrogar-me a mim próprio.

E eu, qual era o meu objetivo? Qual era o meu desejo? A resposta não se fez esperar: “Conhecimento”. Ha um ano talvez tivesse respondido: “Poder”, porém agora sei que o conhecimento é o precursor do poder. Se adquirir o verdadeiro conhecimento, não me será difícil obter poder em seguida.

Todo o meu desejo é dar-lhe e talvez a outros, alguns fragmentos de conhecimento, que provavelmente lhes seria impossível alcançar doutro modo, e por isso é que volto constantemente à Terra, por isso é que lhe faço estas inúmeras visitas, é esse o grande fim que tenho em vista.

Vou agora comunicar-lhe uma coisa muito importante, e que faz parte do meu conhecimento: se o homem exercer a sua vontade, pode conservar a sua consciência objetiva depois da morte. Há muitas pessoas aqui que jazem mergulhadas numa espécie de bemaventurança subjetiva, que

* — Os sílfos, sendo espíritos de ordem inferior, estão sujeitos à reencarnação, segundo a Doutrina Espírita, contrariamente à alegação da entidade.

as torna indiferentes a tudo quanto se passa na Terra e nos Céus. Se eu quisesse, também podia fazer o mesmo.

Creio já ter mencionado que o homem enquanto vive na Terra, possui tanto uma consciência subjetiva como uma consciência objetiva, mas em geral atua com esta última, ao passo que aqui também tem as mesmas duas consciências, sentindo porém mais tendência para agir com a subjetiva.

Se minha amiga se concentrar, pode, em qualquer ocasião, deixar-se invadir por uma sensação de bemaventurança, semelhante à que as almas gozam para além da linha de divisão chamada morte. É esta experiência subconsciente que tem facilitado ao homem o conhecimento dos fenômenos do mundo etéreo. Quando as tempestades e as paixões do corpo se acalmam, o homem pode ter um vislumbre da sua própria vida interior, que constitui a vida deste plano da quarta dimensão. Peço-lhe que não me acuse de ser incoerente ou ininteligível; eu disse que a nossa consciência também pode ser objetiva, como a sua pode ser subjetiva, mas que a tendência geral era para o contrário.

Ainda se recorda certamente duns noivos acerca dos quais lhe escrevi há algumas semanas. Ele tinha-a precedido neste mundo, esperara ansioso por ela e ajudara-a a transpor a fronteira tenebrosa que separa os dois estados de existência.

Tornei a vê-los há dias, mas parece que não apreciaram muito a minha aparição. Pelo contrário, julgo mesmo que os perturbei bastante, pois fui desperta-los daquele estado de bemaventurança subjetiva em que jaziam mergulhados desde que ela se lhe tinha reunido.

Ele, dominado pelo pensamento de ver a noiva, conseguiu conservar-se acordado durante os anos em que a esperara ansiosamente; ela, enquanto vivia na Terra, também pensava incessantemente nele; deste modo tinham sustentado a polaridade. Agora estão unidos, vivem juntos na casinha adorável que ele com tanto amor lhe construiu com o material tênue deste mundo tênue; vêem-se a toda a hora; estão satisfeitos; não ambicionam mais nada (pelo menos é isto que se dizem mutuamente), e, por conseqüência, continuam mergulhados no torpor da bemaventurança subjetiva.

Têm todo o direito de gozar deste estado de bemaventurança, de ruminação. Ninguém lh'o pode tirar. Ganharão com a sua atividade no mundo e noutras partes, pertence-lhes segundo a justiça rítmica. Calculo que gozem dele durante longo tempo, revivendo as experiências passa-

das, às vezes juntos, outras vezes separados. Porém, lá virá um dia em que um deles se sentirá saciado de tanta doçura; os músculos da sua alma distender-se-ão à falta de exercício; ele ou ela bocejará espiritualmente e achar-se-á de súbito impellido para fóra, pela lei da reação — para nunca mais voltar.

Pergunta para onde ele ou ela vai? Para a Terra, é claro!

Suponhamos que ele ou ela desperta daquele estado subjetivo de bemaventurança que para eles constitui o objetivo supremo, e que vai dar um pequeno passeio solitário e salutar. Com o coração e o olhar inundados por uma frescura matinal, aproxima-se dum parzinho de noivos terrestres e, de repente, sente-se subjugado pela matéria, pela influência terrível do sangue, do calor, da atividade levados à potência n, a alma já meio desperta é apanhada pelo lado etéreo da matéria, e...

Ei-lo novamente no mundo da formação material. Afundou-se e escondeu-se na carne da Terra. Espera nascer de novo. Reaparecerá munido de grande força, em virtude do seu prévio descanso. Se for uma unidade de grande poder, talvez se torne até "um capitão de indústria". Mas eu principiei por dizer "ele ou ela". Deixem-me alterar isso. Seria o homem certamente o primeiro a despertar, por causa da sua polaridade positiva.

Não julgue que, ao apresentar este quadro imaginário dos meus noivos, eu queira estabelecer um dogma acerca do modo como todas as almas regressam à Terra. Estou simplesmente conjecturando a volta destes dois seres à Terra (pois ela não tardaria a segui-lo, quando despertasse e se encontrasse sózinha). A maneira como abusam da bemaventurança subjetiva leva-me a crer que o regresso à vida material se realizará segundo as minhas deduções.

Quando regressarão? Não posso dizer. Talvez para o ano que vem, talvez daqui a cem anos. Como ignoro o valor numérico da sua unidade de força, não me é possível adivinhar quanta bemaventurança subjetiva podem tolerar sem uma reação violenta.

Tenho a certeza de que a minha amiga está pensando se eu um dia cederei à tentação de me mergulhar nesse estado de bemaventurança que acabei de descrever. Talvez. Havia de o apreciar mas não por muito tempo, nem por enquanto. Não tenho noiva aqui, com quem o possa gozar.

UMA TRANSFERÊNCIA DE FOCO

Durante as últimas semanas tenho percorrido a Terra, em todos os sentidos, guiado pelo Mestre. Sorri-se por causa da alusão encoberta. Mas não será verdade que certos amigos seus me têm temido, como se eu fosse o demônio do livro de Job?

Mas agora, falando a sério, tenho visitado os países e as cidades onde vivi e trabalhei entre os homens, nas minhas vidas anteriores. Uma das vantagens das viagens é auxiliar o homem a recordar-se das suas existências precedentes. Há certamente um encanto especial nesses lugares.

Estive no Egito, na Índia, na Pérsia, na Espanha, na Itália; visitei a Alemanha, a Suíça, a Áustria, a Grécia, a Turquia e muitas outras terras. A passagem dos Dardanelos não me intimidou, embora esteja fechada por motivo da guerra. Há vantagens em todas as condições, mesmo na que me encontro presentemente; para alguma coisa serve a lei das compensações.

Em certas vidas passadas fui um grande viajante.

A minha amiga, naturalmente, admira-se de eu passar assim facilmente dum mundo para o outro, conseguindo ver tudo o que acontece em ambos. É preciso que se lembre que o meu mundo e o seu ocupam pouco mais ou menos o mesmo espaço; que o plano da superfície da Terra é um dos planos mais baixos e mais materiais do nosso mundo, se empregarmos a palavra "plano" como aí empregam a palavra "camada".

Como já disse, há também lugares que nos são acessíveis e que estão situados a alguma distância acima da superfície da Terra. A expressão: "Mansões celestes", não deve ser tomada só no sentido figurado.

Basta transferir ligeiramente o meu foco em qualquer ocasião, e logo me encontro no seu mundo. Por não me ver, não julgue que não estou lá. Conservo-me invisível, porém circulo entre os vivos. Sem essa transferência do foco, que sei obter por meio da força da vontade, talvez chegasse mesmo a ocupar o espaço de qualquer coisa na Terra, sem o saber. Repare bem neste ponto, pois é só metade do que tenciono dizer-lhe. A outra metade é que a minha amiga, igual-

mente sem o saber, pode também, quando menos o espera, achar-se na vizinhança de coisas interessantíssimas do nosso mundo.

Porém, se tiver primeiro o cuidado de se focar para este mundo, já não se achará completamente inconsciente. Do mesmo modo eu, quando foco a consciência no seu mundo, tenho plena consciência do que lá faço e posso gozar do aspecto das várias cidades, dos panoramas interessantes e diversos de muitos países que rapidamente percorro.

Nos primeiros tempos da minha estada aqui, ainda me custava a orientar-me na Terra, porém agora distingo tudo perfeitamente.

Não, não pense que lhe vou dar uma fórmula, segundo a qual a minha amiga e as outras pessoas possam transferir o seu foco à vontade, a fim de entrar em contacto com este mundo; não o faço porque semelhante conhecimento no presente estado de progresso humano só os prejudicaria. Contento-me em expor este fato e deixo a sua aplicação àqueles que tenham a curiosidade e a habilidade de o demonstrar.

O objetivo destas cartas é principalmente convencer algumas pessoas — fortalecer a sua fé na imortalidade, ou sobrevivência da alma depois da mudança corporal denominada morte. Há muita gente que se contenta em pensar que crê, mas se rebuscasse bem nos recessos mais íntimos do espírito e do coração não encontraria uma fé absoluta. Por conseguinte, se eu me apresentar nestas cartas como uma entidade cheia de vida e de energia, obterei certamente o resultado desejado, que é, fortalecer a fé de certas pessoas na doutrina da imortalidade.

A presente época é uma época de materialismo.

Uma grande percentagem de homens e mulheres não liga absolutamente nenhuma importância à vida de além-túmulo. Mas o que é certo é que todos infalivelmente cá virão ter, mais cedo ou mais tarde, e então talvez facilitasse a alguns a mudança, talvez lhes tornasse a viagem menos fabulosa, se lhes ensinasse algumas coisas acerca desta vida.

Não acha que vale a pena? Não acha que tanto a minha amiga, como eu devemos fazer um pequeno esforço para alcançar esse desideratum?

Todo aquele que se sinta aproximar da grande mudança, que estude seriamente o conteúdo destas cartas, que se aproveite sinceramente dos princípios que tenho exposto e que queira lembrar-se deles depois de abandonar a Terra, não terá nada a temer.

Há muitas empresas em que falhamos, mas espero sinceramente que esta nos dará o resultado desejado. Conserve-se fiel, minha amiga e colaboradora, ser-me-ia impossível realizar esta obra sem o seu auxílio, e do mesmo modo, a minha amiga sozinha não levaria a cabo uma empresa destas. Isto é a resposta àqueles que supõem que eu seja o seu espírito subconsciente.

Estive em Constantinopla, no próprio quarto onde há centenas de anos me aconteceu uma coisa muito extraordinária. Vi as paredes, toquei nelas, li os anais etéricos da sua história que se liga tão estreitamente à minha.

Passei nos jardins de rosas da Pérsia e aspirei o perfume das flores — descendentes daquelas flores tão remotas cujo aroma inefável me deliciava quando ali passeava acompanhado pelo bulbul, sob outra forma e com intenções tão diferentes das de agora. Foi o perfume das rosas que avivou as minhas recordações.

Também fui à Grécia reviver coisas passadas. Que magnífica raça antes de degenerar! Julgo sinceramente que os gregos obtinham o seu poder pela concentração. Todos os seus feitos heróicos, tanto em pensamentos ousados, como em ações destemidas, se acham escritos no éter que envolve a península. As tradições etéricas antigas são tão deslumbrantes que chegam a brilhar através das tradições mais modernas. Lembrar-lhe-ei que os anais astrais — como lhe chamamos — se acumulam às camadas por toda a parte. Conseguimos ler uma camada em vez da outra, seja por afinidade ou por força de vontade. Procedemos da mesma maneira como um homem que vai ao Bristish Museum, e que escolhe um livro entre os milhões que lá se encontram. As coisas mais maravilhosas têm sempre uma explicação tão simples, se possuímos a chave do enigma.

Têm-se escrito muitos disparates acerca da vibração, mas não há dúvida que, às vezes, se aproximaram da verdade. Não há fumo sem fogo.

Encontrei na Índia Yógis imersos em profunda meditação. Sabe a razão por que a maneira especial de respirarem produz resultados psíquicos? Não, não sabe. Deixe-me explicar-lhe: Quando se contém a respiração durante muito tempo, dá isso origem a uma certa toxina, que pela sua ação na natureza psíquica altera a vibração. É isto simplesmente. Têm-se escrito volumes inteiros acerca da Yoga mas nunca ninguém disse isto. Os pulmões saudáveis destreinados, cos-

tumam libertar-se, habitualmente, dessa toxina, por uma série de processos bem conhecidos dos fisiologistas — dá-se isto com o homem natural, que vive adaptado ao plano material e nele trabalha satisfeito. Mas, para que o homem vivendo ainda no plano material se possa adaptar ao mundo psíquico é necessário uma alteração de vibração. Pode obtê-la se aumentar ligeiramente a dose de toxina, acima mencionada.

Será perigoso? Talvez para o ignorante. Aqueles que já estão treinados, não oferece mais perigo do que a maior parte das drogas usadas na farmacopéia.

Reservo para outra vez a iniciação de mais alguns segredos que tenho descoberto, durante os meus passeios pela Terra.

CARTA XXXIII

CINCO RESOLUÇÕES

Uma noite estive no terraço dum palácio oriental a observar os astros. A minha amiga já não deve estranhar que eu consiga penetrar com o meu olhar no mundo da matéria espessa, visto também lhe ser possível ver o que se passa no mundo invisível, quando transfere o foco da consciência. Usamos o mesmo processo, ou antes processos inversos.

Como ia dizendo, estive no terraço dum palácio oriental a observar os astros. Encontrava-me na mais absoluta solidão; quando olhava para a cidade que jazia aos meus pés, imersa em sono profundo, via uma nuvem de almas que exercia vigilância e muitas mensageiras andando atarefadas num vai-vem constante.

Uma ou duas vezes apareceu um rosto pálido, meio assustado entre a nuvem dos espíritos e logo percebi que alguém tinha morrido lá em baixo na cidade.

Porém agora eram as estrelas que mais me interessavam; espíritos via eu todos os dias e a todas as horas. Sempre gostei muito das estrelas... e ainda gosto. Se m'ó permitirem espero ainda um dia ir observá-las de mais perto. Mas não quero afastar-me da Terra, enquanto não acabar

estas cartas. Porque calculo que não me seria possível escrever-las do planeta Júpiter, que fica lá muito longe. Bem sei que nos podemos mover aqui quase com a rapidez do pensamento; mas acho melhor adiar para mais tarde essa viagem um pouco longa. Quem sabe se não me apetece depois ficar por aquelas paragens durante muito tempo?

Não imagina como esta correspondência me interessa. Durante a minha doença pensei muitas vezes se me seria fácil voltar à Terra, e confesso que o que sucedeu foi além de toda a expectativa. Nunca teria suposto que encontraria uma pessoa equilibrada, dotada de suficiente receptividade e audácia para me acompanhar na experiência.

De nada me teria servido a mão duma pessoa de espírito vulgar, sem treino, a não ser que estivesse completamente hipnotizada. Também não poderia escrever pela mão duma pessoa medianamente intelectual, porque essas pessoas não conseguem tornar-se suficientemente passivas.

Sossegue. A minha amiga não é um médium dos espíritos, segundo a acepção vulgar do termo, que significa um instrumento passivo, uma harpa eólia, colocada na passagem estreita entre os dois mundos e cujas cordas podem ser feridas por qualquer vento.

Não vejo nenhum motivo para não dizer o que tenho visto no seu mundo desde que o deixei. Dou simplesmente uma prova flagrante do poder ilimitado que os espíritos possuem, assim como certas pessoas desse mundo, por exemplo, a minha amiga. Quando visitar novamente este plano de vida, quando contemplar as paisagens maravilhosas que ele encerra, lembre-se que eu me sirvo dum processo idêntico para gozar dos espetáculos da Terra, do seu plano de existência. É interessantíssimo viver assim em dois mundos ao mesmo tempo, podendo circular livremente entre um e outro. Quando vou à Terra considero-me, contudo, como um simples visitante; nunca tentarei intrrometer-me no seu governo. A alfândega que existe na fronteira dos dois mundos é tão rigorosa que o viajante, quer saia, quer entre, não pode transportar consigo a mais pequena coisa — nem mesmo um preconceito.

Se a minha amiga viesse para cá firmemente resolvida a só ver certas e determinadas coisas, talvez não apreciasse devidamente o espetáculo que se lhe depararia. Há muitas pessoas que aparecem cá, depois da morte, dominadas por essa atitude mental, o que transtorna imenso o seu progresso espiritual, pois pouco ou nada aprendem.

Eu, quando vim, fiz-me acompanhar somente das seguintes resoluções:

Conservar a minha identidade;

Reter as minhas recordações da vida terrestre e levar as recordações desta vida astral quando regressar novamente à Terra;

Ver os grandes Mestres;

Readquirir a memória das minhas encarnações passadas;

Estabelecer as bases necessárias para uma futura vida terrestre cheia de grandeza.

Parece simples de fazer, não acha? Já fiz muita coisa além disso, mas creia que pouco teria conseguido realizar, se não tivesse seguido sempre a linha de conduta que previamente tracei.

A única coisa a lamentar na morte, é o fato de o homem vulgar não extrair dela a lição que encerra.

Causar-me-ia um grande desgosto ver o pouco progresso que todas as pessoas, em geral, obtêm em cada vida, se não soubesse que a cadeia das vidas terrestres é, por assim dizer, infinita. Consolo-me com a convicção de que não há motivo para pressa; as pérolas da cadeia da existência acham-se todas nos seus lugares inevitáveis, e a cadeia forma um círculo, o símbolo da Eternidade.

Do meu ponto de vista limitado, parece-me que a maior parte dos homens desperdiça aqui suas vidas, tal como na Terra. Isto mostra a que ponto eu ainda me encontro afastado do conhecimento ideal.

Tenho a certeza de que todos estes aspectos do panorama da vida se tornarão mais suaves, mais esbatidos, quando os contemplar duma estrela longínqua. Calculo mesmo que esse panorama seja duma beleza surpreendente, duma beleza que eu nunca poderia ter idealizado, enquanto fazia parte dele.

CARTA XXXIV

O REGRESSO DE LEONEL

Perdi o meu Leonel. Seguiu a grande lei do ritmo a que todos estamos sujeitos; enveredou pelo caminho, que

todos os espíritos devem conhecer um dia, o caminho que os leva à Terra, novamente.

Há pouco tempo encontrei-o, muito pensativo, no nosso cantinho favorito, naquela cabana perto dum regato, na encosta duma montanha coberta de árvores, de que lhe falei numa das minhas cartas.

Esperei silencioso que ele descerrasse os olhos e me visse.

“Pai”, disse ele, “minha professora preferida casa amanhã”.

“Como sabes isso?”

“Porque tenho escutado!” respondeu. “De vez em quando vou-lhe fazer uma visita, sem que ela dê pela minha presença, é claro. Pouco a pouco compreendi que havia qualquer coisa extraordinária”.

“Por quê?”

“Pelo brilho que dimana dela; anda aureolada por uma luz, que antes nunca tinha notado”.

“Sabes qual é a causa da luz, Leonel?”

“Naturalmente é porque está apaixonada, como se costuma dizer”.

“És um verdadeiro fenómeno, criança; como sabes tu isso?”

Ele olhou para mim com os seus grandes olhos cândidos.

“Verdadeiramente não sou uma criança” declarou. “Sou tão velho como as montanhas, como o Pai, como toda a gente. Não me disse que somos todos imortais, sem princípio, nem fim?”

“Sim, mas continua, diz-me mais coisas acerca da tua professora”.

“Está apaixonada pelo irmão mais velho dum dos meus discípulos. Conheci-o quando eu era pequenino. Empréstava-me o seu imã e ensinou-me a empinar papagaios; também me explicava certos maquinismos. É engenheiro”.

“Ah!” disse eu, “então deves estar muito satisfeito com esse casamento”.

Leonel olhou para mim com olhos ainda mais dilatados, se era possível, e disse:

“Terei muita pena de o deixar, Pai; mas devo aproveitar esta oportunidade”.

“Que dizes!”

“É o momento oportuno para eu voltar à Terra. Há tanto tempo que aguardo esta ocasião”.

“Mas estás pronto?”

“Que significa estar pronto? Eu quero ir”.

“E deixar-me?”

“Tornarei a encontrá-lo. Oh! Pai! Calcule que quando voltar à Terra, serei eu mais velho que o Pai!” Esta idéia encantava-o.

Eu ainda era tão humano que não pude deixar de sentir um grande desgosto por ver que o rapaz partia deliberadamente, por sua livre vontade; porém como a vontade é livre, nem me esforcei por detê-lo. Embora fosse quase uma criança, pois ainda não tinha tido tempo de se desenvolver neste mundo sutil, pensava contudo como uma pessoa de experiência.

“Sim”, disse eu, “talvez me possas auxiliar quando eu também for novamente criança”.

“Percebe, como um pai como o Vitor, posso aprender tudo quanto anseio saber acerca de maquinismos — quer dizer, tudo o que ele me puder ensinar; porém quando for homem inventarei muita coisa que ele ignora. Lembra-se da maquinazinha com que me entretinha no mundo dos modelos?”

“Lembro-me”.

“Quando voltar à Terra realizarei esse meu sonho. Pois se ela já funciona, movida pela electricidade dos meus dedos!”

“Mas tens a certeza de obter o mesmo resultado, quando a tiveres concretizado numa forma material, em aço ou seja o que for?”

“Certamente. É a minha invenção. Serei um homem notável”.

“Mas supõe que alguém se te antecipa, que alguém inventa primeiro?”

“Não acho provável”.

“Queres que te auxilie? Posso envolver o modelo num encanto especial, de modo a evitar que mais alguém lhe toque”.

“Pode realmente fazer isso, Pai?”

“Posso!”

“Então vamos já ao mundo dos modelos”, disse ele, “para o Pai experimentar. Talvez tenha de partir daqui a um ou dois dias.”

Não pude deixar de sorrir ao ver a pressa que o rapaz manifestava. Provavelmente iria assistir ao casamento e depois poucas ou nenhuma vez o veria.

Subimos ao mundo dos modelos e com o auxílio do rapaz tracei um círculo em volta da maquinazinha — um en-

canto que deve protegê-la, penso eu, até o Lenoel estar pronto a reivindicá-la.

Oh! inspiração! Oh! invenção! Oh! gênio! Mal sabem os homens da Terra a significação das palavras. Talvez o célebre poema do poeta tivesse sido cantado antes de nascer; talvez a invenção do engenheiro jazesse no mundo dos modelos protegida pelo seu encanto, enquanto ele amadurecia e progredia na ciência, até se achar pronto para reivindicar a sua criação espiritual. Quando dois homens descobrem ou inventam a mesma coisa pouco mais ou menos na mesma ocasião, talvez um deles tenha conseguido apropriar-se do projeto que o outro deixara neste mundo antes de regressar à Terra. Às vezes, talvez ambos tivessem tirado do invisível a criação dum terceiro homem, cuja hora de renascer ainda não soara.

Leonel não se cansava de me falar acerca da sua vida futura, da mãe admirável que ia possuir, dos tesouros de bondade de Miss —

“Quem sabe”, disse eu, “talvez muitos daqueles que regressam à Terra após tão curta estada aqui, procurem aproximar-se das pessoas cuja bondade apreciaram na vida anterior.”

“Ainda lhe posso citar mais um motivo de atração”, disse Leonel. “Miss — era amiga da minha mãe, que abandonei há alguns anos. Imagine o prazer que vou sentir novamente ao contacto da sua mão adorada”.

“Julgas que ela te reconhecerá?” perguntei.

“Quem sabe? Ela acredita no renascimento”.

“Como podes afirmar isso? Eras tão pequeno quando vieste para cá!”

“Tinha só sete anos e já ela me dizia que vivemos muitas vidas na Terra”.

“Abençoadas sejam as almas que introduziram essa crença no mundo ocidental!” exclamei. “E agora, meu rapaz, posso ajudar-te de qualquer modo depois de me deixares?”

“Certamente; pode velar sobre a minha nova mãe e avisá-la se a vir ameaçada de algum perigo. Seja também o meu anjo da guarda”.

“Então mostra-ma para a conhecer”.

Lá fomos os dois para o mundo material. Já lhe disse de que maneira vamos.

Levou-me a uma pequena casa num dos subúrbios de Boston. Entramos num quarto, — eram pouco mais ou me-

nos onze horas da noite nessa parte da Terra — e vimos uma jovem loira ajoelhada à beira da cama orando fervorosamente a Deus, pedindo-lhe que abençoasse a união que teria lugar na manhã seguinte, união em que ela ficaria pertencendo para sempre ao seu noivo.

Leonel aproximou-se dela e abraçou-a efusivamente.

Ela estremeceu, como se realmente tivesse sentido o contacto, e ergueu-se precipitadamente.

“Miss —, Miss —, não me conhece?” gritou ele; ela olhou em redor, bastante assustada, mas certamente não ouviu; só ouvidos de espírito podiam discernir aquele som.

Em breve reagiu, supondo que o contacto e a presença que sentira eram produto da sua imaginação; ajoelhou novamente e ficou imersa em oração.

“Vem”, disse eu ao rapaz; e deixamo-la entregue aos seus sonhos e às suas devoções.

Nunca mais vi o Leonel. Despediu-se de mim, dizendo:

“Fico perto dela durante alguns dias. Talvez venha visitá-lo, às vezes; mas se não voltar, encontrar-nos-emos daqui a alguns anos”.

“Sim”, disse eu, “a afinidade e o desejo é que atraem as almas entre si, na Terra ou no outro mundo”.

Quando tornei a encontrar o Mestre, contei-lhe o que se tinha passado com o Leonel e perguntei-lhe se o rapaz podia vir ver-me logo que a sua vida na Terra principiasse, sob a forma duma entidade, esperando o nascimento, protegida pelo corpo da mãe.

“Provavelmente não pode”, respondeu. “Se se tratasse da alma dum adepto, talvez conseguisse; porém, com uma alma mesmo altamente desenvolvida, carecendo todavia de crença verdadeira, é impossível.

“Contudo”, tornei eu, “há homens que vivem na Terra e que nos visitam em sonhos”.

“Sim, não há dúvida, mas quando a alma penetra na matéria a fim de se preparar para o renascimento, penetra igualmente na potencialidade — permita-me o termo — e necessita de todo o seu vigor para o esforço hercúleo de formar o novo corpo e de se adaptar a ele. Depois de nascer, quando pode abrir os olhos, e os pulmões se expandem livremente ao ar, então já a tarefa se torna mais fácil e é possível que ainda conserve uma pequena reserva de energia para atravessar o abismo”.

“Mas”, prosseguiu, “as futuras mães têm às vezes um vago conhecimento das almas que abrigam. Mesmo quando

não atingem a inteira significação do milagre que se está realizando por intermédio delas, são visitadas por sonhos e visões estranhas, que constituem outros tantos vislumbres das prévias encarnações da criança. Vêm terras de sonho onde a entidade que agora albergam, viveu em tempos remotos; são perseguidas por desejos que não sabem explicar — desejos reflexos que constituem simplesmente os desejos latentes daquele que está para nascer; (os desejos das grávidas), são acometidas de tremores infundados que têm a mesma origem. Tudo quanto diz respeito à criança se repercute nelas. A mãe que possui realmente uma grande alma, tem a oportunidade de progredir espiritualmente durante este período de formação, muito além do que as suas próprias forças lhe permitiriam; ao passo que a mãe dum futuro criminoso muitas vezes manifesta perversidades extraordinárias, completamente diferentes do seu estado de espírito normal.

“Se a mulher fosse suficientemente inteligente e estivesse bem informada, ser-lhe-ia fácil deduzir, pelas suas próprias sensações e idéias o gênero de alma que o seu filho evidenciaria no futuro, podendo assim preparar-se para a guiar o melhor possível, segundo as suas inclinações. Ainda há muita ignorância por toda a parte e aqui também; é necessário mais conhecimentos.

O regresso do Leonel foi mais uma experiência entre as muitas que já conto. Continuo a aprender.

CARTA XXXV

A ALMA MISTERIOSA E BELA

Sim, minha amiga, tenho visto anjos, se pela palavra anjos compreende os seres espirituais que viveram na Terra sob a forma de homens e evoluíram até essa condição.

A exuberância de vida do anjo em relação ao homem é comparável à vida do homem em relação ao rochedo. Se alguma vez experimentamos esse estado de júbilo etérico, perdemo-lo há muito, devido ao longo convívio com a matéria. Poderemos vir a recuperá-lo? Talvez. Depende de nós.

Quer que lhe fale acerca da Alma Misteriosa e Bela? É o nome que dou a este ente encantador. Não sei se tem outro nome, nunca ouvi. A Alma Misteriosa e Bela é homem ou mulher? Parece que muda de sexo, pois às vezes é homem, outras vezes mulher. Há aqui um mistério que não consigo desvendar.

Uma noite, parecia-me estar reclinado sobre um raio prateado de luar; isto significa que o lado poético que existe em todos os homens acabava de despertar em mim. Tinha por conseguinte a sensação inefável de me achar reclinado sobre um raio de luar; a minha alma ajoelhava-se num êxtase sublime. Durante uns curtos instantes sentia-me fora do alcance das garras do Tempo, vivia naquele sossego etérico, que é simplesmente a atividade do êxtase levada ao apogeu. Provavelmente estava saboreando o ante-gozo daquele estado paradoxal denominado Nirvana pelos sábios do Oriente.

Tinha plena consciência do raio de luar e de mim mesmo; afigurava-se-me que tudo quanto existia no universo cabia dentro de mim. Nunca me inteirei a tal ponto da declaração suprema:

“Eu sou”.

O passado e o futuro pareciam-me igualmente presentes naquele momento. Se uma voz me tivesse murmurado que era ontem, teria anuído imediatamente a essa asserção; se me declarassem que era dali a um milhão de anos, estaria igualmente de acordo. Pouco me importava que fosse ontem ou dali a um milhão de anos. Talvez a Alma Misteriosa e Bela só apareça àqueles para quem o momento atual e a eternidade são uma e a mesma coisa. Ouvi uma voz dizer:

“Irmão, sou eu”.

Não se me ergueu no espírito a mais leve dúvida acerca da origem da voz. “Sou eu” só pode ser pronunciado numa tal voz por um ser cuja individualidade seja vastíssima, por quem tenha mergulhado profundamente no oceano do Absoluto e que, contudo, conheça a pequenez do relativo, porque aquele encerra este.

E vi junto de mim esse ser misterioso e belo irradiando uma luz intensa. Se não fosse tão encantador talvez não tivessse resistido a patentear a minha admiração; porém a própria perfeição da sua figura e da sua presença espargia uma atmosfera de sossego. Não estava maravilhado, porque o estado da minha consciência era já maravilha. Tinha-me elevado de tal modo acima do vulgar que não achava ne-

nhum padrão pelo qual medir a sensação nova daquele indescritível momento.

Imagine a mocidade imortalizada, o que é transitório tornado eterno. Imagine o frescor das faces duma criança cujo olhar, — antítese sublime! — encerra um conhecimento ilimitado. Imagine o brilho de mil vidas concentrado nesse olhar; imagine um sorriso pairando naqueles lábios, sorriso que exprime um amor de tal modo puro e desinteressado, que não exige correspondência de amor daquele a quem sorri.

Porém a linguagem da Terra não é suficiente para descrever uma maravilha destas, nem o entendimento do homem pode atingir num momento o júbilo inefável que a Alma Misteriosa e Bela me revelou naquela hora de vida suprema. As possibilidades da existência tomaram para mim umas proporções muito mais vastas ao passo que o significado da alma se tornou mais profundo. Aqueles que tiveram a felicidade de contemplar a Alma Misteriosa e Bela não continuam a ser os mesmos que eram. Talvez se esqueçam às vezes, no tumulto da existência, do encanto daquela presença; mas quando novamente se recordam, sentem-se outra vez elevados pelas asas frementes do mesmo êxtase.

Isto pode acontecer tanto a quem vive na Terra, como a quem vive no Espaço, entre as estrelas; a experiência apresenta-se de igual modo a todos; A Alma Misteriosa e Bela só se revela àquele que por curtos momentos goza do estado em que ela permanentemente se encontra.

O CANTO DA ALMA MISTERIOSA E BELA

“Quando ouvirdes um sussurro no ar, escutai, escutai: talvez lá esteja alguém.

Quando sentirdes um calor misterioso e suave no coração, perscrutai-o bem: talvez encontrareis o que quer que seja de inefável, que brota dum manancial desconhecido e infinitamente suave.

Quando um júbilo estranho invade o vosso ser, quando a vossa alma irrompe ao encontro dum mistério adorável, persuadi-vos que esse mistério também vos estende os braços, cheio de calor e de bondade, embora invisível.

Nós que vivemos no invisível, não somos invisíveis uns para os outros.

Aqui vêem-se cores delicadas e formas preciosas; o olhar fica deslumbrado por belezas nunca vistas na Terra.

Oh! como é pura a alegria da vida simples — ser e cantar todo o dia na vossa alma como o passarinho canta para o companheiro ouvir!

Quando a vossa alma canta, é para a vossa companheira que cantais.

Pensáveis que só a primavera fazia brotar em vós sentimentos novos, que só ela vos inspirava o desejo de estudar os frêmitos das asas?

A primavera do coração dura eternamente e o outono talvez nunca chegue a vir.

Escutai! Quando a cotovia canta, é para vós ouvirdes. Quando as águas cantam, é para vós ouvirdes.

E em resposta ao júbilo do vosso coração, há sempre outro coração invisível que sente a mesma alegria inefável; a alma dos céus atentos regozija-se com a alegria materna.

Gosto de estar aqui, gosto de estar ali. A beleza surge por toda a parte onde dirijo os meus passos.

Podeis adivinhar o motivo, crianças da Terra?

Vinde brincar comigo nas campinas do Espaço, entre as boninas e as margaridas. Esperá-los-ei no sítio onde os quatro ventos se reúnem.

Não vagueareis ao acaso, se vos guiardes pela luz que cintila lá no fundo do jardim da esperança.

Também podeis ouvir melodias divinas, quando vos afastardes do clamor da Terra.

Uma música cujos tons maravilhosos são totalmente desconhecidos aos ouvidos mais duros da Terra; harmonias cujos acordes são almas em uníssono.

Escutai... Ei-las que espargem melodias, acordes bizarramente sutis. Não as ouvís?

Oh! os ouvidos são feitos para ouvir, os olhos para ver, e o coração para amar!

As horas passam sem deixar vestígios: os anos assemelham-se aos sílfos que dançam no ar e não deixam na Terra sinais dos seus passos ligeiros; os séculos decorrem solene e pausadamente.

Mas nós sorrimos, pois a alegria também acompanha o passo grave dos séculos.

Alegria, alegria por toda a parte. Para vós e para mim. E tanto para vós como para mim.

Quereis vir ter comigo a esse lugar onde os quatro ventos se encontram?”

CARTA XXXVI

A ESFERA OCA

Há tempos principiei a escrever-lhe acerca de certas visitas que tinha feito às regiões infernais; porém fui obrigado a interromper a carta porque alguém me chamou. Esta noite tenciono continuar a narrativa; talvez a interesse.

Participo-lhe pois que há vários infernos, sendo quase todos obra nossa. Constitue isto uma dessas afirmações banais que se baseiam sobre fatos.

Um dia lembrei-me de visitar o inferno especial onde calculo que um bêbado incorrigível iria parar; procurei portanto a parte da esfera oca que envolve o mundo correspondente a um dos países onde a embriaguez é mais vulgar. Pois quando as almas abandonam o seu invólucro terrestre, permanecem geralmente na vizinhança do sítio onde viviam, a não ser que uma razão qualquer mais forte se oponha a isso.

Não tive dificuldade nenhuma em achar um inferno a transbordar de bêbados. A minha amiga julga talvez que eles passam o tempo a arrependem-se, muito contritos, dos seus pecados? Isso sim. Continuam acossados pelo furor da bebida. Os que vi, rondavam todos em volta desses lugares de opróbrio e de vício, que abundam na Terra, onde os vapores do álcool, sobretudo os vapores mais espessos daqueles que abusam do álcool, empestam a atmosfera. Não admira que as pessoas delicadas e sensíveis não possam suportar a vizinhança das tabernas.

Se lhe dissesse pormenorizadamente tudo o que ví, seria tal a sua aversão que certamente se recusaria a escrever. Basta dar-lhe um ou dois exemplos frisantes.

Coloquei-me num estado simpático e neutral de onde podia abranger ambos os mundos.

Um mancebo com olhos desvairados e as feições descompostas entrou num desses "palácios da aguardente", cujos enfeites doirados e imitações de mogno muito envernizadas tendem a incutir no miserável viandante a idéia de que está gozando o esplendor dos "reinos deste mundo". O rapaz envergava um fato muito coçado e uns sapatos prestes a desconjuntarem-se. Tinha a barba por fazer, porque

o dinheiro que devia gastar no barbeiro, gastava-o antes no seu vício terrível de beber, a que não podia resistir.

Estava encostado ao balcão, bebendo ávidamente qualquer mistura que só serve para aniquilar a alma. Perto dele curvado sobre o seu ombro, com a cara repugnante, intumescida, sinistra, encostada à dele, como a aspirar os vapores de whisky que dele emanavam, achava-se um dos mais horríveis seres astrais que jamais encontrei neste mundo. As mãos da criatura — (emprego essa palavra para sugerir a sua vitalidade) — estavam fincadas no corpo do rapaz um braço comprido e nú envolvia-lhe os ombros, o outro agarrava-o pela cintura. Estava chupando, literalmente absorvendo, a vida impregnada de álcool da sua vítima; dava largas ao vício que a morte tinha intensificado; era um parasita vivendo à custa daquele desgraçado.

Mas estaria essa criatura no inferno? pergunta a minha amiga. Evidentemente, porque eu penetrava no espírito dele com o meu olhar e via os seus sofrimentos. Esta entidade estava condenada a ter eternamente um desejo ardente, (a palavra "eternamente" pode-se empregar em relação ao que é infinito), sem nunca o ver satisfeito.

Possuia ainda um resto do espírito que o tinha feito homem — um resto suficiente para lhe dar, de vez em quando, um vislumbre do horror do seu próprio estado. Não sentia nenhum desejo de fugir, mas a consciência da impossibilidade de fugir constituía mais um tormento. E nos olhos daquela *coisa* reinava um pavor imenso — um pavor do futuro que permanecia envolto em densos véus de mistério, cujo horror ele em todo o caso pressentia; um futuro que o arrastaria para um estado de sofrimento intolerável, mil vezes pior do que o presente, um estado em que as partículas astrais da sua forma se desligariam inevitavelmente por lhes faltar o poder unificador da alma; principiaria então o horror dos horrores, o desmembramento do espírito e dos nervos astrais, um dilacerar cruciante da forma cujo fim estava próximo, em meio de torturas indescritíveis, pavorosas, irremediáveis.

Só a alma pode suportar os sofrimentos, por conseguinte o corpo que a alma abandona deve perecer e desintegrar-se.

O mancebo encostado ao balcão daquele palácio doirado da aguardente, sentiu-se invadido por um terror incrível e tentou abandonar o recinto; porém os braços do seu senhor — que era ele agora senão um escravo? — apertaram-no com mais insistência, a face flatulenta e repugnante

apoiou-se ainda mais contra a sua, e o desejo daquele vampiro era tão veemente, que fez brotar nele um desejo correspondente, e o resultado foi pedir mais um copo.

A Terra e o Inferno são na verdade estados vizinhos cuja fronteira nunca foi reconhecida.

Tenho visto infernos de luxúria e infernos de ódio; infernos de mentira onde os objetos se transformam imediatamente, logo que um desgraçado os queira agarrar, o que constitui uma negação da coisa desejada; nestes infernos a verdade é eternamente escarnecida, nada é verdadeiro, pelo contrário, todas as coisas, inconstantes e incertas como a mentira, se transformam nas suas próprias antíteses.

Vi os rostos, transtornados por uma angústia indizível, daqueles que ainda não renunciaram por completo à verdade; vi os seus esforços desesperados para se apoderarem da realidade, que porém se desvanecia como fumo entre as suas mãos. Pois quando trazem o hábito da mentira para este mundo repleto de formas variáveis, este hábito persegue-as inexoravelmente e apresenta-lhes imagens que sofrem mutações constantes a fim de as escarnecer e frustrar.

Um deles exprime, por exemplo, o desejo de ver os rostos dos entes queridos? Prometem satisfazer-lho e os rostos surgem ante os seus olhos ansiosos. Mas, oh! que horrível visão! Foram transformados, como todo o resto e o que se lhe depara são as feições hediondas de fúrias, cujo sorriso repelente o enche de pavor. Deseja gozar mentalmente os louvores da ambição? O que se lhe apresenta é a desonra, sob outra forma, ao passo que o orgulho se transforma em vergonha.

Desejaria apertar a mão dum amigo? Logo a sente agarrar a sua, porém sob as suas aparências amigáveis esconde um punhal que trespassa o mentiroso de lado a lado, sem contudo o ferir mortalmente; e o tormento consiste justamente nestas tentativas fúteis recomeçadas incessantemente, até deixar a consciência inquieta inteiramente prostrada.

Evitai o arrependimento, quando estais moribundos, e seu cortejo de recordações mórbidas, que vos acompanhará além-túmulo. É preferível encher-nos de coragem ao entrar na Eternidade e levarmos ousadamente o nosso fardo kármico, (derivado do Karma, nome que os teósofos dão à lei da ação e da reação, ou de causa e efeito), do que esgueirar-nos pela portinha secreta do inferno com as palmilhas de lã da covardia.

Se pecastes, aceitai esse fato de cabeça erguida e resolvi nunca mais pecar; pois quem, com o pensamento nos seus pecados, nos derradeiros momentos da vida, revivê-los-á vezes sem conta no novo estado que o espera além-túmulo.

Todas as ações são fatalmente seguidas das respectivas reações; todas as causas são acompanhadas dos seus efeitos que nada — salvo a dinâmica poderosa da própria vontade, pode modificar; e quando a vontade modifica o efeito duma causa antecedente, o faz sempre erigindo uma causa contrária mais poderosa do que a primeira, (Vide o Karma — Edição portuguesa da Livraria Clássica Editora. Nota da revisora), — uma causa tão forte, que arrasta a outra irresistivelmente consigo, do mesmo modo como uma grande corrente envolve no seu turbilhão o fio delgado de água que brota dum cano, impelindo com a torrente tumultuosa das suas águas, o cano que constituia a causa e o caminho ou seja o efeito.

Se reconhece que pecou, produza boas ações mais potentes do que os seus pecados, pois assim obterá a recompensa.

O assunto não está esgotado; podia ainda dizer muita coisa a respeito dos infernos, mas por hoje basta. Talvez mais tarde volte ao assunto.

CARTA XXXVII

UMA CHÁVENA DE PORCELANA VAZIA

Não admira que as crianças, por muito velhas e experientes que sejam suas almas, tenham de aprender em cada vida os valores relativos de todas as coisas, segundo as leis artificiais estabelecidas no mundo, pois aqui esses valores perdem a sua significação.

É-nos absolutamente indiferente que uma alma tenha possuído palácios, propriedades e honras na Terra; não é isso que aumenta o seu valor a nossos olhos. Não nos podemos aproveitar da fortuna de que ela se descartou. “No outro mundo”, a alma constrói a sua própria casa, com o ma-

terial que aqui tem à sua disposição e que é livre como o ar. Se eu por exemplo usurpo a casa construída por outrem, perco o prazer de criar uma eu mesmo.

Aqui não existe nada que valha a pena roubar, portanto ninguém teme os malfeitores de noite. Podemos evitar os importunos, retirando-nos para o centro de nós mesmos, porque o próprio importuno acha-se tão centralizado que não consegue penetrar até ao centro de seja quem for.

Na Terra dão muito apreço aos títulos herdados ou adquiridos; aqui, nem mesmo o nome do homem tem importância; um cartão de visita perder-se-ia nas fendas do solo celeste. Nenhum anjo lacaio iria entregá-lo ao seu Senhor.

Calcule o que me aconteceu um dia. Encontrei uma senhora recém-chegada a este mundo. Como cá estava há pouco tempo, ainda não tinha perdido o seu ar superior sobre os homens vulgares e até sobre os de escól. Nessa manhã tinha eu justamente envergado a minha melhor toga romana, pois me entretivera a reviver o passado; a tal senhora, ao ver-me, julgou certamente que era o próprio Cesar em pessoa, ou qualquer outro aristocrata antigo, pois me dirigiu a palavra com modos bastante amáveis, pedindo-me para lhe indicar um lugar onde se reuniam as fidalgas.

Forçoso me foi confessar que me achava na mais absoluta ignorância a esse respeito; porém como a visitante parecia só e desorientada, convidei-a a repousar um pouco e a interrogar-me desafogadamente.

“Já aqui estou há alguns meses”, disse eu, “e neste curto tempo tenho adquirido um conhecimento considerável”.

Percebi imediatamente que esta minha observação a intrigara profundamente. Olhou de relance para o meu traje clássico, e desenhou-se-lhe no rosto uma grande surpresa; o meu traje não correspondia à minha curta permanência ali.

“Talvez seja um ator”, aventurou.

“Aqui somos todos atores”, repliquei.

Esta minha afirmação categórica ainda lhe pareceu mais incompreensível. Não teve outro remédio senão confessar que não entendia nada. Pobre senhora! Tive pena dela, e tentei explicar-lhe o melhor possível as condições da nossa existência.

“Antes de mais nada devo explicar-lhe”, disse eu, “que nesta terra todos os ideais são realizáveis. Portanto, se para cá vem um homem, cujo ideal em vida era ser rei, aqui é-lhe

facultada a liberdade de representar esse papel, sem que ninguém se lembre de o achar ridículo. E a razão é muito simples: todos os espíritos possuem um sonho predileto que têm o máximo prazer em concretizar.

“Readquirimos, minha senhora, a tolerância e a cortesia das crianças que nunca ridicularizam as brincadeiras das outras crianças”.

“Então o Céu é simplesmente um sítio onde nos divertimos?” perguntou bastante ofendida.

“Oh! Não!” respondi; “mas a senhora não está no Céu”.

Porém, ao ver o seu olhar apreensivo, acrescentei logo:

“Descanse; também não estamos no Inferno. Qual era a sua religião na Terra?”

“Eu seguia a religião do meu país e própria do meu estado; mas nunca lhe liguei muita importância”.

“A idéia do purgatório não lhe é certamente desconhecida”.

“Eu não sou papista”, apressou-se ela a declarar, com uma dignidade ofendida.

“Todavia, um papista que se achasse nas suas circunstâncias, imaginaria que estava no purgatório”.

“Confesso que não me sinto feliz” admitiu ela, “porque acho tudo tão extraordinário”.

“Não tem amigos aqui?” inquiri.

“Devo ter muitos conhecimentos, certamente; quanto a amizades íntimas, nunca as cultivei. Apenas dava muitas recepções, por assim o exigir a posição política do meu esposo”.

“Não haverá aqui ninguém que nutra pela sra. um grande reconhecimento? Algum desgraçado a quem tivesse minorado os sofrimentos; algum pobre de quem se tivesse condoído?”

“Protegi várias obras de caridade”.

“Essa espécie de auxílio é demasiado impessoal; não se recordam dele aqui. Não tem filhos?”

“Não, não tenho”.

“Nem possui irmãos, ou irmãs neste mundo?”

“Zanguei-me com o meu único irmão por fazer um casamento desigual”.

“Mas a sua mãe”, disse-lhe eu, pois teve certamente mãe, não a aguardava à sua chegada aqui?”

“Não a vi”.

Fiquei muito surpreso, pois me tinham dito que todos os espíritos mães que ainda aqui se encontram, quando um filho morre, isto é, quando renasce neste mundo espiritual, são avisadas por uma sensação muito especial, uma espécie de comunhão de dor e de desgosto retrospectivo, que constitui a recompensa final e cheia de suavidade e de encanto da maternidade.

«Provavelmente já teve lugar a sua reencarnação», disse eu.

“Ah! replicou ela, com um ligeiro ar de superioridade, “também acredita nessas lendas pagãs? Julgava que só os maduros, tais como os Teósofos e outros semelhantes, acreditavam na reencarnação».

“Sempre tive qualquer coisa de maduro”, redarguí; “mas a senhora não ignora, certamente, que as três quartas partes dos habitantes da Terra se acham perfeitamente familiarizados com essa teoria, com algumas variantes talvez, porém, baseando-se no mesmo princípio.”

Continuamos a conversar durante algum tempo, e eu no entretanto punha a imaginação a pratos para descobrir a maneira de auxiliar esta pobre mulher, que aqui vagava inteiramente ao abandono. É triste, muito triste, não ter aqui nenhum ente querido, nenhuma alma amiga e caridosa que nos ajude a vencer as primeiras dificuldades. Passava em revista vários espíritos meus conhecidos, bondosos e habituados a dispensar auxílio, e hesitava, sem saber qual escolher. Sob o ponto de vista convencional da Terra, ignorava qual seria considerado mais correto. Um dos espíritos mais nobres encontra-se geralmente ao lado de qualquer desgraçada — recém-chegada — para empregar o eufemismo geralmente usado na sociedade delicada de que fazia parte a minha presente protegée. Os outros andam disseminados um pouco por toda a parte, procurando sempre as almas que mais necessitam deles; ora a aflição da minha companheira era mais real do que urgente. Se ainda cá estivesse o Leonel, tê-lo-ia encarregado de a entreter e acompanhar durante algum tempo.

Era tal o meu desejo de lhe ser útil que até lamentava não ter convivido mais com algumas senhoras que passam o tempo aqui, como na Terra, a fazer crochet e a tagarelar. Isto causa-lhe admiração? Chega a parecer-lhe inacreditável? Então pensa que nos podemos libertar instantaneamente dum hábito que durou a vida inteira? As mulheres, na

Terra, sonham muitas vezes com o seu crochet; o mesmo lhes acontece aqui. É tão fácil fazer crochet neste mundo como é fácil sonhar no de vocês.

Não sei se compreende que o mundo onde atualmente vivo não é, na essência, mais sagrado do que o mundo em que a minha amiga se encontra, nem mesmo apresenta mais mistérios aos que nele vivem. A não ser as condições profanas que também nos não são estranhas, todas as condições são sagradas para a alma de convicções sérias.

Mas voltemos à mulher abandonada. Ainda não tinha resolvido coisa nenhuma, e achava-me mesmo bastante embaraçado, quando de súbito deparei com a figura do Mestre que se aproximava de nós. Acompanhava-o uma mulher espantosamente parecida com a que eu me ocupava naquele momento; assemelhavam-se uma a outra como duas chávenas de porcelana vazias. O Mestre acenou-me e eu segui-o, deixando as duas mulheres juntas.

“Julgava”, disse-lhe eu, “que o Mestre só se interessava por almas cujo progresso fosse considerável”.

Ele sorriu:

«Condoí-me da sua perplexidade; a aflição daquelas pobres senhoras pouco cuidado me deu”.

Depois principiou a falar acerca dos valores relativos.

“Se encararmos as coisas dum certo modo”, disse, “todas as almas são dignas do mesmo auxílio; porém se lhes dermos um sentido mais profundo, talvez não seja bem assim. Não pense que os sofrimentos dos mais fracos me deixam indiferente, pelo fato de dedicar o meu tempo e a minha atenção aos mais fortes. Dirijo-me àqueles que mais necessitam o meu auxílio, como fazem os anjos caridosos. Só os seres fortes podem aprender o que eu ensino. Os fracos estão ao encargo dos Messias e dos seus adeptos. Contudo entre nós e os Messias existem laços fraternais e uma compreensão mútua. Cada qual trabalha no campo que lhe é próprio. Os Messias auxiliam a grande maioria; nós ajudamos a minoria. Têm uma recompensa muito maior em amor do que nós; mas nem nós, nem eles trabalhamos com o fito de sermos recompensados. Cada qual segue a sua lei.

“Para que um mestre seja amado de todos os homens, deve dar-se-lhes a conhecer, ora nós só nos revelamos a alguns escolhidos. “Por que não seguimos o caminho dos Messias? Porque temos de conservar o equilíbrio. Todo

aquele que trabalha intensamente à vista dos homens sabe intimamente que existe outro trabalhador invisível. Qual mestre é mais valioso? A pergunta é ociosa. O Norte e o Sul dependem um do outro e todos os imãs têm dois polos”.

CARTA XXXVIII

ONDE O TEMPO NÃO EXISTE

Como já deve ter compreendido, nem todas as almas que passaram a fronteira aérea se encontram no Céu ou no Inferno. Poucas são as que atingem um extremo, em geral contentam-se em viver aqui durante o período de tempo que lhes foi destinado, do mesmo modo como viveram na Terra os anos que lhes tinham sido contados, sem se identificarem com a significação do seu estado, sem compreenderem, nem aproveitarem as possibilidades de evolução espiritual que se lhes oferecem.

A ciência é uma árvore que se desenvolve lentamente; os anéis em volta do tronco constituem as vidas terrestres e os espaços entre os anéis constituem os períodos entre as vidas. Há porventura alguém que se entristeça pelo tempo que uma bolota leva a tornar-se um carvalho? Do mesmo modo seria tudo quanto há de menos filosófico pensar que a verdade contida na grande ociosidade da alma, essa verdade que me tenho esforçado por lhe explicar, seja necessariamente triste. Se um homem fosse obrigado a tornar-se um arcanjo num tempo relativamente curto, digamos no espaço de alguns anos, esse progresso tão rápido causar-lhe-ia dores terríveis. A Lei é implacável, mas muitas vezes parece bondosa.

Há contudo muitas almas no Céu, e existem vários céus, dos quais já vi alguns.

Mas não pense que a maior parte das almas circula assim, de lugar para lugar e de estado para estado como eu faço. As coisas que eu lhe descrevo não são excepcionais; o que há de extraordinário nisto tudo é que um homem consiga ver e descrever tantas coisas. Devo agradecê-lo ao meu

Mestre; se ele não se tivesse interessado por mim e não me dispensasse os seus conselhos, nunca teria adquirido tais tesouros de conhecimentos.

Há muitos céus. A noite passada senti, como às vezes me acontecia na Terra, um desejo veemente de beleza. Um dos fenómenos mais estranhos deste mundo etéreo é a tremenda atração por simpatia — quero dizer, a atração dos acontecimentos. Basta desejar uma coisa intensamente, e é já meio caminho andado. Um corpo leve como uma pena move-se com a máxima rapidez quando é impellido por uma vontade livre.

Sentia um desejo veemente de beleza, o que equivale a dizer que desejava o Céu. Não sei se fui eu que me desloquei a fim de procurar o Céu, ou se foi o Céu que veio ao meu encontro. Não me é possível determinar isto, porque aqui o Espaço, quase se não dá por ele. A cada vale exterior corresponde um vale interior. Desejamos estar num lugar, e logo lá nos encontramos. Talvez o Mestre lhe pudesse explicar isto cientificamente; eu, por enquanto, não sei. Agora, quero contar-lhe coisas lindas acerca do Céu que visitei ontem à noite. Ainda estou impressionado pelo espetáculo divinamente belo, que me foi dado contemplar.

Vi duas filas de árvores sombrias, semelhantes aos ciprestes; enveredei por esta comprida avenida, e notei lá ao fundo uma luz difusa e suave. Já li algures a descrição dum céu iluminado por mil sóis, porém este meu Céu era muito diferente. A luz de que me aproximava era mais branda que o luar, porém mais clara. Podia-se talvez comparar à luz do sol vista através de muitos véus de alabastro. Não me era possível ver de onde dimanava. Parecia que não tinha origem nem fim. Existia, simplesmente.

Nisto distingui dois seres que vinham vagarosamente ao meu encontro, de mãos dadas. Nunca em rostos humanos vi estampada tão indizível expressão de felicidade. Só um espírito que ignora a existência do tempo pode ter esta aparência.

Calculo que fossem um homem e uma mulher, mas pareciam muito diferentes do que vocês consideram um homem e uma mulher. Nem olhavam um para o outro, durante o seu passeio; o contacto das mãos parecia unificá-los a tal ponto, que lhes era perfeitamente desnecessária a evidência do olhar para se assegurarem da sua mútua ventura. Tal como a luz que não dimanava de parte alguma, eles também simplesmente existiam.

Mais adiante vi um grupo de crianças com vestidinhos vistosos, dançando alegremente entre as flores. Dançavam de mãos dadas numa grande roda e os seus movimentos graciosos faziam ondular e agitar-se os vestidinhos com um ritmo encantador. Não se pode imaginar a frescura, a alegria descuidada que ainda mais realçavam aquele formoso quadro. Pareciam pétalas de flores animadas. Essas crianças também se achavam na mais absoluta inconsciência do tempo, e quem sabe se teriam dançado assim há muito tempo? Como isto tudo me dava prazer! Quer aquela alegria fosse do momento, quer durasse há anos sem fim, que importava? Como a luz, como os noivos que eu tinha encontrado de mãos dadas, existiam simplesmente, e isso era suficiente.

A avenida dos ciprestes tinha ficado para trás; agora encontrava-me numa vasta planície, rodeada por uma floresta de árvores em flor. O ar estava impregnado de perfumes primaveris, os passarinhos gorgeavam numa alegria louca. No centro da planície elevava-se uma grande fonte circular, cujos jogos de água eram maravilhosos; os repuxos jorravam à grande altura, caindo depois em nuvens irisadas de espuma. Um encanto inexprimível reinava sobre toda a paisagem. Disseminados nesse céu circular e perfumado, passeavam lentamente seres angelicais, que certamente já tinham sido inferiores em qualquer época remota. Andavam aos dois e dois ou em grupos, eternamente sorridentes e afáveis.

Empregam frequentemente na Terra, a palavra "paz"; porém a maior paz do mundo comparada com a que reinava naquele recinto sagrado, seria equivalente ao mais indescritível tumulto. Compreendi de súbito que me encontrava num dos céus mais encantadores, porém tive a sensação de que estava sozinho.

Mal este pensamento surgiu e se abrigou no meu coração, logo apareceu ao meu olhar deslumbrado a Alma Bela e Misteriosa, à qual há pouco tempo me referi numa das cartas.

Sorriu-me e disse:

"Aquele que entristece ao ter consciência da sua solidão, já não se encontra no Céu. Por isso vim prendê-lo aqui durante mais algum tempo".

"É neste céu especial a sua morada fixa?"

"Oh! eu vivo em toda parte e em nenhuma parte", respondeu a Alma Misteriosa e Bela. "Pertencço aos viandantes

que vagueiam a seu bel-prazer e que encontram os encantos do lar em todos os lugares celestes e terrestres".

"Então visita a Terra de vez em quando?"

"Vou mesmo aos infernos mais remotos, mas aí não permaneço muito tempo. O meu objetivo é conhecer tudo, conservando-me todavia desligado de tudo."

"Ama a Terra?"

"A Terra é um dos sítios onde me divirto. Às vezes entretenho-me a cantar às crianças da Terra, e quando canto aos poetas, eles julgam-se inspirados. Ouça esta canção que cantei uma noite a uma alma que vive entre os homens:

"Minha irmã, encontro-me muitas vezes ao seu lado quando menos o pensa.

A Alma dum poeta é para mim uma fonte cristalina, em cujas profundas águas me vejo refletido. Eu vivo num deslumbramento de luz e de cor, que os poetas mortais, em vão tentam exprimir por palavras estranhas e fantásticas.

Encontro-me na estrela e no poente; presenciei o envelhecer da Lua e o seu rejuvenescimento.

Na infância, o seu olhar procurava-me na nuvem que passa; na idade madura pensava ter-me descoberto no brilho do olhar da sua noiva; porém eu divirto-me a iludir os homens".

Alço o vôo; o contacto sutil dos meus pés nem faz inclinar ao de leve as frágeis cabeças das margaridas.

Podem encontrar-me e tornar a perder-me, pois nenhum mortal consegue prender-me.

Aproximo-me sobretudo daqueles que procuram a beleza — tanto em pensamento como em forma; fujo dos que tentam prender-me.

Podem vir todos os dias à região onde me encontro.

Às vezes encontrar-me-ão, outras vezes não; porque a minha vontade é a vontade do vento e não obedeco a nenhum aceno.

Porém, quando eu faço um sinal, inúmeras almas acorrem dos quatro cantos do céu.

A sua alma também acorre voando, pois é uma das que chamei, por meio do meu encanto.

Eu posso servir-lhe de alguma coisa, e interessa-me; gosto de contemplar a sua alma nas suas horas de sonho e de êxtase.

Quando um dos que me pertencem sonha um sonho do Paraíso, até acho a luz mais brilhante, eu, para quem todas as coisas resplandecem.

Oh! não se esqueçam do encanto do momento, não se esqueçam da atração passageira.

Pois há momentos em que somos mais sábios do que todos os felizes da Terra; os tesouros do momento são mais preciosos e mais raros do que as riquezas aglomeradas durante séculos.

O momento é real, ao passo que o século é somente uma ilusão, uma sombra e uma recordação.

Adquiram a certeza de que o momento é tudo, de que o momento vale mais que o tempo.

O tempo anda munido duma ampulheta e os seus passos são lentos; os seus cabelos branquejaram com a gcada dos anos e a sua foice acha-se embotada pelo segar incessante.

Porém nunca conseguiu apanhar o momento no vôo. Envelheceu a armar-lhe ciladas e a estender-lhe armadilhas.

Oh! o encanto da vida e a infindável combinação das coisas vivas!

Era novo quando o Sol saiu do caos e se formou, e continuarei a ser jovem quando a Lua cair morta nos braços da sua filha, a Terra.

Não desejais ser jovem comigo? A poeira é igual ao nada: a alma é tudo.

O momento do despertar do amor assemelha-se ao quarto crescente da lua refletindo-se na superfície dum lago.

E a morte do amor é como uma flor murcha caída no regaço do mundo extenuado.

Mas há amor e Amor, e o amor da luz por causa do seu brilho constitui o amor recíproco das almas.

Não há morte onde a luz íntima não brilhe iluminando os vastos campos da perfeição, de todas as perfeições, da mais íntima, da que está para além, da inatingível.

“Sabeis onde encontrar-me”.

CARTA XXXIX

A DOCTRINA DA MORTE

Durante os meses da minha estada aqui tenho visto homens e mulheres que jazem num estado de inconsciência

mais profunda do que o sono, numa espécie de estado letárgico que torna os seus rostos inexpressivos e pouco interessantes. Ao princípio, quando ainda ignorava a natureza daquele sono tentei despertar um ou dois, sem obter resultado. Havia certos casos que a minha curiosidade vivamente excitada me impelia a ir examinar todos os dias infalivelmente, com a esperança de os ver emergir do letargo; a minha esperança era porém sempre frustrada.

Isto fazia-me uma grande confusão e não podia deixar de perguntar a mim mesmo:

“Por que motivo há de um homem estar sujeito a um sono destes — um sono tão profundo que nada, nem a palavra, nem o contacto físico conseguem afugentar?”

Ora um dia, em que passeava conversando com o Mestre, passamos, por acaso, junto a um dos tais homens inconscientes que eu tinha observado, e que a despeito das minhas tentativas não conseguira despertar.

“Pode dizer-me que pessoas são estas que dormem constantemente?” perguntei ao Mestre; e ele respondeu:

“São aqueles que na vida terrestre negavam a imortalidade da alma depois da morte”.

“Que horror!” exclamei.

“E nunca mais despertarão?”

“Sim, talvez daqui a algum tempo, quando a lei irresistível do ritmo os arrancar do seu letargo para uma nova encarnação. Pois a lei do renascimento faz parte integrante da lei do ritmo».

“Não seria possível despertar um destes homens, este por exemplo?”

“Já experimentou, não é assim?” inquiriu o Mestre, olhando-me fixamente.

“Sim, já fiz várias tentativas”, confessei.

“Sem exito?”

“Absolutamente”.

Fitamo-nos um momento e em seguida falei eu.

“Talvez o Mestre, que possui muito mais conhecimento e poder, seja bem sucedido, onde eu falhei”.

Não respondeu. Este silêncio ainda mais despertou o meu interesse; continuei portanto cheio de animação:

“Não quer tentar? Não vai acordar este homem?”

“Não sabe o que pede”, replicou.

“Mas, diga-me só uma coisa”, continuei ansioso, “se quizesse, poderia despertá-lo?”

“Talvez. Mas seria preciso por em ação uma Lei extremamente forte para anular a Lei que o domina e lhe impõe aquele sono, a lei do encanto a que ele condenou a sua própria alma, quando, moribundo, exigiu inconsciência e aniquilamento”.

“Em que consiste essa Lei mais forte?” perguntei.

“Consiste na potência da vontade”, declarou gravemente.

“Ser-lhe-ia possível?”

“Torno a repetir: talvez”.

“Quer então experimentar?”

“Direi, novamente, que não sabe o que pede”.

“Mas explique-me”, persisti, “parece-me que se trata dum das coisas mais interessantes que até aqui tenho visto”.

O Mestre respondeu cada vez mais sério:

“Qual foi o passado deste homem? Que boas ações praticou para me permitir colocar-me entre ele e a lei de causa e efeito que ele, por sua livre vontade fez agir?”

“Ignoro o seu passado”, disse eu.

“Então”, tornou o Mestre, “queira formular as razões que o determinam a pedir-me uma coisa destas”.

“As minhas razões?”

“Sim; é compaixão pela desgraçada situação deste homem ou é simplesmente para satisfazer a sua curiosidade científica?»

Nada mais fácil do que dizer que era realmente a compaixão que me movia a isso, porém quando se fala a um Mestre como o meu, não se brinca com a verdade, nem se apresentam motivos fingidos; não hesitei portanto a admitir que fora impellido pela curiosidade científica.

“Por esse motivo”, replicou, “não há nada que me impeça de aproveitar este caso, como demonstração do poder da vontade treinada”.

“Tem a certeza que não o prejudicará?”

“Pelo contrário. O poderoso abalo que vai sofrer impressioná-lo-á favoravelmente no sentido de nunca mais pensar erradamente, nem levar outros a pensar que tudo acaba com a morte. Nas suas vidas futuras nunca mais semelhante pensamento lhe passará pela cabeça. Ele, por si só, não merece o enorme desperdício de energia que será preciso para o despertar do letargo em que se acha mergulhado há séculos. É por sua causa que vou proceder; para que depois acredite”.

Faltam-me as palavras para descrever a cena que se desenrolou ante os meus olhos; desejava exprimir-me de modo

a que a minha amiga o visse com os olhos da imaginação. Aos nossos pés jazia o homem, lívido e sem expressão; a seu lado elevava-se a figura imponente e majestosa do Mestre, cujo rosto resplandecia de poder, de cujos olhos irradiava, com extremo fulgor, o pensamento.

“Consegue distinguir”, perguntou o Mestre, “uma vaga luz aureolando esta figura aparentemente inanimada?”

“Consigo, porém a luz é extremamente fraca”.

“Contudo”, redarguiu o Mestre, “esta luz é muito menos atenuada do que a fé que esta alma fraca deposita na verdade eterna. Nessa luz pálida que circunda a forma reclinada distingo eu muitas imagens do passado desta alma. Não só vejo que ele negou a imortalidade da alma, como também que ensinou essa doutrina da morte a outros homens, igualando-os a si mesmo. Realmente, não é nada digno da experiência que vou tentar para o acordar”.

“Mas fá-lo-á em todo o caso?”

“Fá-lo-ei”.

Lamento imensamente que não seja permitido dizer-lhe detalhadamente o que depois se passou; contar-lhe as fórmulas e as ações que o Mestre empregou para fazer emergir aquele homem, por um poderosíssimo esforço, da imitação de aniquilamento a que ele próprio se tinha votado. Nunca se me tornou tão evidente — não só o poder pessoal do Mestre, como também o poder irresistível dum vontade tremenda e bem dirigida.

Fez-me lembrar daquela cena do Novo Testamento, em que Jesus diz ao homem morto, no túmulo: “Ergue-te, Lázaro!”

“A alma do homem é imortal”, declarou o Mestre, olhando fixamente para os olhos fugidios do homem e obrigando-o a sustentar o peso do seu olhar.

“A alma do homem é imortal”, repetiu. Depois acrescentou imperiosamente: “Ergue-te!”

O homem levantou-se cambaleando. O corpo dele, como o de todos os espíritos, não pesava absolutamente nada, mas a sua energia estava tão entorpecida, que nem mesmo lhe permitia fazer aquele ligeiro esforço.

“Tu vives”, declarou o Mestre, “passaste pela morte e vives. Não te atrevas a negar que estás vivo. Não podes negá-lo”.

“Mas eu não acredito —”, principiou o homem ainda dominado pelo seu obstinado materialismo e querendo desafiá-la a verdade da sua própria existência. Era tão arraiga-

do o seu negativismo, que mesmo depois das duras provações a que tinha sido submetido, conservava intacta a memória das suas opiniões. Era isto que mais me admirava. Mas depois do primeiro momento de estupefação compreendi que era o poder do quadro mental sugerido pelo Mestre, representando as tradições astrais desta alma, que tinha evocado todas estas recordações.

“Senta-te aqui entre nós dois”, disse-lhe o Mestre, “e vamos ambos apresentar as nossas razões e os nossos argumentos. Quando andavas na Terra sob o nome de ... tinhas-te na conta de grande argumentador?”

“Sim, com efeito”.

“Como vês, enganaste-te redondamente no teu raciocínio”, continuou o Mestre, “porque é evidente que passaste pela morte e que contudo vives”.

“Mas onde estou eu?” E olhou em volta, perfeitamente desorientado. Onde estou eu, e quem sois vós?”

“Estás na Eternidade”, replicou o Mestre, “onde sempre estiveste e sempre estarás”.

“E vós?”

“Eu sou um dos que conhecem os efeitos da Lei”.

“De qual Lei?”

“Da Lei do ritmo, que impele a alma para dentro e para fora da matéria grosseira, do mesmo modo como impele as marés do oceano para a baixa-mar e para a preamar, e a consciência do homem para o sono e para o despertar”.

“E fostes vós que me despertastes? Então vós sois a Lei do ritmo?”

O mestre sorriu.

“Eu não sou a Lei”, disse ele, “porém estou ligado a ela, como tu, a não ser quando consigo temporariamente transcendê-la pela força da minha vontade — igualmente como tu”.

A profundidade desta resposta tão simples fez-me vacilar, mas parece que o homem não aprendeu toda a sua significação. Igualmente como ele! Pois quê, este homem tinha conseguido, pela força da sua vontade mal dirigida, transcender temporariamente a lei da imortalidade do mesmo modo como o Mestre pela potência da sua vontade bem dirigida tinha transcendido o mortal em si mesmo! A minha alma desfalecia de gozo ao vislumbrar as possibilidades, por assim dizer divinas, do espírito humano.

“Há quanto tempo estava adormecido?” perguntou o homem.

“Em que ano morreu?” inquiriu o Mestre.

“Em 1817”.

“Segundo o calendário cristão estamos em 1912. O lertargo semelhante à morte, em que jazias mergulhado, durou noventa e cinco anos.”

“E fostes vós, realmente, que me despertastes?”

“Sim, fui eu”.

“Que motivo vos levou a isso?”

“Apeteceu-me”, replicou o Mestre um pouco bruscamente. “Não foi certamente por te teres tornado digno disso”.

“Se não me tivésseis despertado, quanto tempo teria continuado a dormir?”

“Não posso dizer. Provavelmente dormirias até que aqueles que principiaram a trilhar o presente ciclo contigo te houvessem deixado muito atrasado no caminho da evolução da vida. Dormirias, talvez, durante anos, durante muitos anos”.

“Sabeis que isto representa para vós uma grande responsabilidade?” disse o homem.

“Essa informação era desnecessária”, respondeu o Mestre. “Pensei maduramente antes de proceder, e decidi assumir toda a responsabilidade com um fim determinado. A vontade é livre”.

“Porém vós forçastes a minha vontade”.

“Com efeito; mas fi-lo com a minha vontade mais potente; e sabes o motivo por que essa vontade é mais potente? Porque é dirigida com sensatez e se acha munida de grande energia”.

“O que tencionam fazer de mim?”

“Vou assumir a responsabilidade da tua instrução”.

“Da minha instrução?”

“Perfeitamente”.

“E vai-me facilitar um certo número de coisas?”

“Pelo contrário, tenciono dificultar-te tudo; não conseguirás escapar ao meu ensino”.

“Vós instruir-me-eis pessoalmente?”

“Pessoalmente, no sentido que te colocarei sob a égide dum meu discípulo muito adiantado. Será ele que te instruirá”.

“Quem? Este homem?” E apontou para mim.

“Não, esse tem outra ocupação melhor. Já te apresento ao teu mestre”.

“O que me vai ele mostrar?”

“O panorama da imortalidade. E quando tiveres aprendido a lição de modo a nunca esquecê-la, a nunca lhe fugir, regressarás à Terra, a fim de converter à verdade da imortalidade tantos homens quantos iludiste e desencaminhas-te no passado, pelas tuas doutrinas falsas de materialismo e de morte”.

“E se eu recusar? Disse-me que a vontade é livre”.

“Recusas?”

“Não; mas se recusasse o que acontecia?”

“Aconteceria que em vez de progredires, de te desenvolveres sob a lei da ação e da reação, que no oriente denominam karma, serias pelo contrário vítima dessa lei”.

“Não o compreendo”.

“Aquele que entende a lei do karma, que constitui também a lei da ação e da reação, é na verdade um homem sábio”, limitou-se o Mestre a dizer. “Venha comigo. Vou apresentá-lo ao seu novo instrutor”.

Deixaram-me sozinho e em breve desapareceram. E permaneci ali longo tempo a meditar profundamente sobre o que acabava de ver e ouvir...

CARTA XL

A HIERARQUIA CELESTE

Vou dizer uma coisa que talvez impressione desagradavelmente certas pessoas; porém quem só achar valor às suas próprias idéias, quem não consente, de bom grado, a que os outros também tenham idéias, não deve tentar descerrar as portas zelosamente vigiadas que separam a Terra dos chamados vivos, da Terra dos que certamente não morreram.

A afirmação que quero fazer é que há muitos deuses, e O Deus constitui a soma total de todos os outros. Todos os deuses existem em Deus. E agora, caro mundo, disponha desta declaração como lhe aprouver, pois a verdade é mais vital do que o sonho de quem quer que seja, meu ou seu.

“Acaso vi Deus? Vi Aquele que denominaram o Filho de Deus e Ele afirmou que quem vira o Filho, vira o Pai.

“Mas então o que é feito dos outros deuses?” perguntará; pois jazem muitos nos panteons do mundo. Pois bem, as realidades existem aqui.

Que diz! exclamará novamente, então o homem pode criar os deuses da sua imaginação e dar-lhes um lugar no invisível? Não. Eles são espíritos puros e o homem sentiu há muito tempo a sua presença pela percepção psíquica e espiritual que deles tinha. O materialista que afirma que o homem os criou não tinha a mínima idéia acerca das leis do ser. O homem, o homem primitivo pressentiu-os por intermédio das suas afinidades espirituais com eles.

Provavelmente a leitura de lendas a respeito deste ou daquele espírito, tem-lhe sugerido observações superiormente benevolentes acerca da inteligência dos velhos autores desses mitos, considerando-se extremamente feliz por viver numa época mais ilustrada. Pois fique sabendo que justamente esses velhos autores de lendas é que eram ilustrados e sábios, pois penetravam através dos espessos véus que encobrem o outro mundo e registravam o que viam.

Diz-se que muitos dos espíritos favoritos do mundo, tinham vivido na Terra sob a forma de homens. É realmente verdade. Esta idéia fá-la estremecer?

“Como se torna um homem num deus e como se torna um deus num homem? Nunca lhe deu isto que pensar? Um homem torna-se num espírito puro pela evolução da consciência divina, o que equivale ao desenvolvimento do seu próprio pensamento acerca de Deus.

Durante estes últimos anos deve ter ouvido e lido muita coisa a respeito daqueles que chamamos Mestres, que dizem ser homens com conhecimentos sobre-humanos, que renunciam aos prazeres vãos do mundo, a fim de realizar um ideal mais sublime.

As idéias dos homens acerca de Deus mudam como os próprios mestres mudam, pois, como Heráclito disse há vinte e quatro séculos, “tudo evolue e tende para outra coisa”.

Pensará, acaso que os mestres permaneciam imóveis e os espíritos progrediam? Nesse caso, um dia votariam o seu mestre ao abandono, passando a adorar-se a si mesmos, como únicos entes superiores.

Nas minhas digressões com o Mestre já encontrei vários deuses antigos. Se eu tivesse vindo para este mundo cheio de desprezo superior por todos os deuses excepto os meus,

certamente não me teria sido concedido esse privilégio; porque os mestres são tão objetivos como subjetivos; só se revelam àqueles que os podem ver tais como são.

Terá isto por resultado franquear a entrada ao politeísmo, ao panteísmo e a outros ismos igualmente temíveis? Um ismo é só uma palavra. Os fatos existem realmente. Já lá vão longe os tempos em que os homens eram supliciados e queimados no pelourinho por terem tido uma visão do “falso” deus. Porém, mesmo agora hesitaria em contar-lhe tudo o que tenho aprendido acerca dos mestres, em todo o caso comunicar-lhe-ei bastantes coisas interessantes.

Ocupemo-nos, por exemplo do deus, que os romanos denominaram Netuno. A minha amiga pensava realmente que não passava duma criação poética dos antigos autores de lendas? Pois foi mais do que isso. Contavam que governava o mar. Ora não será perfeitamente lógico e inevitável que o trabalho de dominar os elementos e as águas seja assumido por aqueles que conseguem realizá-lo, que esse trabalho seja dividido por seres competentes para tal fim? Ouvimos dissertar muito sobre as leis da Natureza. Quem as demonstra? O termo “lei natural” anda de boca em boca, mas a Lei tem os seus executores, tanto no Céu, como na Terra.

Afirmaram-me que também existem seres planetários, deuses planetários; ainda não tive a honra de me comunicar conscientemente com qualquer dessas entidades. Mas se um ser planetário se acha tão longínquo, tão fora do meu alcance, como me deverei comportar ao aproximar-me do Deus dos deuses?

Oh! espírito paradoxal do homem que se sente invadido por um temor respeitoso ante o servo e contudo se aproxima do Senhor sem receio!

Disseram-me que a evolução do espírito tutelar deste planeta, a Terra, foi tão prodigiosa nos passados ciclos da existência, a ponto de o transformar num deus cujo poder e responsabilidade eram extremos. Esta idéia não deve aterrar os que se habituaram ao uso constante do microscópio. Os infinitamente pequenos e os infinitamente grandes constituem a cauda e a cabeça da serpente Eterna.

Quais serão os deuses dos futuros ciclos de existência? Não serão aqueles que neste ciclo de vida planetária se elevaram acima dos mortais? Não serão escolhidos entre os mais sublimes e mais poderosos espíritos dos homens que

presentemente existem? Os próprios deuses devem ter o seu período de descanso; os que agora estão desempenhando essas funções desejam, indubitavelmente, ser suplantados.

As portas da evolução estão sempre abertas para aqueles que ambicionam o progresso espiritual.

CARTA XLI

A FAVORITA DO INVISÍVEL

Já tive ocasião de falar dum ente sublime a que chamo a Alma Misteriosa e Bela, cujo domínio parece ser o universo, cujos companheiros preferidos são todos os homens e todos os seres cujos brinquedos são os dias e os séculos.

Por qualquer razão desconhecida, a Alma Misteriosa e Bela concedeu-me ultimamente a honra de se interessar pelos meus esforços em adquirir conhecimento, mostrando-me várias coisas, que nunca teria visto, sem ser pelo gracioso intermédio dela.

O viandante que dá uma volta no planeta, acompanhado, pessoalmente, por um mestre, é distinguido por um favor especial.

As cartas de apresentação para os grandes e poderosos da Terra são mesquinhas comparadas com esta apresentação; pois graças a ela perscruto as almas de todos os seres, e penetro onde me apraz. A Alma Misteriosa e Bela tem livre acesso em toda a parte.

Já lhe aconteceu despertar, maravilhada, dum sonho divinamente belo em que lhe parecera ter sido osculada por um anjo? Já assisti a cenas semelhantes.

Oh! não se arrecee de dar largas à sua imaginação! Justamente as coisas maravilhosas é que são verdadeiras; as coisas vulgares são geralmente falsas. Quando se sentir erguida por um pensamento elevado, não se agarre obstinadamente à terra sólida. Largue tudo. Quem se sente subitamente inspirado pode até — se tiver a ousadia de confiar na sua visão — contemplar a Alma Misteriosa e Bela, como eu já tenho tido a suprema ventura de contemplar. Quan-

do atravessamos o espaço, a nossa vista é extraordinariamente penetrante. Se nos elevarmos bastante, se atingirmos uma grande rapidez, poderemos até contemplar o inconcebível.

Uma noite destas estava eu meditando sobre a semente duma flor, que mesmo as coisas mais pequenas podem conter um mundo. Estava pois meditando sobre a semente duma flor e entretinha-me a seguir a sua história, de geração em geração, até atingir a aurora do tempo. Não posso deixar de sorrir ao usar essa figura, “a aurora do tempo”, visto o tempo ter tantas auroras e tantos poentes e continuar sempre infatigável.

Segui a genealogia da semente até ao período em que o homem das cavernas se esquecia do fragor das lutas e dos combates, para se embeber deliciosamente no doce perfume da flor, quando senti um riso melodioso no meu ouvido esquerdo e um contacto sutil, como se a asa duma borboleta perpassasse levemente na minha face esquerda. Voltei-me para olhar e no mesmo instante o riso se repetiu do outro lado e a carícia quase imperceptível se fez sentir na minha face direita. Depois agitaram graciosamente um véu diante dos meus olhos e ouvi uma voz cristalina dizer:

“Adivinhe quem é?”

Todo eu estremeceu com o gozo infável causado por esta graça divina e respondi:

“Talvez seja a fada que inspira às crianças cegas, sonhos de campinas verdejantes, onde espreitam as cabezinhas tímidas dos malmequeres”.

“Ora esta! como conseguiu conhecer-me?” exclamou a Alma Misteriosa e Bela rindo e tirando o véu dos meus olhos. “Sou na verdade tal espírito. Naturalmente estava a espreitar pelas fendas da porta quando eu toquei nos olhos das criancinhas cegas”.

“Estou sempre a espreitar pelas fendas das portas das casas das pessoas que vivem na Terra” repliquei.

A Alma Misteriosa e Bela riu novamente:

“Quer vir espreitar comigo esta noite?”

“Com o máximo prazer”.

“Na minha companhia não o poderia fazer com tristeza”, respondeu.

Puzemo-nos a caminho e fizemos nessa noite um dos passeios mais extraordinários da minha vida de espírito.

Principiamos por ir à casa dum amigo meu; entramos na casa onde ele e a família estavam ceando. Ninguém nos

viu, nem presentiu; porém o gato começou a manifestar a sua alegria pela nossa presença, ronronando e espreguiçando-se voluptuosamente. Se eu tivesse ido sozinho talvez o gato se assustasse, mas da Alma Misteriosa e Bela ninguém se arreceia — nem mesmo um gato.

Uma das crianças — a mais nova — deixou de repente de comer a sua sopa de leite e pão, olhou para o pai e disse:

«Oh! papai, por que é que o leite sabe tão bem?»

“Realmente, não sei”, confessou o pai “a não ser que seja talvez pelo prazer que a vaca sentiu ao dá-lo”.

“Aquele pai podia ter sido um poeta”, disse-me a Alma Misteriosa e Bela; mas ninguém ouviu a observação.

Outra criança queixou-se de ter sono, e encostou a cabeça à borda da mesa. A mãe principiou a querer despertá-la, mas a Alma Misteriosa e Bela agitou um véu mistificador ante os seus olhos, fazendo-lhe abandonar a resolução.

“Deixá-lo dormir, visto que lhe apetece”, disse, “daqui a bocadinho vou deitá-lo”.

Vi distintamente o cérebro da criança a trabalhar já sob a influência dum sonho, e percebi que a Alma Misteriosa e Bela se entretinha a tecer um conto de fadas naquele espírito. Dali a instantes a criança endireitou a cabeça, já desperta.

“Sonhei”, disse entusiasmada, “que — (o nome de quem escreve estas cartas) estava aqui a sorrir para mim, como costumava; acompanhava-o um anjo. Nunca tinha visto um anjo”.

“Vamo-nos embora”, murmurou a Alma Misteriosa e Bela, “as crianças quando sonham, vêem e percebem tudo”.

Depois fomos visitar a futura mãe do meu Leonel. Oh! mistério da maternidade! Os olhos da Alma Misteriosa e Bela brilhavam como estrelas ao contemplarmos esta outra semente duma flor, cuja genealogia se estende muito além dos dias do homem das cavernas — tão longínqua, tão remota, que atinge o período do nevoeiro de fogo e dos filhos das estrelas da manhã.

“Partamos”, disse novamente a Alma Misteriosa e Bela, “às noivas que sonham com a maternidade também são reveladas muitas coisas, e nós, esta noite, devemos passar incógnitos”.

Seguimos pela margem dum rio que divide uma cidade muito buliçosa. Subitamente ouvimos os sons meigos duma guitarra e a voz melodiosa duma mulher cantando:

“Quando outros lábios e outros corações

Te contarem a sua história de amor...
Então te recordarás de mim — te recordarás de mim”.
A Alma Misteriosa e Bela tocou-me na mão e murmurou:
“A vida que é tão suave para os mortais constitue um livro encantador para mim”

“Porém nunca saboreaste a vida humana?”

“Pelo contrário, saboreio-a todos os dias; mas saboreio-a sómente — depois continuo a minha vida errante. Se a consumisse, talvez não lograsse desprender-me”

“Mas nunca desejas ardentemente consumi-la?”

“Ora! justamente o sabor é que é interessante. A digestão constitue um processo mais ou menos aborrecido”.

“Receio que sejas divinamente caprichosa”, disse eu afetuosamente.

“Tenha cuidado”, respondeu a Alma Misteriosa e Bela. “Quem se arreceia de qualquer coisa, perder-me-á no nevoeiro dos seus próprios temores”.

“Oh! ente irresistível! exclamei. “Quem és? Que é?”

“Não disse há pouco que eu era a fada que inspirava às criancinhas cegas sonhos de campos cheios de margaridas?”

“Amo-te”, disse eu, “amo-te com um amor incompreensível”.

“Todo o amor é incompreensível”, replicou a Alma Misteriosa e Bela. “Siga-me, irmão, vamos escalar o monte da visão. Quando se sentir ofegante pela subida, agarre-se ao véu que esvoaça atrás de mim e eu esperarei até que tenha repousado”.

Que quantidade de coisas extraordinárias eu vi nessa noite! Não lhe conto tudo para não a fatigar.

Pairamos sobre a cratera dum vulcão em atividade e contemplamos as danças dos espíritos no fogo. A minha amiga pensava que essas danças eram unicamente o produto da imaginação de poetas exaltados? Pois engana-se, são tão verdadeiras — para elas e para aqueles que as vêem — como os cocheiros dos ônibus de Londres.

A realidade e a ilusão! Se, em vez de me limitar a uma simples narrativa de viajante, escrevesse um ensaio teria muito que dissertar acerca da realidade e da ilusão.

A Alma Misteriosa e Bela alterou as minhas idéias a respeito do universo inteiro. Gostava de saber se me recordarei, quando regressar de novo à Terra, de todas as maravilhas que aqui se têm deparado ao meu olhar extasiado. Talvez me aconteça como à maior parte da gente, isto é, es-

quecer-me-ei dos detalhes da vida que precedeu o nascimento, levando comigo só um vago desejo do inexprimível e a convicção profunda, inalterável de que existem coisas na Terra e no Céu inteiramente ignoradas pela filosofia dos povos do mundo. Quem sabe? Se me lembrar indistintamente de cenas aqui passadas, do conhecimento aqui adquirido, talvez seja um poeta na minha próxima vida terrestre. Podia-me acontecer coisa pior.

Que aventuras nos aguardam, quando lançamos o nosso batel no mar do renascimento!

A avaliar pelas minhas constantes divagações, dir-se-ia que me encontro na segunda infância. Afinal não ando tão longe da verdade, pois é realmente a segunda infância no invisível.

Continuamos naquela noite a nossa digressão, a Alma Misteriosa e Bela e eu; não houve belezas que não mo mostrasse, lugares inverossímeis e maravilhosos onde não me conduzisse; por fim, para variar, levou-me a presenciar cenas na Terra, que me teriam enchido de tristeza, se não estivesse na sua companhia divina. Perto da Alma Misteriosa e Bela não se pode estar triste. Constitue esse um dos encantos da maravilhosa entidade; quando nos achamos na sua presença saboreamos as alegrias da imortalidade.

Entre outras coisas vimos uma orgia da meia-noite, num desses lugares pavorosos que na Terra chamam “antros do vício”. Julga que fiquei aterrado e desagradavelmente impressicnado? De modo algum. Examinei os trejeitos desses animáculos humanos como um sábio examinaria os movimentos de minúsculas criaturas vivas numa gota de água. Parecia-me a mim que via tudo isto do ponto de vista das estrelas. Eu ia a dizer do ponto de vista de Deus, para quem tudo é igual, pequenos e grandes; porém talvez a primeira comparação seja mais verdadeira, pois como podemos nós formar juízo acerca do que Deus vê — a não ser que falemos do deus contido em nós mesmos?

A vocês que lêem o que eu tenho escrito, talvez aqui lhes aguardem muitas surpresas. É possível que as coisas pequenas lhes pareçam maiores e vice-versa; talvez tudo venha a ocupar o lugar que lhe pertence no plano infinito, do qual mesmo as suas inquietações e perplexidades inevitáveis e belas fazem parte.

Ocorreu-me isso ao vaguear com a minha companheira divina entre o céu e a terra, entre a beleza e a fealdade.

Desejaria poder explicar a influência da Alma Misteriosa e Bela. Não se assemelha a coisa nenhuma do universo. É fugitiva como o raio de luar, e é contudo mais compassiva do que uma mãe. É mais delicada do que uma rosa, e contudo olha sorridente para as coisas feias. É mais pura do que o hálito do mar, e contudo parece não ter horror à impureza. É ingênua como uma criança, e contudo é mais sábia do que os deuses antigos; constitui uma maravilha de paradoxo, é uma vagabunda celestial, é a favorita do invisível.

CARTA XLII

UMA VÍTIMA DO NÃO-EXISTENTE

Encontrei há dias uma pessoa conhecida, uma mulher que para cá veio pouco mais ou menos na mesma ocasião que eu.

Os velhos conhecimentos saúdam-se aqui do mesmo modo como na Terra. Embora sejamos menos convencionais do que os habitantes da Terra, conservamos contudo, com ligeiras alterações, os nossos hábitos.

Perguntei a Mrs. ... se a sua estada até agora tinha sido agradável, ao que ela respondeu negativamente. Lastimava-se de não ter ninguém com quem falar; todos tinham os seus afazeres especiais, os seus interesses a que se dedicavam exclusivamente, não ligando importância nenhuma a ela.

Era a primeira vez que ouvia uma queixa semelhante; despertou-me logo a atenção. Perguntei-lhe a que atribuía ela esta falta de sociabilidade, respondeu-me a boa senhora que ignorava, por completo, a causa e que tudo isto a intrigava imenso.

“Do que lhes fala a senhora?” inquiri.

“Conto-lhes os meus desgostos, as minhas contrariedades, como é costume entre amigos; mas vejo, perfeitamente, que não lhes interessa em nada. Como toda gente é egoísta!”

Pobre alma! Não percebia aqui, como não tinha percebido na Terra, que os nossos desgostos só nos interessam

a nós e que não devemos maçar os outros com as nossas lamentações.

“Ora bem! Aqui tem uma pessoa que se dispõe a ouvir as suas mágoas. Queira expandir-se; prometo que não fujo”.

“Nem sei por onde principiar!” respondeu ela. “Tenho encontrado tanta coisa desagradável”.

“Diga lá um exemplo”.

“Olha, primeiro que tudo acho esta gente horrível. Lembrou-me ainda de pensar, quando vivia em ... que, ao menos no outro mundo não iria encontrar donas de pensões, nem as competentes criadas descuidadas e preguiçosas; e afinal aqui são absolutamente a mesma coisa, se não forem piores”.

“Que me diz! Pois vive aqui numa pensão?”

“Onde quer que eu viva? Bem sabe que não sou rica”.

Depois de ver e ouvir tantas coisas extraordinárias neste mundo já não me devia espantar com coisa alguma. Contudo, aquela novidade era das mais esquisitas que até ali me tinham sido reveladas. Uma pensão no mundo “invisível!” — E eu que julgava ter observado tudo tão bem! Aqui estava uma nova descoberta.

“Que tal é a mesa na sua pensão?” perguntei.

“É pior do que na última onde estive na Terra”.

“As refeições são pouco abundantes?”

“São pouco abundantes e não prestam, sobretudo o café”.

“Diga-me uma coisa”, perguntei cada vez mais admirado, “servem-lhe aqui as três refeições a que estava habituada na Terra?”

“O senhor tem uma maneira estranha de se exprimir”, disse ela secamente. “Não noto nenhuma diferença especial entre este mundo e a Terra, como lhe chamam, a não ser a falta de conforto, por tudo ser tão inconstante e incerto”.

“Isso mesmo, continue”.

“De manhã nunca sei ao certo quem estará sentado ao meu lado à tarde. Andam num constante vai-vem”.

“E que come?”

«As coisas do costume — carne e batatas, pastéis e pudins”.

“Continua ainda a comer isso?”

“Pois claro; o senhor não come?”

Nem soube o que responder; se lhe contasse o que constituía a minha vida aqui não me compreenderia, do mesmo modo como não me teria compreendido há dois anos, quan-

do habitávamos a mesma cidade na Terra, se lhe tivesse explicado qual era a minha verdadeira vida mental. Resolvi-me por conseguinte a dizer-lhe:

“Não tenho muito apetite”.

Olhou para mim algo desconfiada, não sei dizer a razão porquê.

“Continua a interessar-se pela filosofia?” perguntou.

“Continuo. Talvez seja esse o motivo da minha falta de apetite”.

“Sempre foi um homem extraordinário”.

“Suponho que sim. Mas diga-me, Mrs. ... nunca sente o desejo de abandonar isto tudo?”

“Abandonar isto tudo?”

“Sim, as pensões, as pessoas pouco sociáveis, a carne e as batatas, os pastéis e os pudins, as sombras das coisas materiais, em geral”.

“Não percebo a que sombras se refere”.

“Quero dizer que estas carnes e estes pastéis que come e que não a satisfazem, não são verdadeiros. Não existem realmente”.

“Que ouço!” exclamou ela, “o senhor pertence aos Adeptos da “Christian Science?”

Dei uma gargalhada. Como os cristãos cientistas negavam a realidade do alimento material no mundo material, eu talvez devia ser também considerado um cristão cientista, por negar a realidade do alimento astral, no mundo astral. Esta analogia prestava-se a um inocente gracejo.

“Deixe-me convertê-la à Ciência Cristã”, implorei.

“Não senhor”, respondeu abruptamente. “Nunca conseguí convencer-me na existência da verdade nas suas várias filosofias e manias. E agora vem dizer-me que o alimento que como não é verdadeiro”.

Achava-me sinceramente embaraçado, sem encontrar a maneira pela qual insinuar no espírito desta pobre mulher, a realidade da sua situação atual. Finalmente fez-se luz no meu espírito.

“Compreende”, disse eu, “que tudo isto não passa dum sonho?”

“Que diz!” exclamou ela, cada vez mais furiosa.

“Digo que está sonhando. Essas pensões e tudo o mais é um sonho simplesmente”.

“Nesse caso, talvez gostasse de me acordar”.

“Certamente. Mas parece-me que a senhora é que tem de se esforçar por despertar. Diga-me, antes de vir para cá quais eram as suas idéias acerca da vida futura?”

“Que significam as palavras antes de vir para cá?”

“Pois não entende?! Antes de morrer!”

“Oh! homem! mas eu não morri!”

“Pois claro que não morreu. Ninguém morre. Mas compreende, certamente, que mudou de situação?”

“Notei realmente uma mudança, mas uma mudança para pior”.

“Não se recorda da sua última doença?”

“Recordo-me, sim”.

“E também se recorda que morreu?”

“Sim, já que lhe dão esse nome”.

“Sabe que deixou o seu corpo?”

Ela relanceou um olhar para si própria e viu a sua figura antiga; até o vestido dum preto de ferrugem, algo fora da moda, era idêntico.

“Mas eu ainda tenho o meu corpo”, disse.

“Quer dizer que não sentiu a falta do outro?”

“Não, não senti”.

“E ignora onde ele está?”

O meu espanto era cada vez mais profundo. Semelhante fenómeno deixava-me atônito.

“Visto dizer-me que deixei o meu outro corpo, é porque o enterraram; é-me inteiramente indiferente, pois estou satisfeita com este corpo; parece-me o mesmo.

“Sempre lhe pareceu o mesmo?” perguntei, assaltado pelas penosas recordações da minha vinda para cá, sobretudo a dificuldade que tive em adaptar a minha energia habitual à leveza do meu novo corpo.

“Agora me lembro! Sim, realmente estive bastante aflita durante um ou dois anos. A minha confusão durou algum tempo. Naturalmente tive uma espécie de delírio”.

“Provavelmente”, disse eu, “Mas diga-me, Mrs. ..., não sente desejo de visitar o Céu?”

“Sempre supus que visitaria o Céu, quando morresse; mas como vê, não morri”.

“Pois sim”, retorqui, “mas se quizesse agora ver o Céu, eu talvez possa conduzi-la lá”.

“Está a gracejar?”

“De modo algum. Quer vir?”

“Mas tem a certeza que eu posso lá ir sem morrer?”

“Asseguro-lhe que ninguém morre”.

A medida que iam andando lentamente, pois achei melhor não a transportar rapidamente dum estado para outro, fui-lhe descrevendo o lugar que iam visitar — o céu ortodoxo cristão. Pintei-lhe o quadro o melhor que pude, disse-lhe que ia ver muitas pessoas felizes e adoráveis, cuja maior ventura era permanecer na presença do seu Salvador, no resplandecimento suave da luz central.

“Entre as pessoas que habitam essa terra há talvez algumas que vêm o Próprio Deus, pois tal era o seu supremo desejo na Terra; quanto a mim só vi a luz, e em seguida a figura do Cristo”.

“Tenho desejado tantas vezes ver o Cristo”, disse a minha companheira, profundamente impressionada. “Pensa que me será dado vê-lo?”

“Penso que sim, se crê, firmemente, que o verá”.

“O que faziam eles no Céu, quando o senhor lá esteve?” perguntou.

“Adoravam a Deus, e sentiam-se felizes”.

“Quero ser feliz”, tornou ela; nunca fui muito feliz”.

“A principal coisa a fazer no Céu”, aconselhei eu, “é amar os outros, todos, sem distinção. É o que os torna felizes. Se amassem unicamente o rosto de Deus, já não seria bem o céu; porque a felicidade de Deus é a felicidade da comunidade.

Assim, pouco a pouco, por etapas sutis, fui afastando o seu espírito das pensões astrais e guiando-a para a idéia do mundo ortodoxo espiritual, que era provavelmente o único mundo espiritual à altura da sua compreensão.

Falei-lhe da música — sim, da música de igreja, se prefere chamar-lhe assim. Criei no seu espírito errante e caótico um desejo fixo de alegrias dominicais, de paz dominical, de comunhão com amigos no Céu. Se não fosse esta preparação gradual, não se teria podido adaptar às condições daquele mundo.

Quando finalmente chegamos à presença dos que adoravam Deus, com cantos e louvores, uma onda de entusiasmo invadiu a minha pobre companheira, dando-lhe a sensação inefável de que tinha enfim uma pátria.

Desejava despedir-me dela de modo a evitar que ela tornasse a sair para me procurar; estendi-lhe portanto a mão, como era nosso costume, e disse-lhe adeus, prometendo voltar a visitá-la qualquer dia e aconselhando-a a permanecer ali. Parece-me que ficará. O “Céu” prende fortemente aqueles que reconhecem a sua beleza,

CARTA XLIII

NUNCA SE ESTÁ SÓ

Vou revelar-lhe agora uma coisa que talvez a surpreenda: existe uma diferença muito maior entre entes deste mundo do que entre as pessoas da Terra. Mas é inevitável, porque este mundo é mais livre do que o seu.

Faltaria ao meu dever se não a informasse acerca dos seres malignos que aqui vagueiam; talvez ninguém lho diga e é necessário sabê-lo, a fim de se proteger.

Direi, antes de mais nada, que existe uma grande simpatia entre os espíritos deste mundo e os espíritos do seu mundo. Sim, tanto uns como outros são espíritos, a diferença consiste, simplesmente no vestuário diferente que envergam; uns usam carne e os outros usam um corpo mais sutil que não deixa em todo caso de ser um corpo verdadeiro.

Os espíritos bons, que talvez sejam “os espíritos de homens justos tornados perfeitos”, ou os que se limitam a aspirar à perfeição, sentem-se, poderosamente atraídos pelos espíritos semelhantes da Terra, cujos ideais se harmonizam com os deles. A atração magnética que existe entre os seres humanos é fraca, comparada com a que é possível entre seres encarnados e desencarnados. A própria diferença de matéria constitui uma força irresistível de atração, como acontece, geralmente, entre corpos opostos. A fêmea não se torna atraente ao macho, nem tão pouco o ser de carne se torna atraente ao ser astral. Em geral não se compreendem, nem uns nem outros. Acham-se, contudo, submetidos à influência, e os seres deste mundo, entendem melhor que os da Terra, a origem disto tudo, porque se acham munidos das recordações do seu mundo, ao passo que vocês se esqueceram da sua prévia existência astral.

O poder de simpatia entre os homens e os espíritos intensifica-se quando os homens se acham dominados por uma grande emoção, seja amor ou ódio, cólera ou qualquer outra excitação. Nessas ocasiões o elemento ardente do homem entra em atividade e os espíritos são atraídos por esse fogo.

(Nesta altura a carta ficou interrompida, por falta de força, mas dali a alguns minutos o comunicante tornou a fazer-se sentir).

Gostava de saber por que motivo eu a deixei subitamente? Retirei-me a fim de traçar um largo círculo de proteção em torno de nós ambos, pois vou-lhe comunicar algumas coisas que certos espíritos prefeririam que não dissesse.

Continuemos. Os espíritos aproximam-se do homem quando está excitado, exaltado, quando a sua vida emocional se acha intensificada. É isso que possibilita a concepção; é esse o segredo da inspiração; é por esse motivo que a cólera cresce com aquilo de que se alimenta.

É justamente este último ponto que quero tornar bem explícito. Quem se deixa subjugar pelo mau gênio, não imagina a infinidade de coisas que perde; entre outras perde o domínio de si mesma, permitindo assim que outra entidade passe momentaneamente a governá-la.

Este mundo subjetivo acha-se repleto de espíritos odientos. O seu maior prazer consiste em fomentar contendas e animadversões, tanto aqui, como na Terra. Gozam com a excitação colérica dos outros, regosijam-se com o veneno do ódio; do mesmo modo como certos homens se entregam inteiramente ao prazer da morfina, eles entregam-se a todas as paixões desarmoniosas.

A minha amiga antevê o perigo? Assim que uma pequena semente de cólera surge no seu coração, logo eles tratam de a alimentar e inflamar com o ódio que os corações deles contêm. Não se conclue daqui que a odeiam, individualmente, muitas vezes não terão mesmo interesse pessoal por você; mas agarrar-se-ão a você, temporariamente como vampiros, só para satisfazer a sua própria paixão maligna. É fácil citar outros exemplos.

O homem habituado a encolerizar-se ou sempre pronto a censurar os outros está inevitavelmente rodeado de espíritos malignos. Já tive ocasião de observar um homem, em torno do qual eles enxameavam, comunicando-lhe o seu ódio, a sua perversidade, por meio de magnetismo; para cúmulo de maldade, irritavam-no, novamente, quando ele, levado pela reação, já tinha serenado.

As vezes o interesse impessoal na simples contenda torna-se pessoal; um destes espíritos coléricos pode descobrir um homem que, sob a sua instigação satisfaça, constantemente, a sua vil paixão, entregando-se a todo momento às mais tempestuosas discussões, dando largas à sua ira e fazendo assim o seu algoz estremecer de júbilo. Constitue isto uma das piores desgraças que podem acontecer a uma pes-

soa. Se este estado de coisas for sempre num crescendo, pode-se tornar uma obsessão e levar à loucura.

A mesma lei é aplicável a outras paixões, igualmente repugnantes, tais como a avareza e a luxúria. Não se deixe subjugar pela luxúria, evite toda a atração do sexo que não contenha elementos do espírito ou do coração. Tenho visto coisas que prefiro não registrar, nem pela sua mão nem por outra qualquer.

Vejamos antes um caso de avareza. Presenciei o espetáculo repulsivo dum avarento a contar o seu dinheiro, e vi os olhares terríveis dos espíritos espreitando avidamente o seu menor movimento. O ouro, possui uma influência especial, além do seu poder de aquisição e de tudo que se lhe acha ligado. Há espíritos que amam o ouro como o avarento, com a mesma paixão avassalante, ambiciosa, que nada satisfaz. Como é um dos metais mais pesados, o seu poder é condensado e condensador.

Isto não significa que deva fugir do ouro. Não; pode fazer uso dele, porque é útil; mas não deve guardá-lo avaramente, nem pensar somente em acumular, acumular. Não é meramente o fato de possuir os símbolos da fortuna — casas, propriedades, ações e obrigações, ou mesmo uma pequena soma de dinheiro, que atrai os espíritos avarentos; contudo, aconselho-lhe a não amontoar moedas somente para as contemplar avidamente.

Os bons pensamentos são importantes, pois servem para atrair os espíritos poderosos. Mas provavelmente escolha os seus protegidos guiando-se pela sua afinidade com eles, e talvez a sua escolha seja acertada.

Já cumpro o meu dever, avisando-a das paixões e dos espíritos apaixonados que deve evitar; posso agora mencionar outros sentimentos e outros aliados espirituais do homem.

Deve já ter encontrado pessoas que parecem irradiar luz, cuja presença num quarto, por si só, a torna feliz.

“Já se lembrou de perguntar por quê? A resposta verdadeira seria que a sua encantadora disposição de espírito atrai em volta delas uma “nuvem de testemunhas” da alegria e da beleza da vida.

Tem-me acontecido muitas vezes deixar-me inundar, deliciado, pelos raios reconfortantes de certo coração que conheço na Terra. E ouvia os espíritos que se aglomeravam em torno dessa pessoa murmurar uns aos outros: “Que bem que se está aqui!” Julga que poderia acontecer qualquer desgraça a essa pessoa? Todos aqueles espíritos afeiçoados

e cheios de simpatia se esforçariam por avisá-lo do perigo que por ventura o ameaçasse.

Além disso, um coração contente atrai acontecimentos felizes.

A simplicidade e a humildade suave atraem fortemente os espíritos delicados. "Sede inocentes como as criancinhas e podereis entrar".

"Nunca reparou nas crianças que brincam com companheiros invisíveis? Chamá-los-ia companheiros imaginários. Talvez fossem, e talvez não fossem imaginários. É possível que o poder de imaginação sirva para criar ou para atrair coisas já criadas.

Tenho visto a própria Alma Misteriosa e Bela pairando em êxtase sobre uma criatura terrestre feliz.

Um canto de alegria que dimana dum coração cheio de júbilo pode atrair grande número de seres invisíveis que gozam tão intensamente como o cantor; pois, como já lhe disse, o som penetra até este mundo.

Nunca chore — a não ser que seja absolutamente necessário, para restabelecer o equilíbrio perdido. Contudo, os espíritos que choram são quase inofensivos por causa da sua fraqueza. As vezes, uma tempestade de lágrimas limpa e aclara a atmosfera da alma; mas durante a crise de choro, a atmosfera acha-se perfeitamente saturada de espíritos la-crimajantes. Se não fossem os soluços e o desgosto ruidoso da pessoa que sofre na Terra quase se poderia ouvir o gotejar das lágrimas através do véu de éter.

"Ria e o mundo rirá com você", é um ditado que talvez contenha muita verdade; mas também é mais que certo que quando chora **não chora sozinho**.

CARTA XLIV

O REINO ÍNTIMO

Há um ponto confuso que desejo aclarar, mesmo correndo o risco de ser apodado de "místico", por aqueles que consideram o misticismo como uma coisa confusa e ininteligível.

Já tive ocasião de dizer que a vida do homem é tanto subjetiva como objetiva, mas principalmente objetiva; e que a vida dos "espíritos" que habitam o mundo da matéria sutil é tanto subjetiva, como objetiva, mas principalmente subjetiva.

Contudo tenho dito que se vai sózinho ou acompanhado ao Céu, como se vai a um lugar qualquer. Quero explicar isto. Lembra-se das palavras de Cristo: "O reino do céu acha-se dentro de vós", quer dizer, subjetivamente. E também estas palavras: "Onde dois ou três se acham juntos em Meu nome, também Eu estou".

Ora esses lugares do reino sutil que eu denominei céus cristãos são na verdade lugares onde duas, três pessoas, ou segundo os casos, duas ou três mil pessoas se encontram juntas em nome Dele, a fim de gozar o **Reino do Céu** dentro de si mesmos.

A agregação das almas é objetiva — isto é, as almas existem no tempo e no espaço; o céu de que gozam é subjetivo, embora todos possam ver a mesma coisa, na mesma ocasião como, por exemplo, a visão Daquele que adoram como Redentor.

Não posso tornar isto mais explícito.

CARTA XLV

O JOGO DA ILUSÃO

Um dia encontrei um homem de gibão e calções que se me apresentou como sendo Shakespeare. Já estou habituado a estas declarações; não me espantam como há seis ou oito meses. (Sim, continuo a tomar conta dos meses, por causa dum certo objetivo a que me propuz).

Perguntei a esse homem se me podia fornecer alguma prova da autenticidade da sua pretensão, porém ele replicou que não era necessária prova alguma.

"A mim não me engana", disse eu, "porque sou um velho advogado".

Ele sorriu e perguntou:

"Por que não quiz ajudar-me nesta brincadeira?"

Conto-lhe esta história, um pouco destituída de senso, minha amiga, para lhe dar a amostra dum caso muito interessante que aqui se repete freqüentemente.

Numa das minhas cartas mencionei o meu encontro com uma senhora recentemente chegada, que, ao ver-me vestido com uma toga romana, logo imaginou que eu devia ser Cesar; eu apressei-me a desfazer o equívoco, declarando-lhe que aqui todos éramos atores. Queria eu dizer que, semelhantes a crianças, envergamos um "travesti" quando desejamos impressionar a imaginação ou reviver cenas do passado.

Em geral representamos estes papéis o mais inocentemente possível, embora a facilidade com que nos transformamos nos tente a iludir as outras pessoas, sobretudo as da Terra.

A minha amiga compreende, sem dúvida, ao que quero chegar. Os espíritos mentirosos de que os freqüentadores das sessões de Espiritismo tantas vezes se queixam, são nem mais nem menos que estes atores astrais que chegam mesmo a orgulhar-se da habilidade que evidenciam na sua arte.

Não se convença, ingenuamente, de que o espírito que pretende ser o seu avô, seja realmente esse respeitável ancião. Talvez seja, simplesmente, um ator que se lembrou de representar esse papel para se entreter a si próprio e à minha amiga.

Como se poderá distinguir o falso do verdadeiro? perguntará. Nem sempre se pode. Calculo, contudo, que a melhor prova da verdadeira presença é a convicção profunda, raciocinada que devemos sentir apoderar-se de nós nesse momento, e que nos demonstra a autenticidade do espírito invisível. O coração humano possui um instinto que nunca nos enganará se nos submetermos sem receio, sem idéias preconcebidas e sem desconfiança à sua decisão. Quantas vezes nos acontece, em assuntos mundanos, agirmos contra esse mentor íntimo, o que dá inevitavelmente como resultado a decepção e o descaminho!

Se se sentir instintivamente que uma certa entidade invisível — ou mesmo visível — não é o que pretende ser, é preferível cessar a conferência. Se for a pessoa verdadeira, e se tiver alguma coisa importante a dizer, tornará a visitá-la freqüentes vezes; pois aqueles a que chamam mortos desejam muitas vezes comunicar-se com os vivos.

Direi, contudo que esta mania de representar vários papéis, que todos aqui, mais ou menos temos, não obedece,

geralmente, ao propósito de iludir ninguém. Quase todos os homens aspiram ocasionalmente a ser uma coisa muito diferente de que são. O homem pobre que só numa noite dissipa o salário duma semana, envergando o seu melhor fato e fazendo as maiores extravagâncias a fim de o tomarem por milionário, obedece ao mesmo impulso, que inspirou o homem da minha história a asseverar que era Shakespeare. A mulher que dispõe de poucos meios e que contudo veste toilettes luxuosas representa uma comédia para si mesma e para o mundo.

Todas as crianças conhecem esta brincadeira. Afirmar-lhe-ão, muito convencidas que são Napoleão Bonaparte, ou Jorge Washington e, se os metem a ridículo, sentir-se-ão muito magoadas.

Quem sabe se o meu amigo, com pretensões a Shakespeare, foi um ator dramático amador na Terra? Se fosse um ator dramático profissional teria certamente declarado o seu nome mais ou menos conhecido, acrescentando que era o célebre Fulano.

Não imagina como aqui se orgulham, principalmente os recém-chegados, das profissões que exerceram na Terra, das honras que lá lhes foram conferidas. Tudo isto se vai desvanecendo pouco a pouco e por fim o nosso interesse em vez de se restringir só a nós, abrange tudo, visível e invisível.

Pelo fato de atravessar a fronteira do que chamam mundo invisível não se deve deduzir que os homens e as mulheres deixem de ser humanos. As características humanas até mesmo se tornam muitas vezes exageradas, pela ausencia quase total de restrições. A comunidade não inflige nenhum castigo pelo fato de personificarem outras pessoas. Ninguém toma a sério, porque o disfarce é demasiado transparente para o olhar mais perspicaz deste mundo.

CARTA XLVI

HERDEIROS DE HERMES

Têm-se dito muitas coisas sensatas e insensatas acerca dos Adeptos e dos Mestres que vivem e trabalham no plano astral. Eu próprio vivo agora e trabalho, às vezes, no cha-

mado plano espiritual. Eles nada mais são do que espíritos de certa elevação, que possuem em mais alto grau condições de bondade e sabedoria.

Sim, tenho encontrado aqui Adeptos — Mestres. Um deles, sobretudo, cujo interesse despertei desde o princípio, encarregou-se de ser o meu mentor neste mundo e tem-me ajudado a adquirir grande soma de conhecimentos.

Creia sem receio nos Mestres. Os Mestres são homens elevados ao mais alto poder; e quer estejam encarnados ou desencarnados, trabalham sempre neste plano de vida. Um Mestre pode entrar e sair à medida dos seus desejos.

Não, não vou explicar ao mundo o processo que eles empregam para isso. Os que não são Mestres talvez não resistissem a fazer uma tentativa e arriscar-se-iam seriamente a não voltar. O conhecimento constitui o poder, porém há certos poderes que, postos em prática sem conhecimento das causas e dos efeitos podem ser extremamente perigosos.

Todos os seres humanos podem aspirar à dignidade de Mestre, pois todos têm intimamente a potencialidade para esse fim. O que acabo de declarar deve servir de estímulo aos homens e mulheres que aspiram a uma intensidade de vida muito além da vulgar. Porém, a evolução que nos leva a assumir a dignidade de Mestre é muito lenta.

O meu Preceptor aqui é um Mestre.

Há aqui preceptores que não são Mestres, como há preceptores na terra que não têm a categoria de professores; mas todo aquele que ensina de boa vontade o que sabe, encontra-se no bom caminho.

O meu Mestre aprova plenamente a minha tentativa de comunicar ao mundo alguma coisa acerca da vida que se segue à mudança denominada morte. Se ele desaprovasse, inclinar-me-ia ante a sua sabedoria superior.

Não, o nome dele não vem ao caso. Quando me refiro a ele digo simplesmente: o Mestre, e quando posso, confio-lhe tudo o que ele diz e faz. Há muitas coisas que não lhe tenho relatado porque agora só posso vir ocasionalmente. E em breve, é provável que cesse as minhas visitas por completo. Sobretudo não pense que é por perder o interesse por você, minha boa amiga. Mas tenho de me sujeitar ao meu plano de vida, no qual parece estar assente que eu me afaste do mundo, a fim de aprender coisas, que só lograrei compreender se afrouxar um pouco os laços terrestres. Depois talvez torne a voltar pela segunda vez; mas não prometo nada.

Voltarei se puder, se me parecer sensato e se a minha amiga estiver disposta a isso.

Não me parece provável que venha a servir-me doutra pessoa — pelo menos para escrever cartas semelhantes. Teria certamente de submeter essa pessoa ao mesmo processo de treino ao qual submeti você; ora, estou convencido que poucas pessoas — mesmo antigos amigos — teriam confiança em mim até esse ponto. Peço-lhe, portanto, que não cerre a porta, inteiramente, durante a minha ausência, pois talvez necessite voltar de novo para lhe comunicar qualquer coisa importantíssima. Mas, ao mesmo tempo peço-lhe para me não chamar, a fim de não me obrigar a abandonar qualquer obra considerável que porventura tenha entre as mãos, ou qualquer estudo intrincado que depois seria difícil, senão impossível retomar. Não sei se a minha amiga conseguiria chamar-me, mas é, contudo, possível; ora, como tenciono deixar a vizinhança da Terra por minha livre vontade, não me convém que me arranquem do sítio para onde vou, antes de me considerar pronto para o regresso.

Há casos em que pessoas que ainda vivem na Terra evocam um amigo tão intensamente que essa alma, embora tenha ultrapassado os limites da atmosfera terrestre, se vê obrigada a voltar antes do tempo, para acorrer ao grito ansioso do amigo.

Não se esqueçam dos mortos, a não ser que eles possuam força suficiente para ser felizes sem o seu pensamento saudoso; porém não devem também tornar-se-lhes pesados.

Os Mestres, de que há pouco falei, podem conservar-se perto ou afastar-se conforme desejam; podem responder ou permanecer mudos: mas a alma vulgar é extremamente sensível à evocação dos entes queridos que deixou na Terra.

Já vi uma mãe acorrer ansiosa à oração dolorosa duma criança lavada em lágrimas, sem contudo conseguir dar-lhe a entender a sua presença. As mães andam, às vezes, muito desgostosas por não lhes ser possível tornar a sua presença presentida.

Vi uma vez o meu Mestre servir-se do seu poder para auxiliar uma mãe a ser vista e ouvida pela filha que continuava inconsolável e devorada por profunda mágoa. O meu Mestre tem um coração de ouro; sensibiliza-se extraordinariamente com os sofrimentos do mundo; embora afirme que não é um dos Cristos, o trabalho dele assemelha-se contudo ao trabalho dum Cristo. Noutras ocasiões todo ele é espírito.

Simboliza a tradição acerca de Hermes Trismegistus, três vezes grande — grande de corpo, grande de espírito e grande de coração.

O meu desejo era contar-lhe muito mais coisas a respeito do meu Mestre, mas ele não quer tornar-se muito conhecido na Terra. Trabalha pelo prazer de trabalhar e não para obter recompensa ou louvores.

Gosta imenso de crianças; lembro-me dum dia em que eu estava, invisível é claro, em casa dum amigo na Terra, quando um pequenino, o filho mais novo, caiu, se feriu e principiou a chorar aflitivamente; qual foi o meu espanto quando deparei com o meu Mestre, a quem tenho visto comandar «legiões de anjos», curvando-se solícito, na sua forma espiritual, a fim de consolar e animar a criança.

Quando lhe perguntei, mais tarde, por que motivo acorrera pressuroso em auxílio da criança, disse-me que conservava a recordação de várias infâncias suas em diferentes terras, e que se lembrava perfeitamente da acuidade da dor física e do abalo causado pela queda física.

Disse-me que as crianças sofrem mais do que os pais pensam; que a desorientação causada pela adaptação gradual a um corpo novo, frágil e em constante desenvolvimento, dá muitas vezes lugar a um sofrimento intenso.

Disse que o choro incessante de algumas criancinhas muito pequenas é devido à falta de coragem que, às vezes, sentem, ao desanimo causado pela tarefa hercúlea que os espera — pela tarefa de amoldar o corpo, por intermédio do qual o espírito poderá agir.

Contou-me a história duma das suas anteriores encarnações, antes de ter atingido a dignidade de Mestre; descreveu-me a luta que teve de sustentar para formar um corpo. Recordava-se mesmo dos mais pequenos detalhes dessa vida remota. Um dia, a mãe castigou-o por qualquer ação, que na realidade não tinha cometido, e quando ele negou a suposta má ação, ela censurou-o pela sua falta de verdade, pois não atingia — embora fosse boa mulher — a verdade essencial da alma a que tinha dado forma. Disse-me que a sua luta contra a injustiça derivava dessa impressão infantil, ressentida há séculos; foi assim que ele se tornou o amigo e Mestre da humanidade.

Fez-me notar igualmente a importância que para nós têm as recordações do passado; devemos fazer o possível por

nos recordarmos das nossas vidas anteriores, a fim de vermos os caminhos que as nossas almas trilharam.

Em geral, os grandes Mestres são pouco comunicativos acerca do próprio passado; só se referem a ele quando alguma das suas experiências pode esclarecer um princípio, auxiliando assim alguém a atingir e compreender esse princípio. Saber que um espírito que se elevou a tão extraordinária altura também passou pelas mesmas provações, constitui para uma alma inquieta e irresoluta, uma grande consolação e um forte incentivo.

CARTA XLVII

SOMENTE UMA CANÇÃO

Quer ouvir mais uma canção ou cântico como lhe aprouver chamar, daquele anjo surpreendente que denominei Alma Misteriosa e Bela?

“Por que receais interrogar-me? Estou sempre pronta a responder a todas as perguntas.

Embora as minhas respostas sejam freqüentemente dadas sob forma de símbolos, o que são as palavras senão símbolos?

Há algum tempo que não vos visito porque quando me sentis pairando perto de vós, não podeis pensar em mais nada, ora é necessário que penseis naqueles que trilharam o caminho que agora ides trilhando.

Podeis modelar os vossos caminhos pelos dos outros, porém ser-vos-á quase impossível modelar os vossos caminhos pelos meus.

Sou uma luz nas trevas — não necessitais saber o meu nome:

Um nome constitui uma limitação, e eu não desejo sentir-me limitada.

Nos antigos tempos dos anjos eu recusava-me a penetrar nas formas por mim criadas, a não ser para me servir de entretenimento.

Há aqui uma insinuação, se gostais de insinuações,
Aquele que se deixa prender por suas próprias criações
é um escravo. É essa uma das diferenças que existem entre
mim e os homens.

Qual é o pai terrestre que pode fugir aos seus filhos?
Qual é a mãe terrestre que nutre semelhante desejo?

Quanto a mim é diferente! Posso fazer florescer uma
rosa — e deixá-la depois para que outro goze do seu perfume.

Toda a minha alegria consiste no processo de criar.
Aborrecer-me-ia de permanecer junto da rosa até que as pé-
talas caíssem.

O artista que consegue esquecer as antigas criações pode
criar obras cada vez maiores e melhores.

Criar é que dá alegria; não nos devemos deixar prender
pelo que criamos. Oh! o encanto supremo de abandonar! É
um encanto que pertence aos deuses.

Há coletividades às quais me tenho revelado. Adoram-me.
Não me adoreis, porque não necessito de adoração.

Seria limitar-me às minhas próprias criações se neces-
sitasse alguma coisa das almas que presenciaram a minha
beleza.

Oh! o encanto supremo de abandonar!

E o encanto de persistir?

Sim, porque persistir numa obra até completá-la e tor-
ná-la perfeita, também possui um grande encanto.

Mas quando se completou a obra, quer seja um poema,
um amor, ou uma criança, abandonai-a.

Desse modo possuis novamente a liberdade e podeis prin-
cipiar outra obra. Constitue isso o segredo da eterna mo-
cidade.

Nunca olheis para trás com saudade; olhai somente pa-
ra conhecer o que lá ficou.

Olhai sempre para diante; quando o homem cessa de
olhar, cheio de esperança, para as coisas futuras, é sinal que
principia a envelhecer. Vai assentar definitivamente.

Eu disse que vivia no momento; significa a mesma coisa,
vista sob outra das suas muitas faces.

O presente e o futuro são companheiros de brincadeira;
não brincamos quando estudamos o passado.

Eu sou o grande companheiro de brincadeira dos ho-
mens."

AS DÁDIVAS INVISÍVEIS PELO NATAL

Ainda não é tarde para lhe desejar um Natal muito
feliz.

Como é que sei que é dia de Natal? Porque tenho anda-
do a visitar as casas dos amigos que costumava freqüentar,
e não me passaram despercebidas as árvores enfeitadas e
carregadas de presentes. Admira-se pelo fato de conseguir
vê-las? Nesse caso esquece-se de que iluminamos o lugar que
ocupamos. Quando sabemos como devemos olhar, podemos
distinguir o que se oculta sob o véu.

É o primeiro dia de Natal que passo neste mundo. Não
lhe posso enviar o presente material para seu uso próprio
ou para pendurar no seu quarto, mando-lhe, porém, os bons
desejos da praxe.

As mães que deixaram crianças pequenas no mundo sa-
bem perfeitamente quando o Natal se aproxima. Por vezes
levam dádivas invisíveis que conseguem modelar na matéria
sutil deste mundo, pelo poder da imaginação e do amor. Sei
de certa avó que passou toda a noite de ontem, véspera de
Natal, a espalhar flores em volta dos seus entes queridos.
O perfume deve ter penetrado através da atmosfera da Terra.

Nunca lhe aconteceu sentir, de súbito, um perfume sua-
ve, sem saber a que atribuí-lo? Talvez alguém que a amou
estivesse espargindo sobre a sua cabeça pétalas de flores in-
visíveis. O amor é mais forte que a morte!

Outra pessoa sua conhecida está prestes a vir para cá.
Fortaleça-a com a sua fé.

Aprovo plenamente o costume de celebrar o Natal, con-
tanto que não se esqueçam da verdadeira significação desse
dia. Para alguns significa a aparição do espírito da humil-
dade e do amor no mundo; o amor e a humildade já tinham
visitado o mundo antes da vinda de Jesus de Nazaré, porém
nunca desenvolveram tanto poder como dessa vez na Judéia.
O fato do estábulo de Belém ser uma realidade física ou um
símbolo não altera coisa alguma.

Fui aos Céus do Cristo e contemplei a sua beleza. "Na
casa de Meu Pai há muitas mansões".

Um viajante como eu, que deseja ir a um céu especial
tem de sentir previamente o que as almas sentem nesse céu,

o que nele gozam; então poderá entrar e partilhar da mesma ventura. Como simples curioso nunca lhe seria franqueada a entrada. É por esse motivo que, em geral, tenho evitado os lugares umbralinos e preferido os mais felizes.

Já fui também ao Purgatório, ao Purgatório dos Católicos Romanos. Não zombe dos que mandam dizer missas para assegurar a paz das almas. É uma maneira de lhes mostrar que se lembram delas, que a maior parte das vezes não lhes passa despercebida. Ouvem a música e talvez até sintam o cheiro do incenso; o que sentem sobretudo é o poder do pensamento que lhes é dirigido. O Purgatório é verdadeiro no sentido de constituir uma experiência verdadeira. Se quiser, chame-lhe um sonho; há sonhos, todavia, que às vezes são terrivelmente verdadeiros.

Mesmo os que não acreditam no Purgatório vagueiam muito tempo, imersos em profunda tristeza, antes de se adaptarem às novas condições de vida. Se lhe dissessem que estavam no Purgatório talvez negassem a existência de semelhante estado; contudo não deixariam de confessar que se sentem invadidos por uma extrema desconsolação.

A maneira mais segura de escapar ao período penoso da transição é penetrar no outro mundo cheios de fé na imortalidade, cheios de fé no poder que a alma possui de criar as suas próprias condições.

Na noite passada visitei vários lugares na Terra e em seguida dirigí-me a um dos céus cristãos mais elevados. Em qualquer outra ocasião talvez não me tivesse sido possível penetrar tão facilmente; porém o meu coração transbordava de amor pelos homens e o meu espírito achava-se todo impregnado da *idéia* de Cristo.

Já vi várias vezes a representação do que chamam o Salvador dos homens, e ontem à noite vi em todo o esplendor da Sua beleza. Ele também esteve no mundo algum tempo.

Não sei se me faço compreender. O amor pelo Cristo nunca cessa no mundo, porque há sempre corações que o conservam vibrante. Se a *idéia* do Cristo, como Redentor principiasse a enfraquecer no mundo, Ele voltaria, provavelmente, de novo, a fim de reacender a chama nos corações humanos; mas digam o que disserem os autores de estatísticas, nunca essa *idéia* teve mais vigor do que atualmente. Talvez desse unicamente mais que falar.

O mundo não se acha em tão mau estado como muitos pensam. Não se admire se houver uma intensa renascença da *idéia* espiritual. Todas as coisas têm os seus ritmos.

Na noite passada estive numa grande igreja onde centenas de cristãos ajoelhavam-se imersos na adoração de Jesus. Quando era homem assisti muitas vezes na igreja à celebração da festa da véspera do Natal; porém ontem vi coisas que nunca tinha presenciado. Onde dois ou três se juntam, em nome de qualquer profeta, é, absolutamente, certa a presença desse profeta entre eles, se não em corpo espiritual, pelo menos em intensa simpatia.

Os anjos dos céus cristãos sabem como o Natal é celebrado na Terra.

O Jesus Nazareno é uma realidade. Existe no espaço e no tempo, como um corpo espiritual, como Jesus que viveu na Galiléia; como Cristo como o paradigma do homem espiritual existe nos corações de todos os homens e mulheres que despertam essa *idéia* neles mesmos. É uma luz que se reflete em muitos lagos.

Escrevi há dias acerca dos Adeptos e dos Mestres. Jesus é o tipo do maior Mestre. É venerado em todos os céus. Compreendeu a Lei, ousou vivê-la, exemplificá-la. E quando Ele disse, "O Pai e eu somos um", indicava o caminho pelo qual os outros homens podiam atingir a dignidade de Mestre.

A humanidade tem produzido muitos Mestres durante o seu longo percurso. Quem ousará então por em dúvida a justificação da humanidade? Se alguém quizer saber o objetivo da vida, diga-lhe que consiste, justamente, na evolução do homem para Mestre. A Eternidade é longa. Cada unidade possuindo força suficiente deve ter este propósito em vista; todos aqueles que não são competentes para dirigir, podem servir.

As cenas de ontem à noite sugeriram-me este pensamento. Não ousou afirmar que cada unidade na grande massa seja bastante forte, possua energia suficiente para evoluir e atingir individualmente a dignidade de Mestre; porém todas as unidades, mesmo as mais fracas, podem cooperar, pouco que seja, na grande obra que consiste em fazer dos homens — Mestres. Quem serve, também sente prazer; também é recompensado.

A maior parte dos espíritos que lutam com o problema da evolução sucumbe ao grande erro de não compreenderem que a Eternidade é a Eternidade, que a imortalidade significa: sem princípio nem fim. Há muito tempo para evoluir; se não for neste ciclo, será no seguinte; porque o ritmo é certo.

Se eu lhe pudesse fazer compreender a idéia da imortalidade, segundo o meu ponto de vista! Só quando para aqui vim, só quando me foi dado examinar, detalhadamente o meu passado, é que se me fez inteira luz no espírito. A minha razão dizia-me que era imortal, mas eu ignorava a significação da imortalidade. E a minha amiga saberá?

Conheço um anjo que se tem esforçado talvez mais do que muitos profetas por fazer vigorar essa idéia no mundo. Antes de encontrar a Alma Misteriosa e Bela não me tinha sido revelado o grande triunfo da imortalidade. Há alguém que brinca com a imortalidade como uma criança com melindres.

Quando a Alma Misteriosa e Bela diz: "Existo", logo sabemos que existimos também. Quando a Alma Misteriosa e Bela diz: "Desfolho os séculos como uma criança desfolha um malmequer e espalho as sementes para que brotem mais malmequeres cujas pétalas são séculos", nem posso explicar o que sentimos; não existem palavras que possam exprimir a sensação que sentimos pela alegria que a vida infinita causa à Alma Misteriosa e Bela.

Votamos ao esquecimento a coisa de carne e osso que consideravamos a nossa personalidade, quando esta parcela de imortalidade consciente exulta pela sua própria existência.

Quando a Alma Misteriosa e Bela nos leva a passear pelo que ela chama, "o campo de trevo dos céus", ficamos convencidos de que todos somos simultaneamente herdeiros dos imensos bens eternos.

A Alma Misteriosa e Bela conhece muito bem o Cristo dos Cristãos. Penso que a Alma Misteriosa e Bela conhece muitos dos grandes benfeitores da humanidade. Todos eles ensinavam a imortalidade sob formas diferentes, embora só em essência.

A Alma Misteriosa e Bela acompanhou-me ontem ao Céu mais elevado dos cristãos. Se lhe contasse tudo o que se deparou ao meu olhar deslumbrado, ficaria ansiosa por ver também; ora como a minha amiga deve permanecer ainda muito tempo na Terra, decido não lhe contar nada. Durante a sua estada na Terra deve já esforçar-se por compreender a significação da imortalidade e ensinar aos outros a compreendê-la igualmente.

Já lhe descrevi os céus inferiores freqüentados pelas pessoas simplesmente boas; porém os adoradores apaixonadamente fervorosos de Deus atingem alturas de contemplação

e de êxtases impossíveis de definir pelas palavras das línguas mundiais. Enquanto a minha amiga se achava imersa em profundo sono, tive eu ontem à noite a suprema ventura de sentir esse êxtase, na companhia divina da Alma Misteriosa e Bela.

Onde estarei eu na próxima véspera de Natal? Algures no universo, pois mesmo que o tentássemos, não poderíamos sair do universo. O universo ficaria incompleto sem nós, não poderia continuar a existir. Que este pensamento a acompanhe no Novo Ano.

CARTA XLIX

O GRANDE PAÍS DO SONHO

Já há tempo que não a visito, porque me submeti a uma experiência.

Um dos meus ideais desde que para cá vim era imitar certas almas que tenho visto jazendo num estado de ventura subjetiva, de sonho, por assim dizer; era uma sensação que eu desconhecia e que desejava experimentar: isolar-me durante alguns dias no meu ego íntimo. O que me levava a hesitar era o meu receio que o sonho durasse demasiado, fazendo-me assim perder um tempo precioso — tanto à mim como à minha amiga.

Um dia falei nisso ao meu Mestre; comuniquéi-lhe o meu ardente desejo de visitar o país de sonho existente no meu cérebro, e ao mesmo tempo o meu receio de que o despertar tardasse muito; ele porém prometeu que viria acordar-me ao cabo de sete dias do tempo terrestre, se por acaso eu ainda não tivesse despertado antes disso.

"Sabe", disse ele "que pode criar um despertador no seu cérebro, digno de toda a confiança?"

Isto já eu sabia por experiência própria; mas temia que o sono psíquico fosse mais profundo do que o sono vulgar terrestre e que o despertador, portanto, não me acordasse à hora marcada.

Ouvi muitas vezes comentar, e a minha amiga, provavelmente, também, o fato dos espíritos falarem tão pouco

acerca da sua vida celeste, quando alguma vez se comunicam com os seus amigos da Terra. Calculo que isso se deva atribuir à convicção de não serem compreendidos se tentassem descrever a sua existência, tão diferente da que levam na Terra.

A maior parte das almas, quando aqui estão há algum tempo, deixam-se invadir por esse estado de "rêverie", de sonho, que eu tanto desejava experimentar. Algumas almas despertam de vez em quando e evidenciam um certo interesse pelas coisas e pelas pessoas da Terra; mas se o sono for profundo, e se a alma não ligar importância às coisas terrestres, esse estado sub-consciente pode durar anos e mesmo séculos. Porém, uma alma que permanecesse adormecida durante séculos, estaria provavelmente vivendo segundo o longo ritmo, o ritmo normal da humanidade.

De modo que, quando eu me deixei invadir pelo sono profundo, tomei a precaução de me submeter a um encanto especial que me não permitisse dormir além dum certo e determinado tempo.

Oh! quão maravilhoso é esse país de sonho do meu cérebro! Os teósofos diriam, talvez, que eu tinha repousado na bemaventurança do Devachân. O nome que lhe derem é indiferente. Foi uma experiência que me ficou gravada na memória.

Cerrei os olhos e entrei no recinto mais profundo do meu ser, mais profundo do que o pensamento, onde as ondas inquietas da vida se imobilizam, onde a alma se encontra frente a frente consigo própria e com todos os encantos do seu passado. Esse sono é infinitamente suave. A estada no país do sonho constitue uma aventura incomparavelmente bela, quando se revivem os sonhos, como eu revivi.

Entre com o intuito de gozar, e gozei plenamente. Encontrei o simulacro de todos aqueles que eu tinha amado. Sorriam-se para mim e eu compreendi o mistério que os envolvia e o motivo porque fôramos impelidos uns para os outros.

Encontrei também os meus velhos sonhos de ambição e gozei do fruto de todo o meu trabalho na Terra. O mundo íntimo da alma é um mundo róseo, perfumado, onde sempre encontramos a realização do desejo mais fervente do nosso coração. Não admira que a vida árdua da Terra constitua, geralmente, um período doloroso e penoso, porque a vida de sonho que se lhe segue é tão bela, que é necessário manter o equilíbrio.

Repouso! Na Terra ignoram a significação dessa palavra. Descansei só sete dias, mas bastou isso para me dar vida nova; se não fosse a idéia de conquistar outros mundos, sentia-me quase com coragem para encetar outra vida na Terra.

Quem vive a vida penosa à luz do sol, não se deve esquecer do repouso. Cada hora de verdadeiro repouso aumenta a sua capacidade de trabalho. Não tenha receio. Deitar-se e sonhar não é desperdiçar tempo. A Eternidade é longa, como já tive ocasião de dizer. Há tempo para descansar nas pousadas que se acham semeadas no atalho trilhado pelos ciclos.

Se lhe apetecer um longo repouso devachânico — não se faça rogada. Se assim o desejar, pode mergulhar nesse descanso mesmo aí na Terra. Não se entregue constantemente a estudos, mesmo de literatura. Saia, brinque com os esquilos ou estenda-se ao pé da chaminé e sonhe acompanhada pelo gato. O gato, também, tem diferentes ocupações de que goza igualmente; tão depressa se sente bem perto do calor brando do lume, como lhe apetece caçar ratos. Nem ele, nem a minha amiga podem andar constantemente a caçar.

Experimente um dia destes mergulhar no devachân e verá como se sentirá ativa e refrescada quando emergir dele. É possível que, sem saber, empregue mal a palavra "devachân", pois nunca tive conhecimentos profundos de semelhante estado.

Ouvi descrever o Nirvana como sendo um estado de movimento rápido, tão intenso que chega a parecer imobilidade, como o girar infrene do pião, ou o movimento das asas do beija-flor. Mas o Nirvana não é para todos os homens — pelo menos por enquanto.

Aludi somente às maravilhas dos meus sete dias de descanso bemaventurado, mas não os descrevi. Como me seria possível? Houve um grande poeta que declarou não haver pensamentos nem sentimentos que não pudessem ser expressos pela palavra. Talvez já tenha mudado de opinião, depois de estar aqui perto de sessenta anos.

Quando mergulhei no sono do repouso, ordenei à minha alma que me trouxesse todos os sonhos passados. Não sei dizer, é claro, se algum sonho terá escapado, do mesmo modo como a minha amiga, ao despertar de manhã, não pode afirmar se se esqueceu ou não, das experiências mais profundas, passadas durante a noite. Mas quando regresssei à vida

normal deste plano, chamado astral, sentia-me como um explorador que volta duma viagem estranha, com imensas histórias maravilhosas para contar. Porém eu não as contei.

A quem havia de narrar estes sonhos, estas visões? Não desejo tornar-me maçador, nem mesmo a companheiros “desencarnados”. Se o Leonel cá estivesse é possível que lhe contasse as minhas histórias; passaríamos assim muitas horas agradáveis numa palestra amena; porém agora não posso contar com ele.

Falando do Leonel, parece-me que ele de pouco ou nenhum repouso devachânico gozou.

Seria devido à sua extrema mocidade quando para cá veio? Não teria ainda esgotado o ritmo normal? Provavelmente. Se tivesse permanecido, se tivesse esperado até ser homem, talvez também houvesse procurado o mundo íntimo mais profundo. Mas não quero fazer deduções, pois só me limito a registrar experiências. Se achar que vale a pena, tem toda a liberdade de deduzir e de fazer especulações de lógica.

Encontrei no meu país de sonho um rosto delicioso, encantador. Não, não lhe direi nada a esse respeito; é um pequeno segredo. Vi muitas fisionomias, é claro, mas uma distinguia-se de todas as outras pela sua beleza, e não era a Alma Misteriosa e Bela. Essa só encontro quando estou bem acordado. Não foi a presença verdadeira que vi durante o meu sono, foi só um simulacro. No país mais íntimo do sonho só vemos o que existe no nosso cérebro. As coisas verdadeiras não existem, é unicamente a recordação, a imaginação delas que se nos depara.

A imaginação cria obras no nosso mundo, como no seu; chega mesmo a modelar na substância sutil; parece-me, contudo, que no país do sonho não modelamos em substância. É um mundo constituído de imagens de luz e de sombra, demasiado sutil para se poder descrever.

Antes desta experiência já tinha revivido as memórias do meu passado; mas não gozei a este ponto, nunca cheguei a evocar a luz e a sombra. Mas, para que estou eu a falar?! Não há palavras que possam descrever as minhas sensações.

Pode-se lá descrever o perfume duma rosa? disse à minha amiga uma vez. Pode-se lá descrever a sensação dum beijo? Seria mesmo possível descrever nitidamente a emoção causada pelo medo, de modo a dá-la a entender, perfeitamente, a alguém que nunca a tivesse sentido, nem nesta

vida, nem na outra? Acho-me em idênticas circunstâncias, para explicar o processo do sonho espiritual.

Por mais profundamente que a minha amiga goze pela imaginação, pela memória, enquanto aí estiver, creio poder asseverar-lhe que esse gozo não será senão a sombra da sombra do que eu senti durante estes sete dias, não será senão o reflexo do reflexo dum sonho verdadeiro. O reflexo dum reflexo! Gosto dessa expressão. Sugere uma imagem clara, sem contudo dar uma impressão direta. Tente, portanto, sonhar, mesmo aí na Terra, e talvez obtenha um reflexo do reflexo das alegrias que se desenham no país espiritual do sonho.

CARTA L

UM SERMÃO E UMA PROMESSA

Visto que a tenho visitado fielmente durante alguns meses, e que lhe tenho contado várias histórias para a entreter, permite-me que agora lhe venha pregar um sermão? Prometo que não serei extenso.

A minha amiga vive num país onde as agulhas das torres das igrejas trespassam o azul do céu, assemelhando-se, quando vistas das nuvens, às lanças em riste dum exército invasor — esta comparação afinal, não se afasta muito da verdade; de tudo isto deduzo que a minha amiga deve estar habituada a ouvir sermões. O sermão, em geral, é uma preleção abundante em conselhos, e o meu, desde já lho digo, não vai constituir uma exceção à regra. Desejo aconselhá-la, a você e a todos que queiram escutar os meus conselhos.

Não me negará, certamente, a minha competência em dar conselhos, visto se me terem oferecido oportunidades desusadas de adquirir um conhecimento preciosíssimo. Para a auxiliar a viver mostrar-lhe-ia o ponto de vista dum observador, sério e pensador, embora imperfeito, dos efeitos resultantes das causas postas em ação pelos habitantes da Terra. Diz-se que a causa e o efeito são opostos e iguais. Muito bem. Agora desejo chamar-lhe a atenção para certos exemplos desse axioma, que foram sugeridos ao meu espí-

rito durante os últimos meses. Se repetir uma ou duas coisas já ditas, não tem importância. Talvez já se tenha esquecido delas ou não as soubesse aplicar ao seu objetivo que consiste em se preparar para a vida futura, que a espera do lado de cá do abismo da morte. "O abismo da morte" constitui uma antiqüíssima figura de retórica; porém, como estou escrevendo um sermão, e não um poema, não devo enganar a expectativa do público, que sempre espera ouvir ribombar do púlpito fatos bem conhecidos.

Os pregadores esforçam-se por lhe lembrar amiudadas vezes que lá virá um dia em que terá de pagar o seu tributo à morte. Compreende o que isso quer dizer? Sabe se a sua consciência se rende à evidência de que a todo momento — amanhã ou daqui a cinqüenta anos — pode ser arrancada desse corpo a cuja força de coesão se habituou; que se encontrará só ou acompanhada num âmbito muito diferente, envergando um novo corpo tênue, muito leve e difícil ao princípio de dirigir, de manejar, destituída dum poder certo que lhe permita comunicar-se com os amigos e parentes que neste mesmo instante se encontram com você na sala?

Não atingiu toda a profundidade desta sentença? Então deixe a sua consciência ensinar-lho. Ponha em ação ambos os hemisférios do seu cérebro. Finque nesse estudo as garras do seu espírito. **Vai morrer.**

Oh! não se aflija! Não a designo a você pessoalmente, não afirmo que a minha amiga, ou qualquer outra pessoa, está irrevogavelmente condenada a morrer amanhã ou no próximo ano; mas um dia morrerá fatalmente; ora, se se lembrar disso, de vez em quando, o abalo será menos doloroso quando soar a hora decisiva.

É preciso que o pensamento da morte a não faça cismar. Deus me livre que as minhas palavras ásperas lhe comuniquem essa sensação mórbida, que se deve evitar a todo o custo. Mas esteja preparada. Tome a precaução de segurar a sua vida em bastante dinheiro, a fim de deixar a sua família ao abrigo da necessidade, mas não trate de segurar a futura paz do seu próprio espírito, no que lhe diz respeito a si mesma.

Lembre-se sempre do seguinte: por muito detalhadas que sejam as suas instruções acerca da direção dos negócios depois da sua morte, veria depois, se conseguisse voltar invisível à Terra, que alguém as arranjava a seu modo, desprezando as suas prescrições. Habitue-se portanto a considerar isso como inevitável, como uma coisa a que se não

pode dar remédio e aprenda a dizer: "Que mal faz?" Aprenda, pois, a considerar o passado como **passado**: convença-se de que só o futuro lhe reserva possibilidades e que quanto mais depressa transmitir a outras pessoas a gerência dos negócios que abandonou na Terra, melhor será para a sua tranquilidade. Prepare-se para **abandonar**. Esta é uma das coisas essenciais que quero incutir no seu ânimo.

Não penetre na sua nova vida com o olhar atraído igualmente pelos planos celestes e pelas imagens da Terra. Nesse caso pouco adiantará. Abandone tudo. Liberte-se do mundo o mais depressa possível.

Haverá talvez pessoas que achem este conselho desanimador, porque um espírito sensato, ao olhar da sua esfera elevada para a Terra, pode influenciar os homens e as mulheres, para o bem, pelas suas sugestões sutilmente insinuadas. Porém há sempre milhares de pessoas ansiosas por fazer isso. As almas que desejam intrometer-se nos assuntos relativos à Terra enxameiam nos céus; há só a dificuldade da escolha, almas que não se resolvem a abandonar, que encontram um encanto especial no hábito de dirigir os negócios das outras pessoas, deixando-se fascinar por esse hábito como pelo vício do tabaco ou do ópio. Não me torne a chamar duro. Tenho uma maneira áspera de falar, mas amo os homens da Terra. Se a magoo, é para o seu bem.

Tratemos agora doutro ponto muito interessante. Se lhe for possível esqueça-se dos pecados que cometeu em vida. Não pode escapar aos efeitos dessas causas; mas pode evitar o reforçamento dos laços que a prendem ao pecado, pode, evitar a auto-hipnotização produzida pela idéia de ser pecadora, que a leva a visitar a Terra continuamente.

Não deve cismar sobre o pecado. Não há dúvida que, se se preocupar incessantemente com o pecado, a ponto de desgostar a sua alma, pode assim esgotar o impulso para o pecado; mas isso constitui um processo moroso e desagradável. O atalho mais curto do esquecimento é preferível.

Quero agora exprimir uma idéia muito difícil de explicar, por ser inteiramente nova para a maior parte das pessoas. É o seguinte: O poder da imaginação criadora é mais forte nos homens que ainda têm os corpos materiais do que nos homens (espíritos) que puzeram de parte esses corpos. Poucas são, porém, as pessoas que sabem fazer uso desse poder; em geral, ignoram-no em absoluto; o que eu quero acentuar é que *podem* fazer uso dele. Um corpo sólido constitui uma base resistente, uma alavanca poderosa, por meio

da qual a vontade pode projetar as coisas evocadas pela imaginação. É essa, julgo eu, a verdadeira razão por que os Mestres conservam os seus corpos físicos. O espírito evoluído, envolto em matéria tênue do nosso mundo é mais forte que o espírito não evoluído envolto na matéria grosseira; porém o Mestre, mesmo com corpo material pode comandar uma legião de anjos.

(Ele disse que naquele mundo criavam livremente, graças à imaginação criadora, mas devemos-nos lembrar de quão tênue e facilmente manejável é a matéria que empregam. Nota da Editora).

Isto serve de prefácio à asserção de que a sua vida futura será como a imaginou na Terra, limitada, é claro, pelo poder com que impele a vontade e pela possibilidade da matéria sutil se amoldar à forma que lhe quizer dar, possibilidade esta que é quase ilimitada.

Imprima à sua vontade o desejo intenso de evoluir depois da morte, e evoluirá; de aprender, e aprenderá; de voltar à Terra depois de algum tempo para se encarregar dum trabalho especial, e regressará à Terra para encetar esse trabalho.

O Karma é uma lei de ferro, não há dúvida, mas fostes vós, ó homens! que criastes o karma.

Sobretudo não espere pois seria o mesmo que exigir, a inconsciência e o aniquilamento. Não pode aniquilar a unidade de força que você é, mas pode adormecê-la, durante séculos, graças à auto-sugestão. Se sair da vida determinada e conservar a consciência de si própria, consegui-lo-á.

Quando chegar a sua vez, entrará no repouso denominado devachân, por certa escola do pensamento; porém, isto não acontecerá logo após a sua entrada neste plano.

Quando, finalmente, atingir esse estado, deve reviver em sonhos a sua vida terrestre anterior e assimilar a experiência nela adquirida; mas nessa altura já se terá libertado do desejo de compartilhar, na qualidade de espírito, das vidas dos que deixou no mundo.

Enquanto estiver na Terra não invoque sem critério os espíritos dos mortos. Talvez a sua invocação tenha poder suficiente para os arrancar a qualquer ocupação importante, obrigando-os a atendê-la de má vontade. (1). (vide rodapé)

Minha boa amiga, quero agradecer-lhe o nunca me ter chamado. Deixa-me sempre vir quando me convém, permiti-

(1) — (Vede MONTEIRO LOBATO e o Espiritismo).

te-me dizer tudo quanto desejo, sem dar origem a confusões, por meio de perguntas ou comentários.

Vós que ainda estais na Terra, quando abandonardes esse mundo, talvez, encontreis os vossos amigos falecidos, se eles ainda não tiverem retomado novo corpo. Entretanto, deixai-os desempenhar a tarefa inerente à sua nova situação.

Minha amiga recorda-se que ainda ignorava a minha morte quando a visitei pela primeira vez. Encontrei-a num momento de passividade e escrevi uma mensagem assinada por um símbolo, cuja significação especial lhe era desconhecida; mas eu sabia que seria imediatamente reconhecido por aqueles a quem, provavelmente, iria confiar o inesperado acontecimento. O princípio foi muito feliz, porque lhe inspirei logo confiança na genuinidade das minhas comunicações.

Mas é verdade, eu disse que esta noite só escreveria um sermão; lanço portanto a minha benção e vou-me embora. Voltarei, descanse. Ainda não é a última entrevista.

DEPOIS

Mais uma palavra antes de principiar a outra obra.

Se me tivesse chamado, urgentemente, durante a semana que passei a repousar, teria talvez tido o poder de me arrancar a uma experiência interessantíssima e extraordinariamente valiosa. Por conseguinte aqui vão as últimas palavras, depois da benção deste sermão: Nunca insista egoisticamente, mesmo com aqueles a quem chamamos mortos.

Se necessitar realmente de auxílio, as almas que a amam, senti-lo-ão e procurá-la-ão de seu motu-próprio. Podia citar inúmeros exemplos, passados na vida terrestre, entre aqueles cujos poros psíquicos se acham entreabertos. (1)

CARTA LI

A PRIMAVERA - DO - MUNDO

Depois de lhe ter dito na semana passada que deve morrer, segundo a linguagem do mundo, quero agora afirmar-

(1) — Vede MONTEIRO LOBATO e o Espiritismo.

-lhe que na realidade nunca morre; quero convencê-la de que é imortal como os anjos, imortal como o próprio Deus.

Não, não é uma contradição.

Já falei acerca da imortalidade: constituiu sempre o meu tema favorito; e então desde que me foi dado contemplar e ouvir a Alma Misteriosa e Bela, mais do que nunca essa consciência triunfante da imortalidade tomou posse de mim.

A Alma Misteriosa e Bela vive na Eternidade, do mesmo modo como nós julgamos viver no tempo. Quer escrever mais um cântico dimanado desse espírito divino?

“Quando me vedes pairando nas árvores verdes e na luz matizada de tons verdes, sabeis que vos encontráreis perto de mim.

Quando ouvís a minha voz no silêncio, sabeis que falo para vós me ouvirdes.

O imortal adora falar com a parte imortal do mortal; causa uma alegria superior despertar a alegria que dormita no coração duma alma da Terra.

Quando o júbilo despertou, a alma também despertou.

Procuráreis Deus nas formas dos homens e das mulheres e quantas vezes lá o encontráreis...

Mas a mim procuráreis-me na vossa própria alma; quanto mais profundo o olhar, mais encantadora será a visão.

Sim, eu estou na Natureza e estou dentro de vós, quando me procuráreis aí.

Porque a Natureza é dual, e vós possuís metade dela no vosso íntimo.

Todas as coisas são unas e duais — mesmo eu, e é essa a razão porque me podeis encontrar.

Oh! como a liberdade é encantadora! Como é bom vagar segundo os nossos desejos em volta da Terra e do Céu, e penetrar através das almas dos homens!

Sou mais leve do que a lanugem do cardo e contudo sou mais perseverante do que as estrelas.

O que é permanente é impalpável e só o que é impalpável é perseverante.

A estrada que conduz ao castelo dos sonhos não é longa; o que é longínquo acha-se mais perto do que aquilo que temos à mão, mas só o sonhador é que o encontra.

Quando o trabalho é leve, a remuneração é certa; quando os dias são penosos, a recompensa será tardia.

Mostrai-vos contente e eu vos recompensarei.

Eu podia escrever o meu nome nas folhas do vosso coração, mas só os anjos conseguiriam lê-lo.

Aquele que traz o meu nome desconhecido nas pétalas do seu coração é bem vindo pelos anjos na sua qualidade de flor; o seu perfume eleva-se até ao Céu.

Filho da Terra, há polen no coração, que frutifica as flores da fé.

Filho do tempo, há fé na alma, que possui as sementes de todas as coisas.

As estações vêm e as estações vão, mas a primavera é eterna.

Encontro em vós aquilo que se perdeu na primavera do mundo.”

CARTA LII

UM VIÚVO FELIZ

Encontrei uma noite destas uma mulher encantadora, inteiramente diferente das que até agora tenho visto. Não deixava de ser mulher pelo fato de pesar talvez só um miligrama em lugar de sessenta quilos.

Ia eu a passar por uma estrada solitária, quando deparei com ela, encostada a uma fonte. Quem teria criado aquela fonte? Ignoro. Há neste mundo escultores que, só pelo amor da arte, modelam fontes muito mais belas do que as que os seus escultores modelam por amor do dinheiro. Pense na alegria do artista ao executar a sua obra! Não constituirá isso, por si só, o céu?

Vi uma mulher linda encostada a uma fonte; como amo a beleza, seja nas mulheres, seja nas fontes, parei a fim de as contemplar, à mulher e à fonte.

A mais bela das duas olhou para mim e riu-se.

“Desejava justamente que alguém aparecesse para conversar”, disse ela. “Como este mundo é maravilhoso!”

“Folgo muito em saber que é essa a sua opinião”, respondi. “Também não estou de acordo com a velha que afirmou que era exagerado o valor que se dava ao Céu”.

“Não se lembra de mim?” perguntou ela.

“Não, não me lembro. Já nos encontramos alguma vez?”

“Certamente. Se fizesse um esforço, com certeza que se lembraria”.

E, com efeito, lembrei-me de quem ela era. Tínhamos encontrado há alguns anos, durante uma das minhas viagens a New York, e conversamos acerca dos mistérios da vida e da morte, da vontade e do Destino.

“Experimentei muitas das coisas de que o senhor me falou”, continuou ela, “e tudo me saiu verdadeiro”.

“Que coisas, por exemplo?”

“A primeira e mais importante: o homem pode criar o seu ambiente”.

“Nada mais fácil de demonstrar aqui”, repliquei. “Há quanto tempo se encontra neste mundo?”

“Só há alguns meses”.

“E como veio para cá?”

“Morri de alegria”.

“Foi uma morte agradável e desusada”, disse eu sorrindo. “Como aconteceu isso?”

“O médico disse que eu morri duma síncope cardíaca. Havia alguns anos que eu desejava uma certa coisa e quando de repente o meu desejo foi satisfeito, não pude suportar tamanha ventura”.

“E depois?”

“Percebi subitamente que tinha perdido o corpo por meio do qual poderia ter gozado daquela coisa que, finalmente, tinha obtido”.

“E então?”

“Lembrei-me de que eu não era o meu corpo, mas sim a minha consciência; portanto enquanto a consciência permanecesse intacta, também eu ficaria intacta. Continuei, pois, a gozar daquilo que tinha obtido”.

“Sem saudades?”

“Sim, sem saudades”.

“É realmente uma filósofa”, declarei. “Não me quero tornar importuno, mas interessar-me-ia imenso ouvir a sua história”.

“Muitas pessoas acha-la-iam absurda”, respondeu ela, “mesmo eu a acho esquisita, às vezes. Eu sempre tinha desejado dinheiro, uma grande quantidade de dinheiro. Um dia morreu certa pessoa, legando-me uma fortuna. Foi essa alegria que me matou.

“De que modo goza da sua fortuna aqui?”

“De várias maneiras. O meu marido e eu tínhamos projetado fazer uma casa linda — quando tivéssemos dinheiro. Tínhamos planejado também viagens aos países mais interessantes do mundo. Dois ou três amigos nossos que se dedicavam a criar a beleza na arte viam-se contrariados na execução das suas obras magistrais por falta de meios. Agora, o meu marido, como meu único herdeiro, tomou posse imediata da fortuna e eu gozo de tudo com ele e por intermédio dele, absolutamente como se ainda vivesse, materialmente, junto dele”.

“Ele presente a sua presença?”

“Presente. Tínhamos prometido mutuamente que não nos separaríamos nem na vida, nem na morte. Cumpri a minha promessa, e ele sabe que a cumpri”.

“Onde está ele agora?”

“Anda a viajar”.

“Sozinho?”

“Sozinho, não contando comigo”.

“Qual é o país que agora visita?”

“O Egito”.

Aproximei-me.

“Pode mostrar-mo?”

“Julgo que sim. Venha comigo”.

É escusado dizer que não esperei por segundo convite.

Encontramos o marido — um belo rapaz de trinta anos, pouco mais ou menos, — sentado sozinho num aposento lujosamente mobiliado, no Cairo. Parece que o meu destino me impele sempre para aventuras extraordinárias no Cairo!

O rapaz estava a ler quando entramos; mas desfitou imediatamente o olhar do livro, pois sentiu que ela se achava presente. Parece-me que ele não deu por mim.

“Minha querida”, disse ele alto, “vi as Pirâmides!”

Ela colocou-lhe a mão na testa e ele cerrou os olhos para a ver melhor.

Em seguida dirigiu a mão para a mesa, abriu novamente os olhos e agarrou num lápis e no papel. Vi-a guiar a mão dele, que escreveu:

“Trouxe um amigo. Podes vê-lo?”

“Não posso”.

O rapaz falava em voz alta e ela comunicava-se, pelo lápis que ele segurava e pela sua percepção íntima.

“Não faz mal”, escreveu ela; “não é um egoísta. Mostrou o desejo de te ver, foi por isso que o trouxe. Disse-lhe quanto era feliz e... ele agora já sabe porquê”.

“Esta minha viagem constitui um verdadeiro manancial de gozo inigualável”, disse o rapaz.

“É porque eu te acompanho”, replicou ela.

“Foste comigo às Pirâmides hoje?”

“Fui, embora o sol me impeça de ver distintamente. Mas já lá estive numa noite de luar. Onde tencionas ir agora?”

“Quais são os teus desejos?”

“Gostaria de ir pelo Nilo acima, até Assuan”.

“Irei. Quando devo partir?”

“Depois de amanhã. Até logo, meu amor. Voltarei em breve”.

Instantes depois achavamo-nos ambos cá fora — na claridade suave duma noite estrelada no Egito.

“Então, acha que não lhe disse a verdade?” perguntou ela soltando uma risada onde vibrava o triunfo.

“Mas não deseja penetrar no mundo espiritual?” inquiri

“Haverá coisa mais espiritual do que o amor?” perguntou ela por sua vez. “Não será o amor o cumprimento da Lei?”

“Mas, tornei eu, “escrevi há pouco tempo uma carta aos homens e mulheres da Terra, em que aconselhava a todos aqueles que em breve iam abandonar o mundo a desprender-se dos laços terrenos quanto mais depressa melhor”.

“Quem amar apaixonadamente como eu, não seguirá o seu conselho”, disse ela sorrindo. “Diga-me uma coisa: “Não acha preferível que o Henrique goze da minha companhia durante as longas noites — não acha preferível que ele se sinta feliz, em vez de passar o tempo tristemente saudosos de mim?”

“Mas logo ao princípio? Não ficou inconsolável ao ver-se separado de você?”

“Certamente, até ao momento em que eu lhe dei a perceber a minha presença. Estava uma noite absorto em dolorosos pensamentos quando eu lhe peguei na mão e lhe fiz escrever: “Estou aqui. Fala comigo”. “Meu amor!” exclamou ele, trêmulo de comoção e alegria, “pois estás realmente junto de mim?” “Sim, sou eu; visitar-te-ei todos os dias até vires definitivamente para o mundo onde me encontro”, respondi por meio do lápis.

“Ele ignorava por completo que, por acaso, era o que vulgarmente se chama “um médium”, que escreve. De resto nunca o teria sido se não fosse a minha presença numa forma de matéria diferente da dele”.

“Diga-me agora, sinceramente, meu amigo”, acrescentou, “aconselhar-me-ia a nunca mais visitar o Henrique?”

«Dizem que não há regra sem excepção», repliquei. «Parece-me que o seu caso constitui uma dessas excepções”.

«E vai acrescentar um post-scriptum à carta que recentemente escreveu ao mundo?”

“Certamente, se puder”, disse eu. “Contarei a sua história. Os meus leitores tirarão dela a necessária conclusão».

“Agradecida”, respondeu ela.

“Mas, acrescentei, “quando Henrique por sua vez vier para cá, devam ambos afastar-se do mundo”.

“E o senhor já se afastou do mundo?”

“Sim, até certo ponto. Se aqui permaneço por mais algum tempo é com o fim de acabar certa obra que ocupa os meus pensamentos presentemente”.

“E depois? Onde tencionas ir?”

“Tenciono visitar outros planetas”.

“Agrada-me a idéia. Hei de propô-la a Henrique, quando ele vier”.

Conto-lhe esta história, minha boa amiga, para que a aprecie, segundo o seu devido valor. Há casos como este, em que os laços terrestres conservam a supremacia. Mas falando dum modo geral, continuo firme e inabalável nas minhas prévias asserções e nos meus prévios conselhos.

CARTA LIII

OS ARQUIVOS DA ALMA

Tenho-me referido várias vezes à minha resolução de visitar outros planetas, quando acabar de escrever estas cartas; devo contudo fazer notar que estas viagens pelo universo não possuem tanto valor espiritual como as viagens de estudo que tenho feito e continuarei a fazer aos recessos mais íntimos da minha alma. É claro que as viagens pelo

espaço e pelo tempo têm também uma grande importância devido ao conhecimento que o homem adquire, ao observar as várias terras, os diferentes povos, ao ver a diferença que existe entre esses povos e ele, e anotar as causas dessa diferença; contudo, a meditação solitária também constitui um grande fator na evolução. Se dessem a escolher a um homem cujas percepções espirituais se acham em pleno vigor, entre estes dois modos de passar o tempo e de evoluir, seria certamente preferível isolar-se numa cabana, no meio de espessos bosques, e dedicar-se a desvendar os segredos que a sua alma encerra, do que viajar até aos confins do mundo sem ter procedido a esse exame de si próprio.

Trave conhecimento com a sua alma, minha amiga. Informe-se da razão por que faz isto ou aquilo, por que sente isto ou aquilo. Quando no seu espírito se erguerem dúvidas acerca de qualquer assunto, não se agite, deixe a verdade emergir das profundezas do seu íntimo. Examine sempre os motivos que a impelem. Não diga: "Eu devo fazer esta ação por estas e aquelas razões; portanto faço-a por essas razões". Esses argumentos constituem uma auto-decepção. Se praticar uma ação boa, interrogue-se a si própria, a fim de saber o motivo que a determinou. Se procurar bem, talvez encontre mesmo numa boa ação, um motivo escondido de egoísmo. Se é realmente esse motivo, não o negue a si mesma. Não é necessário, evidentemente, anunciá-lo a todos, escrevendo-o em grandes caracteres nas paredes da sua casa, mas confesse-o a si própria. Essa compreensão secreta fará-la-á mais benevolente para com os motivos dos outros e compreendê-los-á melhor.

Esforce-se sempre por atingir o ideal; mas não se apresse a achar toda e qualquer emoção ideal, quando assim não o seja. Nunca falte à verdade para consigo mesma. Enquanto não ousar dizer sempre a verdade, poucos progressos fará nas pesquisas da sua alma.

Há muito tempo para meditar nos intervalos das vidas terrestres, porém devemos-nos habituar a meditar enquanto estamos ainda na Terra. Os hábitos adquiridos na Terra têm uma tendência para continuarem a evidenciar-se neste mundo. Essa é uma das razões porque nos devemos libertar, o mais possível dos hábitos físicos.

Se aquela minha linda amiga que todas as noites visita o marido a fim de escrever mensagens apaixonadas pela sua mão, passasse a maior parte do tempo a adquirir conhecimento neste novo mundo, a fim de o compartilhar com ele,

então talvez a sua comunhão recíproca fosse trigo sem jôio; porém receio que assim não seja. Procurá-la-ei de novo e dar-lhe-ei alguns conselhos paternos. Ela possui um espírito ativo e fácil de impressionar, portanto talvez me preste atenção. Ele interessar-se-ia pelas experiências da esposa, já não digo por qualquer razão especial, mas bastava o fato de ser ela que as fazia. Sim, é preciso que fale com ela novamente.

Tenho descoberto coisas maravilhosas nos arquivos da minha alma. Encontrei as recordações do meu passado inteiro, abrangendo mesmo épocas incrivelmente remotas. Pelo exame minucioso dos efeitos produzidos numa vida pelas causas originadas noutra, aprendi muito mais do que espero jamais aprender na viagem que tenciono fazer aos planetas.

Tudo existe na alma; todo o conhecimento, por muito variado que seja, existe na alma. Veja se consegue atingir essa idéia. A parte infalível é que está escondida em nós, o nosso dever é trazê-la à luz. Percebe agora o motivo por que aconselho às pessoas desencarnadas que aqui chegam, a fugir às distrações e às miragens deslumbrantes da vida terrestre? Porque a alma só concede os seus segredos na quietude da indiferença e da solidão. Não vá julgar que não faço caso dos amores terrestres; pelo contrário, amo agora mais do que nunca os entes queridos que deixei na Terra. Mas como tenho o espírito sereno, compreendo que será melhor para eles e para mim amá-los com ponderação, com sabedoria; submeto-me, portanto, à linha de conduta traçada pela minha consciência.

Mas às vezes a Terra chama-me com tamanha intensidade que o meu coração não resiste a responder através do véu que me separa dela.

CARTA LIV

UMA FÓRMULA PARA ATINGIR A DIGNIDADE DE MESTRE

Minha amiga vou cessar as minhas visitas por algum tempo — talvez por muito tempo.

Parece-me que completei a minha primeira obra com a Terra. Quero aliviar ainda mais o meu fardo, quero voar sobre as ondas do éter — cada vez mais longe — e esquecer, embevecido pelos encantos dessa excursão, o pensamento penoso do regresso inevitável à Terra, nos transe do nascimento.

A Alma Misteriosa e Bela acompanha-me nesta viagem de descoberta. Como já fez esta jornada será um guia preciosíssimo que me mostrará mil maravilhas.

Ao despedir-me de você, sinto-me confrangido.

Lembra-se da última vez que me viu na Terra? Nenhum de nós pensou então que nos tornaríamos a encontrar numa terra estranha e sob condições tão extraordinárias que certamente meio mundo duvidará da verdade do nosso encontro e o outro meio mundo pensará, abanando a cabeça, se realmente será verdade termo-nos encontrado.

Diga-me, achou-me alguma vez mais real, mais verdadeiro do que esta noite? Quando conversávamos juntos em tempos passados, pressentia menos o que eu tencionava dizer, do que agora? Por mais que se esforce não lhe será possível agora adivinhar o que lhe vou dizer. Isto provar-lhe-á, pelo menos a você, que continuo a ser verdadeiro, que não sou fictício.

Peço-lhe que transmita algumas mensagens minhas a amigos. Diga... E diga... E qualquer dia diga ao meu rapaz que se esforce por ter uma vida honesta e corajosa. Vigia-lo-ei. Diga-lhe que confie nesta direção íntima, sem receio, quando alguma vez a sentir. Diga-lhe que procure a luz no seu íntimo.

Por agora não tenho mais nada de especial a dizer ao mundo. Mas desejo que publique estas cartas, omitindo alguns parágrafos pessoais.

Sim, talvez se passe muito tempo antes que a torne a ver. Não se entristeça. Quando eu me for embora, é possível que apareça outra pessoa.

Não cerre demasiado a porta; mas conserve-se sempre vigilante a fim de não permitir a entrada a quem não souber a senha.

Ninguém a enganará, pois tive o máximo cuidado em a instruir a esse respeito.

Não posso escrever longamente esta noite, porque sinto uma certa tristeza por deixar a Terra. Mas em breve vibrarei todo com o interesse da minha próxima viagem. Calcule!

Ver os planetas distantes e os respectivos habitantes. Encontrarei os “homens de rosto quadrado?” Talvez.

Dizem que há no planeta Júpiter uma raça de seres admiráveis de beleza. Vou vê-los. Serão mais lindos do que a nossa querida Alma Misteriosa e Bela, que tanto ama a pequena Terra e nunca a abandona por tudo lá se achar numa luta constante?

Quão inefável é a alegria de lutar! É a chave da imortalidade, é a chave do poder! Será esta a minha derradeira mensagem ao mundo. Diga-lhes que gozem das suas lutas, que estremeçam de prazer pelas possibilidades infinitas de combinação e de criação, que vivam intensamente, cada momento de vida, enquanto se preparam para o futuro longínquo, e que não exagerem a importância das faltas e dos desapontamentos momentâneos.

Quando para cá vierem e examinarem o panorama das suas vidas, convencer-se-ão de que a maior parte das causas da sua ansiedade eram triviais e que as luzes e as sombras eram necessárias ao conjunto do quadro.

Também tive as minhas luzes e as minhas sombras, mas o que lá vai, lá vai. O Mestre aprecia as dificuldades como um nadador aprecia a resistência da água.

Gostaria de fazer-lhe compreender o poder que obtemos por encararmos a luta — não só com coragem, como lhe diriam todos os cretinos, mas com prazer. Pois não é verdade que todo rapaz são de corpo gosta de jogar a pancada? O sangue circula-lhe veloz nas veias, os nervos vibram; mas aquele cuja cabeça se conservar fresca e serena é que tem mais probabilidades de vencer.

A vida é uma luta. É preciso vencê-la, para que ela não nos vença.

Não há nada mais potente no Universo do que a vontade do homem, quando dirigida por uma unidade poderosa de força. Seja qual for a sua força, aproveite-a o mais possível na luta da vida.

Lembre-se que os seus adversários não são outros homens, mas sim condições. Se lutar com os homens, eles lutarão com você; porém se lutar com as condições, elas carecendo de inteligência submeter-se-lhe-ão, apresentando unicamente a resistência suficiente para lhe conservar os seus músculos em bom estado.

E não se esqueça da Lei do Ritmo — que constitui a mola principal de tudo. Conte com o ritmo; nunca falhou, nem nunca falhará. Vigie as próprias marés altas e eleve-se

com elas; quando sobrevierem as inevitáveis marés baixas, descanse ou medite. Não pode escapar ao ritmo. Trabalhando com ele, transcende-o.

... Pode também dar uma reviravolta e rejuvenescer, porque o tempo também tem as suas marés; há muitas ondulações no grande oceano da vida.

Sinto que deixo muita coisa por dizer. Mas... Até breve, quem sabe?

FIM

BIBLIOTECA ESPIRITA
IRMÃ CLARA LUZ DIVINAL

Por quê CARTAS DE UM MORTO VIVO?

Quando do lançamento da obra "Nosso Lar", psicografada por Francisco Cândido Xavier, houve uma certa celeuma nos meios espíritas, seguida por dúvidas de certos confrades dentro de instituições de realce.

O prof. Herculano Pires foi um dos que ao ler as minúcias da vida post-mortem descritas nos livros de André Luiz, colocou em xeque a questão do consenso universal mencionado reiteradas vezes por Allan Kardec, pelo qual às comunicações espíritas era exigido um mínimo de concordância entre si, ao serem produzidas por vários médiuns e em locais de trabalho diferentes. Chico Xavier, chamado a pronunciar-se sobre a questão, alegou que existiam livros de língua inglesa semelhantes à vida espiritual descrita em "Nosso Lar".

CARTAS DE UM MORTO VIVO, recebida psicograficamente pela médium norte-americana Elsa Barker, é uma das poucas obras traduzidas para o português que descreve com suficiente clareza a vida espiritual.

O estudioso das comunicações espíritas poderá perceber facilmente os maneirismos, trejeitos e peculiaridades do espírito comunicante e a pequena cultura doutrinária de médium, ocasionando por vezes falhas e incongruências espíritas que a revisão deixou passar, sob pena de ver-se acusada de mutilação de originais.

Porém, tudo o mais do livro vem salpicado de matizes que deleitam e ensinam o leitor, aplacando de certa forma a ira dos que apregoam o consenso universal nas obras de André Luiz, colocando no seu devido lugar o irrepreensível médium Francisco Cândido Xavier.

